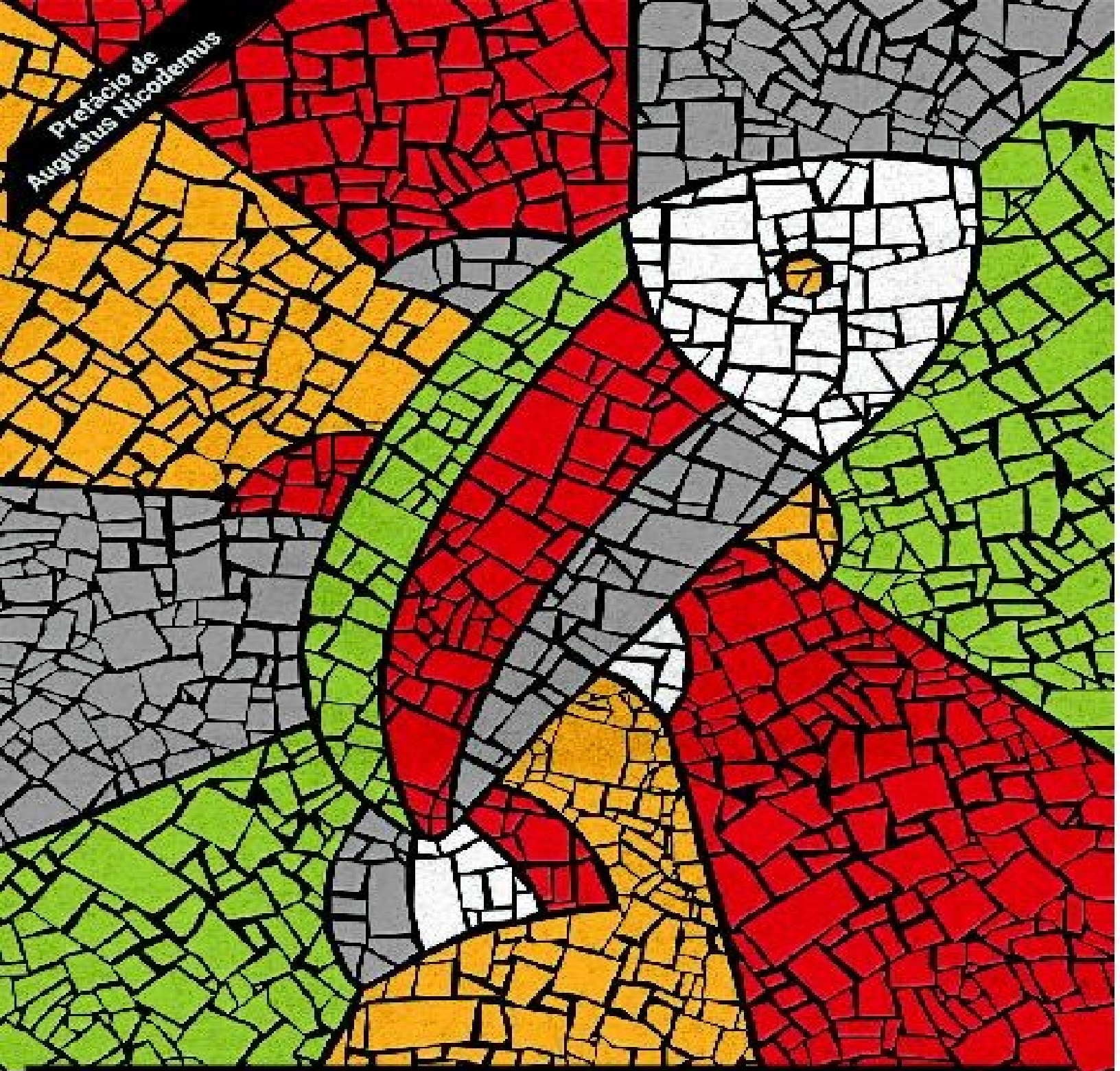
Prefácio de Augustus Nicodemus



MOSAICO TEOLÓGICO

Esboço de Doutrinas Cristãs

VOLUME 1

Rodrigo Bibo de Aquino

Alexander Stahlhoefer · Maurício Machado · Alexandre Milhoranza

Mosaico Teológico

Rodrigo Bibo de Aquino - Alexander Stahlhoefer - Maurício Machado - Alexandre Milhoranza

BTBOOKS 2014

Copyright ©2014 Rodrigo Luis de Aquino

2ª. Edição corrigida

Direção Editorial:
RODRIGO BIBO DE AQUINO

Revisão Ortográfica:
CARLA LANZA E JOAQUIM AVELINO JÚNIOR

Diagramação:
JUNIOR PERES

Arte da Capa:
MURILO PRUNER

M894
Mosaico teológico: esboço de doutrinas cristãs / Rodrigo Bibo de Aquino (Org.) – Joinville: BTBooks, 2013.
144 p.

ISBN: 978-85-62174-15-5

1. Doutrina cristã. 2. Ortodoxia. 3. Teologia sistemática. I. Rodrigo Bibo de Aquino. II. Alexander Stahlhoefer. III. Maurício Machado. IV. Alexandre Milhoranza. V. Título.

CDD: 230

Todas as citações bíblicas foram extraídas da
Nova Versão Internacional (2012 - Vida).
Salvo indicação contrária.

Acesse bibotalk.com.br e leia os e-books
do selo BTBooks

btbooks@bibotalk.com

Agradecimentos

A Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, pela luz, inspiração, ânimo e graça.

Às nossas famílias, que suportaram as horas de trabalho com amor e carinho.

Aos amigos, que deram ideias, toques, críticas e apoio ao projeto.

Aos ouvintes do BTCast e leitores do Bibotalk, que depuraram nosso conhecimento, criticaram nossos erros, questionaram nossas certezas e apoiaram nosso ministério.

Aos doadores do Crowdfunding, que tornaram este projeto uma realidade.

Às nossas igrejas, olarias onde Deus nos moldou, oficinas onde nos consertou.

Ao Junior Peres, que contribuiu com um excelente trabalho de diagramação, transformando palavras em arte.

Ao Marlon Girardelo, pelo Hotsite do Mosaico, ferramenta fundamental para que o livro chegasse até você.

Ao pastor Augustus Nicodemus pela leitura atenta e comentários valiosos.

Prefácio

Ouço, com muita frequência, que teologia prejudica, atrapalha e divide, e que o melhor para a igreja cristã seria simplesmente ler a Bíblia como ela é e seguir Jesus. Este tipo de pensamento parte de uma compreensão equivocada do que seja o cristianismo e cria uma bifurcação entre teologia e prática, que traz resultados danosos para os que nela acreditam. Teologia é falar sobre Deus e as coisas pertinentes a Ele. Ninguém precisa de uma formação técnica em teologia para fazer teologia. No momento em que alguém diz que “a teologia é uma construção humana e nós deveríamos apenas nos contentar em ler a Bíblia e seguir Jesus Cristo”, esta pessoa acabou de fazer um profundo pronunciamento teológico. A teologia é inevitável, e é bom que seja assim. O que nos preocupa não é a teologia em si, mas aquela que é mal feita, que não respeita e honra a fonte primária da teologia, que são as Escrituras do Antigo e do Novo Testamentos.

A teologia, além de inevitável, é necessária para nos ajudar a viver a vida cristã de maneira consistente e coerente. Se eu conseguir entender corretamente quem é Deus e o que Ele requer de mim, assim como aquilo que Ele, graciosamente, me promete e concede, poderei orar melhor, servir melhor e

louvar melhor. Terei melhores condições de analisar e aceitar, ou rejeitar, aquilo que outras pessoas dizem sobre Deus e sobre Jesus Cristo. Em outras palavras, se a teologia é um mal, devemos admitir que ao menos é um mal necessário.

O livro que o leitor tem em mãos é um livro de teologia. Apesar de se denominar um “mosaico”, que dá a ideia de algo fragmentado e parcial, é na verdade uma abordagem teológica bastante abrangente dos principais temas que vêm ocupando a imaginação e desafiando a compreensão da cristandade há mais de 2.000 anos.

Contudo, essa “teologia” é diferente, em alguns pontos, de outras disponíveis no mercado evangélico nacional. Ela nasceu de baixo, como fruto de entrevistas e discussões, apuradas por comentários e críticas, entrevistas estas realizadas pelo ministério BiboTalk de podcasts cristãos. Seus autores, Alexander Stahlhoefer, Alexandre Milhoranza, Maurício Machado e Rodrigo Bibo de Aquino, desejaram, com isto, apresentar de maneira mais informal e descontraída – como seus podcasts – uma visão sintética e ampla de temas centrais para o cristianismo.

Apesar da diversidade das tradições evangélicas dos autores, há um consenso teológico entre eles que dá uma espinha dorsal ao livro. Certamente, não é uma obra guiada pelo liberalismo teológico, pelo pentecostalismo exacerbado ou pelo fundamentalismo bitolado, mas por uma visão evangélica comprometida com a autoridade da Palavra de Deus.

O fato de serem jovens teólogos contribui para a percepção das necessidades do grande número de jovens que compõe o evangelicalismo brasileiro e a forma correta de atendê-las. É por isto que me sinto muito honrado em escrever esta apresentação.

Augustus Nicodemus Lopes
São Paulo, janeiro de 2014

Introdução

Por quatro anos, em mais de 60 episódios, estivemos oferecendo um olhar crítico sobre temas da teologia cristã em nosso *podcast*, o #BTCast. Esse recurso em áudio abençoou e ainda abençoa muitas pessoas. Centenas de e-mails e testemunhos confirmam isso. Lemos sobre irmãos e irmãs que voltaram para Cristo, outros que descobriram a importância da teologia, o valor da comunidade e o alívio da graça. Deus é glorificado em tudo isso.

Agora lançamos esse livro com o propósito de apresentar um esboço de

doutrinas do cristianismo e fornecer embasamento teológico para a fé daqueles que amam o Senhor Jesus, mas sentem dificuldades em explicar a sua crença. A Bíblia já nos alerta "*Antes santifiquem Cristo como Senhor em seu coração.* Estejam sempre preparados para responder a qualquer pessoa que lhes pedir a razão da esperança que há em vós" (1Pe 3.15 – grifo nosso).

Um dos elementos que Deus utilizou para preservação do cristianismo foi a inteligência de pessoas que defendiam a fé cristã com bons argumentos tanto daqueles que estavam no poder e faziam acusações contra os cristãos como daqueles que procuravam adicionar elementos estranhos à doutrina cristã.[1] Por isso, é muito importante que entendamos ao menos o básico das principais doutrinas bíblicas.

Esse livro não busca originalidade, não quer inventar nada, nenhuma nova doutrina, afinal, que novidade pode ser dita perante tantos séculos de estudos teológicos? Acreditamos que nenhuma. Geralmente, quando um expoente das Escrituras vem com coisa nova, é bom ficarmos alertas, pois a chance de ser uma heresia é forte. Por isso, nossa proposta é permanecer nos ombros dos gigantes da nossa história e expor um esboço das doutrinas cristãs de maneira clara e sem rodeios, ou seja, fiel ao conteúdo da ortodoxia cristã[2] na linguagem que você conhece, só que em vez de estar nos ouvindo, estará nos lendo.

Destacamos ainda que esse mosaico está longe de ser completo, por isso, alguns pontos ficarão de fora, outros receberão mais atenção e, quem sabe, a própria ordem das ideias não seja a mais correta aos olhos de alguns. Todavia, enquanto esboço, esse livro cumpre seu papel de expor alguns pontos centrais da fé bíblica numa linguagem clara e acessível, além de proporcionar ao leitor a chance de, junto conosco, tornar esses pontos mais compreensíveis aos nossos irmãos e irmãs na fé.

Por fim, o referencial teórico que monta essas páginas é de vertente luterana com fortes influências pentecostais e reformadas. Talvez alguns pentecostais possam dizer: *isso não soa pentecostal*, ao passo que alguns reformados ou luteranos poderão pensar: *isso não é teologia reformada/luterana*. Vamos fazer o quê? Somos, na verdade, um pouco de tudo isso, nós mesmos somos um mosaico teológico.

Sem delongas, vamos ao que interessa!

Capítulo 1
Breve história

de um credo

por Rodrigo Bibo de Aquino

“A tradição é o sangue da teologia. Separada da tradição, a teologia é como uma flor cortada sem suas raízes e sem o solo, logo murcha na mão. Uma sã teologia nunca nasce de novo. Ao honrar a sã tradição, se assegura a continuidade teológica com o passado. Ao mesmo tempo, a tradição cria a possibilidade de abrir novas portas para o futuro. Como diz o provérbio: ‘A tradição é o prólogo do futuro’.” — Gordon J. Spykman

Como dito na introdução, estamos organizando nosso mosaico a partir das afirmações de um credo antigo da igreja cristã, elaborado no século IV, por um concílio que procurava firmar alguns pontos da fé cristã. Apresentamos a vocês o *Credo Niceno-Constantinopolitano*:

> “Cremos em um Deus, Pai todo poderoso, criador do céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis; e em um Senhor Jesus Cristo, o unigênito Filho de Deus, gerado pelo Pai antes de todos os séculos, Luz de Luz, verdadeiro Deus de verdadeiro Deus, gerado não feito, de uma só substância com o Pai, pelo qual todas as coisas foram feitas; o qual, por nós seres humanos e por nossa salvação, desceu dos céus, foi feito carne do Espírito Santo e da virgem Maria, e tornou-se humano, e foi crucificado por nós sob o poder de Pôncio Pilatos, e padeceu e foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia conforme as Escrituras, e subiu aos céus e assentou-se à direita do Pai, e de novo há de vir com glória para julgar os vivos e os mortos, e seu reino não terá fim; e no Espírito Santo, Senhor e Vivificador, que procede do Pai, que com o Pai e o Filho conjuntamente é adorado e glorificado, que falou através dos profetas; e na Igreja una, santa, católica e apostólica; confessamos um só batismo para remissão dos pecados. Esperamos a ressurreição dos mortos e a vida do século vindouro.”[3]

O *Credo Niceno-Constantinopolitano* foi elaborado em 381 d.C. no Concílio ecumênico de Constantinopla. Ele tem esse nome, pois os teólogos presentes nessa reunião decidiram preservar o que já tinha sido firmado no Concílio de Nicéia em 325 d.C. A diferença é que o *credo niceno* para na frase “*e no Espírito Santo*”, seguido por uma seção condenatória das ideias de Ário, um herege que negava a eternidade de Cristo entre outras coisas.[4] Como depois de 325 a pessoa do Espírito Santo também ocupou lugar nas controvérsias

teológicas, o Concílio de Constantinopla precisou ampliar as sentenças sobre a terceira pessoa da Trindade.

A preocupação com a formulação de doutrinas que pudessem guiar a crença da igreja, já é encontrada no Novo Testamento. Seus escritos são, em sua grande maioria, explicações e ampliações das palavras de Jesus. Vemos no apóstolo Paulo o cuidado em guiar seus leitores pelo caminho do Evangelho. Suas cartas nascem no intuito de responder as dúvidas das igrejas locais e mostrar como o cristianismo percebe a vida.

Manter a fé apostólica continuou sendo a tarefa da igreja, ainda mais depois que o cristianismo atravessou fronteiras. O contato com o mundo exterior gerou novas perguntas que pediam novas respostas. As confissões de fé da igreja primitiva tiveram que ser mais claras e precisas. Como afirma o historiador Martin Dreher[5]: "Os cristãos foram, em suma, forçados a fazer teologia. Tiveram que fazer formulações dogmáticas". E já por volta de 150 d.C., encontramos o credo batismal. Esse credo foi amplamente aceito pelas igrejas cristãs nos primeiros séculos, tanto que os credos posteriores se embasavam nele.[6]

> Creio em Deus, o Pai, onipotente, e em Jesus Cristo, seu único filho, nosso Senhor, nascido do Espírito Santo e da virgem Maria, que foi crucificado sob Pôncio Pilatos e sepultado, ressuscitou no terceiro dia de entre os mortos, subiu aos céus, está assentado à direita do Pai, de onde virá para julgar os vivos e mortos; E no Espírito Santo, a santa Igreja, a remissão dos pecados, a ressurreição da carne.

É importante resgatarmos essa história, porque muitas vezes nós temos a mania de ignorar a história da igreja antiga, achando que "essas coisas pertencem à Igreja Católica". E isso é um erro, pertencem à Igreja do Senhor Jesus Cristo. Nenhuma denominação tem os direitos autorais desses credos. Aceitando ou não, herdamos essa tradição e devemos preservá-la. Lembro-me da frase que meu professor de Novo Testamento um dia falou em sala de aula: "A tradição é a fé viva dos que morreram".[7]

Entre os anos de 325 e 451 a igreja formulou os seus principais dogmas, fruto de quatro concílios universais.[8] Se hoje em dia afirmamos, sem muita dor de cabeça, que um só Deus é ao mesmo tempo três Pessoas, que Jesus Cristo é 100% homem e 100% Deus, devemos isso ao labor teológico desses líderes reunidos em concílio. Ou seja, moeram a cana para tomarmos o caldo!

Só para terem uma ideia, vou escrever em poucas linhas a história por trás do credo que estamos usando como base para montar nosso mosaico: o Credo Niceno-Constantinopolitano. Porém, para falar do concílio de 381, precisamos voltar um pouco no tempo.

No concílio que houve em 325, em Nicéia, presidido pelo próprio imperador Constantino, a ortodoxia "venceu" o *arianismo,* conjunto de doutrinas oriundas das ideias de Ário, aquele mesmo que já mencionei acima. Ele negava a verdadeira divindade de Cristo, dizia que Ele não existiu desde a eternidade, que era uma criatura de Deus criada antes do tempo, não Filho da mesma substância que o Pai. Cristo se tornou divino pela sua obediência à vontade do Pai. Para Ário, Cristo era divino, mas não como o Pai. Todo esse rebaixamento da pessoa de Cristo era para evitar uma concepção politeísta de Deus.[9] Ário teve dificuldades com a doutrina da Trindade. No fundo, não podemos culpá-lo, pois ainda hoje muitos se perdem ao explicá-la.[10]

A Igreja responde às ideias de Ário, as quais ganhavam muitos adeptos, com o *Credo de Nicéia*, que não reproduzo aqui, pois é praticamente idêntico ao credo que abre esse capítulo.[11] Mesmo assim, por mais que algumas questões teológicas fossem elucidadas, sempre surgiam outras, como por exemplo, as ideias de Apolinário, que no afã de exaltar a divindade de Jesus, minimizou sua verdadeira humanidade. Ele propunha que Cristo até tinha um corpo e uma alma reais, mas era no Seu espírito que residia a Sua divindade, ou seja, "segundo Apolinário, Jesus Cristo era divino nesse sentido: o *Logos* eterno – o Filho de Deus – assumiu o lugar da alma racional [espírito] de Jesus". Trocando em miúdos, ele entendia Cristo como Deus em um corpo. Se nesse momento você pensou: "Não consegui identificar o erro, não percebo o que tem de grave nessa ideia", fique tranquilo, continue a leitura, pois no capítulo sobre Cristo, vamos explicar passo a passo como entender as naturezas de Cristo e o que isso tem a ver com nossa salvação.

Outro exemplo de discussão que rolava naquela época, agora envolvendo o Espírito Santo, tinha como protagonista um bispo chamado Macedônio. Ele ensinava que o Espírito Santo não era como Deus, mas como os anjos, um "ministro e servo". Sendo assim, Ele era subordinado ao Pai e ao Filho.

Essas e outras questões levantaram muitas discussões nas comunidades, levando a Igreja a se reunir mais uma vez em concílio, só que agora em Constantinopla, no ano de 381. Desse sínodo nasce o *Credo Niceno-Constantinopolitano,* expressando o labor teológico de muitos homens dedicados a preservar a correta doutrina cristã.

Depois de Constantinopla, houve ainda o sínodo de Éfeso em 431, que não produziu nenhum credo, mas barrou heresias em torno da pessoa de Cristo, e em 451 ocorreu o concílio ecumênico de Calcedônia, o qual mais uma vez ratificou o *Credo Niceno-Constantinopolitano*. Houve outros concílios, mas somente esses quatro são aceitos como universais e balizadores da fé cristã.[12]

Escolhemos o credo de 381, pois ele sintetiza bem o núcleo doutrinário da igreja primitiva. Obviamente ele não é completo e deixa muitos pontos de fora, mas é suficiente para ser a base do nosso mosaico teológico.

Os concílios ecumênicos da Igreja[13]

LOCAL	DATA	IMPERADOR	PRINCIPAIS PARTICIPANTES	PRINCIPAIS CONCLUSÕES
NICÉIA	325	Constantino	Ário, Alexandre, Eusébio de Nicomédia, Eusébio de Cesaréia, Hósio e Atanásio	Declarou o Filho coigual, da mesma substância que o Pai, coeterno. Condenou Ário. Preparou o Credo Niceno.
CONSTANTINOPLA	**381**	**Teodósio**	**Melécio, Gregório de Nazianzo e Gregório de Nissa**	**Confirmou o que foi acordado em Nicéia. Revisou o Credo Niceno. Encerrou problemas trinitários. Confirmou a divindade do Espírito Santo Condenou o herege Apolinário.**
ÉFESO	431	Teodósio II	Cirilo e Nestório	Declarou o nestorianismo herético. Condenou Pelágio.
CALCEDÔNIA	**451**	**Marciano**	**Leão I, Diósquio e Eutíquio**	**Declarou as duas naturezas de Cristo sem mistura, imutáveis, indivisíveis e inseparáveis.**

Capítulo 2
Deus

por Rodrigo Bibo de Aquino

Cremos em um Deus, Pai todo poderoso, criador do céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis

Com os ateus saindo do armário e o agnosticismo – que é uma postura neutra diante da existência de Deus – atraindo novos adeptos, é fundamental confessar que cremos em Deus. Mas em qual Deus, nós, cristãos, cremos? Naquele que se revelou nas Escrituras, o criador de todas as coisas. No Pai de Jesus Cristo. Porém, por que vocês creem? Podem perguntar. Não sei quais são as suas respostas, mas geralmente respondo: *Creio porque Ele quis que eu cresse. Porque Ele transformou a minha vida*. A resposta é subjetiva e não apresenta prova externa, eu sei, mas a própria Bíblia não procura oferecer uma prova racional quanto à Sua existência, pelo contrário, ela já começa tomando como pressuposição básica (Gn 1.1), que Deus existe. Ele é o ponto de partida.

Admiro o trabalho dos apologistas modernos, como William Lane Craig, os quais defendem o cristianismo dos ataques constantes de ateus como Richard Dawkins. Fazem debates públicos e mostram que o cristianismo também produz intelectuais. Contudo, em última análise, a defesa do cristianismo parte, em grande medida, da Bíblia, livro que não possui crédito para quem não acredita em Deus, por isso, o debate nunca tem fim. Só acaba, quando o ateu é agraciado com a percepção da presença de Deus. Citamos como exemplo a conversão de C.S. Lewis. Com isso, não quero dizer que o empenho dos apologistas é em vão, como disse acima, admiro o trabalho deles. O que estou dizendo, é que no fundo, toda argumentação lógica só tem efeito se o Deus da Bíblia fizer sentido para os ateus, caso contrário, Deus não passará de uma ideia que se discute, e Deus não é uma ideia, ele é *uma Pessoas*.[14]

Deus se revelou

Só conseguimos falar sobre Deus porque Ele se apresentou a nós. Sem Sua

revelação, continuaríamos a falar sobre deuses. E aqui já me adianto a dizer que falar sobre Deus e Sua autorrevelação é falar sobre Seu amor. Dito isto, que espaço preenchemos em Sua agenda? Qual necessidade Deus tem que possamos supri-la? Nenhuma! Pelo contrário, só O incomodamos. Ele não tem nenhuma necessidade, inclusive de comunhão, pois Deus é Trindade – Pai, Filho e Espírito vivem em harmonia uns com os outros. Por isso, falar de autorrevelação de Deus é sinônimo de amor de Deus. A autorrevelação mostra inclusive que Deus não nos criou e depois foi se aventurar em outras partes do Universo, como se nós fôssemos somente mais uma parte de seu imenso quebra-cabeça.

Todavia, por quais meios Deus se fez e ainda se faz conhecer? A tradição evangélica fala em dois tipos de revelação: a *geral* e a *especial*. Vamos entender um pouco cada uma delas.

Na revelação geral Deus se faz conhecer por meio da Sua criação, como Paulo afirma em Romanos 1.20: "*Pois desde a criação do mundo os atributos invisíveis de Deus, seu eterno poder e sua natureza divina, têm sido vistos claramente, sendo compreendidos por meio das coisas criadas* (...)". Essa revelação exterior mostra a glória de Deus, visto que a criação "é um espelho que reflete Sua sabedoria e bondade. Sua beleza e funcionamento preciso mostram a perfeição do seu Criador".[15] O que falamos até agora pode ser classificado como *revelação geral exterior*. Vamos falar agora sobre a *revelação geral interior*.

Como criação de Deus, o próprio ser humano tem a noção da existência de um ser superior. Para Lutero, um dos reformadores da Igreja no século XVI, a revelação geral se manifestava por meio de um conhecimento inato da existência de Deus. Dizia ainda que a lei moral de Deus está escrita no coração das criaturas, de forma que todos têm uma noção do que é certo e errado. João Calvino, outro reformador, do mesmo período, disse: "que existe na mente humana, e na verdade por disposição natural, certo senso da divindade, consideramos como além de qualquer dúvida".[16]

Porém, só com a revelação geral, o ser humano tem uma visão distorcida de Deus, incompleta, devido ao pecado que permeia a criação. O pecado impede o conhecimento de Deus só por meio da revelação geral; isso ajuda a explicar a idolatria e o paganismo. Por isso, precisamos da *revelação especial*.

Na revelação especial Deus se faz conhecer mediante as Escrituras. Como bem diz uma confissão de fé reformada:

> "Foi Deus quem se fez conhecer aos homens. Primeiramente, por suas obras, tanto pela criação como pela conservação e maneira como Ele a conduz. Também, e mais claramente ainda, pela Palavra, a qual foi primeiramente revelada verbalmente e em seguida escrita nos livros que

nós chamamos: Santa Escritura.”[17]

No fundo, o que sabemos do verdadeiro Deus está restrito àquilo que Ele escolheu revelar de Si mesmo na Bíblia,[18] pois é nela que Cristo é apresentado e o ser humano descobre que é caído e carente de salvação. Sendo assim, a revelação especial, ainda que seja para todo o mundo, não está ao alcance de todos, por isso estamos em missão, levando a mensagem do evangelho (revelação especial) para que os seres humanos tenham ciência da sua condição e da salvação que Deus oferece em Jesus Cristo.

Fica evidente assim, que nós conhecemos a Deus por causa de Deus; porque Sua vontade está voltada para relacionamentos.[19]

Não posso terminar essa parte sem mencionar um fato intrigante. Deus permanece oculto mesmo em Sua autorrevelação. Como assim? Simples, estamos falando de um ser eterno, independente, supremo e radicalmente diferente de nós. E um detalhe, não conhecemos nem a nós mesmos profundamente, logo, seria arrogância dizer que conhecemos o todo de Deus. Só conhecemos o que Ele revelou, e isso é o que precisamos para estar com Ele na eternidade. Como diziam os teólogos medievais: “o finito não pode conter o infinito”.

Deus se apresentou

Na cultura bíblica, nomear alguém era um momento de considerável relevância, visto o nome ser “expressão do caráter, natureza ou futuro do indivíduo (ou pelo menos, uma declaração do que se espera de quem o recebeu)”. Ou seja, o nome contém uma expressão da natureza do seu portador ou, pelo menos, de algo do seu potencial inerente. E isso fica muito claro no Antigo Testamento, pois encontramos vários nomes para Deus, e é interessante que em cada nome que “Ele usa e aceita, Deus revela alguma faceta do Seu caráter, natureza, vontade ou autoridade”.[20]

No hebraico, dois termos são traduzidos por Deus:[21]

El – a divindade, é um nome genérico para Deus. Significa força e poder e refere-se a Ele na singularidade da Sua natureza divina. O nome *El* é usado para compor outros nomes divinos, como *El Olam*, o Deus Eterno (Gn 21.33), e também para formar nomes hebraicos comuns como Daniel e Eliel. O termo *Elohim* é a forma plural, no entanto, não significa deuses, mas indica aquele único que possui de modo completo todos os atributos divinos.

Adon ou Adonai – descreve Deus como soberano ou Senhor, destacando a Sua autoridade divina e Seu poder efetivo.

Só com esses dois nomes e seus derivados, muitas linhas poderiam ser escritas, mas como nosso espaço é curto, quero investi-lo no nome pessoal de Deus, Iahweh (YHWH),ou Javé em português. Nome que não foi dado por homens, mas foi o próprio Deus que se apresentou com ele. E isso é interessante porque as religiões vizinhas de Israel tentavam controlar seus deuses dando-lhes nomes. Dar um nome era ter poder sobre a deidade. Com nosso Deus é diferente, pois Ele tem nome e com esse nome não se brinca (Ex 20.7).[22]

O nome de Deus, *Iahweh*ou *Javé*, assemelha-se à expressão *Eu Sou*, em hebraico (Ex 3.14), ou seja, relaciona-se ao verbo hebraico "ser", verbo que não significa simplesmente "existir", mas antes "estar ativamente presente"; dessa forma, tem o sentido de uma presença relacional e atuante. Deus dá a conhecer o Seu nome ao povo, pretendendo lhes revelar seu caráter mais íntimo. *Javé* é o Deus ativamente presente entre o Seu povo, nome revelado em meio à crise, escravidão e incertezas (Ex3; 33.19).[23]

Então, a tradução mais próxima do sentido do nome de Deus não seria EU SOU O QUE SOU, mas, EU ESTAREI PRESENTE QUANDO VOCÊS PRECISAREM, isto é, transformar-me-ei naquilo que precisam! Isso, porque "ser", no AT, não significa um ser em si absoluto, mas antes, um "estar aí/presente/atuante" ou até um "revelar-se como auxiliador". "Resumindo, a interpretação mais simples é [...] de acordo com Êxodo 3.14: ele 'é/se mostra/atua'".[24]

E qual é o nome de Deus no Novo Testamento?

No NT Ele é chamado simplesmente de Deus (*Theós* gr.). Por quê? Na fé israelita primitiva não se negava a existência de outros deuses. Veja que o primeiro mandamento não nega, mas apenas conclama para a adoração exclusiva a Javé. Logo, aceitando a ideia de outros deuses, é necessário diferenciar e distinguir o Deus (*El* heb.) de Israel: Javé.

No decorrer da sua compreensão acerca de Deus, Israel aniquilou a existência de outros deuses (Is 45 etc.). Certo teólogo disse que no monoteísmo judaico do tempo de Jesus "o nome próprio de Deus, Javé, perdeu-se, pois ele só fazia sentido enquanto Deus aparecia como sujeito entre outros, sendo necessário diferenciá-lo dos demais por meio de um nome determinado".[25]

Na tradução grega do AT, a Septuaginta (LXX), o tetragrama YHVH (*Iahweh*) é traduzido por *Kyrios* (Senhor), por isso, João Ferreira de Almeida, pastor que fez tradução da Bíblia para o português, traduz tanto o tetragrama do AT como *Kyrios*, *quanto o* do NT como SENHOR.

E no Novo Testamento, quem recebe o título de *Kyrios*? Ele é atribuído a

Jesus Cristo. Logo, o nome de Deus na antiga aliança é ocupado pelo nome de Cristo na nova: "O Jesus exaltado ocupa o papel do próprio Deus no governo do mundo".[26] No NT, Deus também é chamado de Pai, como diz Packer: "Pai é o nome cristão para Deus".

Ao revelar Seu nome, Deus convida o povo para uma relação íntima, e isso faz muito sentido para nós hoje, pois Jesus se identifica com o nome em João 8.58. Ele é o próprio Eu Sou encarnado! Nele, Deus vem ao encontro da humanidade, revelando-se e mostrando-se atuante como nunca antes na história da salvação. Aleluia!

Deus criou

Ao afirmar que Deus criou o mundo, todas as coisas visíveis e invisíveis, a comunidade cristã alega uma relação entre Deus e o mundo. O mundo é o palco da atuação de Deus. Todo o nosso discurso sobre pecado, evangelho e redenção só faz sentido no contexto da criação divina, pois ela expressa a relação entre a Trindade e o mundo. O Deus que cria é o mesmo que salva.

Outra implicação contida nessa afirmação é a de que não estamos jogados ao acaso, o mundo não é um barco à deriva, mas foi criado e planejado com propósitos. Nas palavras de Ronald Hepburn:

> A doutrina cristã é notavelmente rica em implicações avaliatórias e evocativas, características de doutrinas religiosas. Se Deus, como o cristianismo o concebe, é o autor e mantenedor do mundo, o mundo é, consequentemente, um empreendimento planejado e com propósito. Não será adequado falar da vida como "absurda", assim como o fazem os existencialistas ateus. Fará sentido perguntar: "Por que estou aqui? Que propósito Deus tem para minha vida?". As perguntas podem não ser prontamente passíveis de resposta, mas serão no mínimo significativas e apropriadas.[27]

Assim, diferente do naturalismo filosófico, que admite não saber a razão do surgimento do Universo, a Igreja confessa pela fé *que tudo foi criado por Ele e para Ele são todas as coisas* (Cl 1.16). Tudo veio à existência para glorificar a Deus!

A Bíblia diz que "*o Universo foi formado pela Palavra de Deus, de modo que aquilo que se vê, não foi feito do que é visível"* (Hb 11.3). Esse versículo, junto a Gênesis 1.1 "*No princípio Deus criou os céus e a terra",* indica que o Universo não veio de qualquer matéria preexistente, foi feito a partir do nada pela palavra divina. Antes dessa palavra criadora, só existia Deus.

Dizer que tudo foi feito a partir do nada (*creatioexnihilo*) elimina qualquer ideia de que a matéria é eterna "ou que pode haver qualquer espécie de dualismo

no Universo”.[28] Ou seja, se afirmássemos que Deus criou a partir de alguma coisa já existente, estaríamos dizendo que “alguma coisa” também é eterna, atributo este exclusivo de Deus; estaríamos falando de uma existência à parte de Deus e que outra força atua (daí o dualismo) desde a eternidade, ao lado d’Ele. Por isso, afirmamos a criação a partir do nada, pois para nós, só Deus é criador e eterno!

Esse conceito da *creatioexnihilo* não se aplica ao ser humano, o qual foi feito do pó da terra (Gn 2.7) e aos animais do campo e às aves do céu, formados da terra (Gn 2.19). Segundo um estudioso, isso tem sido chamado de criação secundária, uma atividade criativa que parte de materiais já criados. Assim, no testemunho bíblico, temos a criação primária, aquela feita a partir do nada, e a secundária, criação a partir de matéria existente.[29]

Importante ainda é frisar que Gênesis declara que tudo o que Deus criou é bom. O mundo visível é boa criação de Deus, que ficou na responsabilidade do ser humano, coroa dessa criação. Quando a Bíblia diz que o homem deveria dominar a criação (1.26;28), o sentido da palavra deve ser entendido positivamente, e não subjugar a terra explorando-a e destruindo-a. Afinal, no capítulo 2.15 Deus coloca o homem no jardim para que ele cuide e cultive, não o contrário. Vamos falar um pouco mais sobre isso no capítulo sobre o ser humano.

Talvez você esteja se perguntando: “Quando é que esse autor vai falar sobre as discussões que giram em torno da origem da vida? Evolução versus criação?”. Bem, existem livros e mais livros escritos sobre o assunto, sites que frequentemente são alimentados com novas informações.[30] Não teria como, nesse único capítulo, discutir tudo isso. Mas posso dizer que o importante é a igreja confessar que Deus criou todas as coisas. Como Ele criou é o que a ciência tem tentado responder. Com isso, não quero dizer que devemos sustentar todas as teorias científicas acerca da criação, mas não podemos simplesmente dispensá-las.

Quando se fala sobre a origem da vida, nem o próprio criacionismo é unânime. Existem diferentes teorias dentro dessa linha, por exemplo, alguns criacionistas creem na criação antiga da Terra, outros na recente, tendo até um bispo que chegou a datar a origem. O arcebispo James Ussher, interpretando os dias de Gênesis como sendo de 24 horas, e analisando as genealogias do Antigo Testamento, afirmou que Deus criou os céus e a terra em 4004 a.C.[31] Lutero afirmou que a Terra foi criada há 6.000 anos, e outros já afirmaram uma data em torno de 20 mil anos atrás. Como podem ver, a história do cristianismo não é unânime em relação a isso.

Obviamente, as discussões em torno da duração dos dias da criação (dias de 24 horas ou período indeterminado) e as lacunas nas genealogias tornam difícil a interpretação de Gênesis e mais difícil ainda datar a idade do Universo e da Terra.

> Embora o texto não dê abertura para a teoria da evolução biológica, ele também não resolve a questão de quanto tempo Deus levou para trazer a criação à conclusão. Parece que esse não era o propósito do texto. De qualquer maneira, devemos evitar dogmatismo e especulação sobre este ponto.[32]

Sendo assim, devemos ser cautelosos e não ver em Gênesis um relato científico da criação, e sim um relato de fé, visando apresentar o caráter do Criador e o propósito da Sua criação. Gênesis diz que Deus criou, porém a ciência especula como Ele fez isso. Por exemplo, o salmista diz: "... *me teceste no ventre de minha mãe*" (Sl 139.13). Nesse fragmento, seu propósito é exaltar o Deus criador, não explicar o processo de desenvolvimento do feto. Isso, a genética faz!

Penso que não preciso jogar fora as teorias científicas para que Gênesis e outros relatos bíblicos tenham validade. Por exemplo, a *teoria do Big Bang*, ainda aceita como uma teoria sobre a origem, não é inimiga da fé. Como afirma Collins em seu livro:

> "Tenho de concordar. O *Big Bang* grita por uma explicação divina. Obriga à conclusão de que a natureza teve um princípio definido. Não consigo ver como a natureza pôde ter-se criado. Apenas uma força sobrenatural, fora do tempo e do espaço, poderia tê-la originado."[33]

Em minha opinião, o importante disso tudo é a sustentação da crença em Deus como criador e mantenedor do Universo. Ademais, teorias científicas e até teológicas vêm e vão. Sabendo quem criou e por que criou é suficiente para vivermos com propósito e como imagem e semelhança do criador!

Deus é Trino

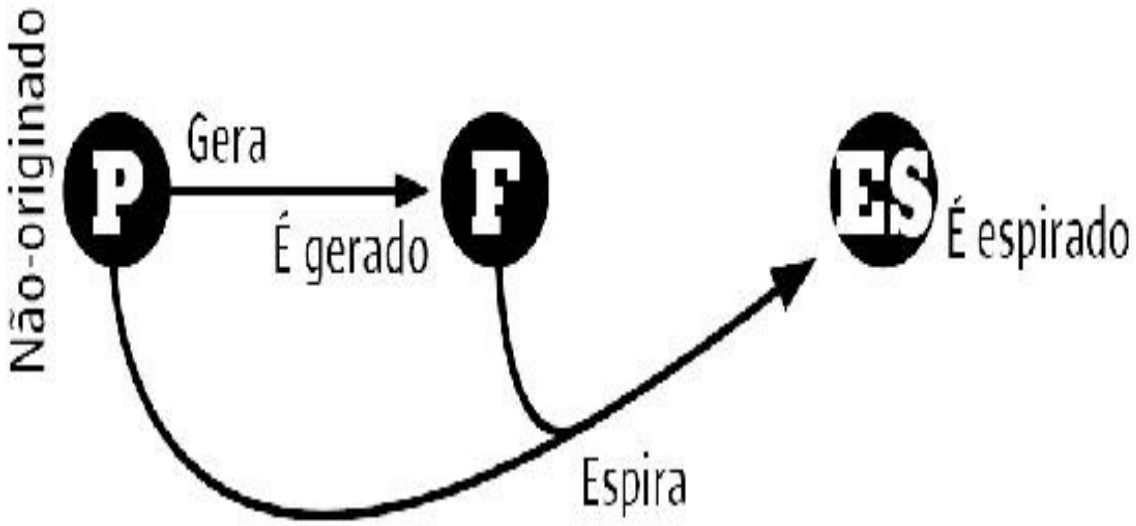
É na doutrina da Trindade que muitos cristãos se perdem, e às vezes defendem posições heréticas sem saber. Mas isso não é um problema só do nosso tempo. Entender um Deus que subsiste em três Pessoas não é muito simples e, por isso, sempre gerou discussão ao longo da história da igreja. O erro mais comum nesse sentido é afirmar a existência somente de uma pessoa divina, Deus, o Pai, que ao longo da história se manifestou de diferentes formas, ora como Pai, ora como Filho e agora como Espírito Santo, ou seja, como se Deus só

trocasse de nome, ou de rosto.[34] Outra heresia que influenciou muito a igreja primitiva foi o *arianismo*, já explicado brevemente no primeiro capítulo. E assim, sempre apareceram na história da teologia pensadores que questionaram a doutrina da Trindade, por isso a relevância desse tema. Mas afinal, como a Igreja de Cristo confessa essa doutrina?

O *Credo Niceno-Constantinopolitano* que estamos utilizando como base do nosso mosaico, já é uma amostra de como a Igreja crê na Trindade, pois nele, Cristo é igual ao Pai e o Espírito Santo procede do Pai e do Filho. Porém, é no *Credo de Atanásio* que encontramos um tesouro na exposição dessa doutrina. Nele, a eternidade do Filho e do Espírito são afirmadas e não somente isso, os atributos do Pai são também os do Filho e do Espírito, assim:

> "Uma é a pessoa do Pai, outra a do Filho, outra a do Espírito Santo; mas uma só é a divindade do Pai e do Filho e do Espírito Santo, igual à glória, coeterna a majestade; qual o Pai, tal o Filho, tal também o Espírito Santo; (...) Eterno o Pai, eterno o Filho, eterno o Espírito Santo; contudo, não são três eternos, mas um único eterno; (...) Assim, o Pai é Deus, o Filho é Deus, o Espírito Santo é Deus; e todavia não há três Deuses, porém um único Deus."[35]

Temos aqui três Pessoas e uma só divindade. A distinção que existe é que o Pai gera o Filho e (Jo 3.16) o Pai e o Filho espiram o Espírito Santo (Jo 15.26), isso na eternidade. Não há diferenças nem subordinações, todas as três Pessoas são coeternas e iguais entre Si. O fluxograma[36] pode ajudá-lo na compreensão:



Geralmente, rebaixam-se o Filho e o Espírito Santo pelo fato de somente o

Pai não ser originado. Contudo, a tradição cristã entende que pelo fato dessa geração ter acontecido na eternidade (o Pai gerar o Filho e juntos espirarem o Espírito Santo), tem-se aqui somente uma divindade, uma natureza divina subsistindo em três Pessoas.

Ainda que a palavra Trindade não apareça na Bíblia, ela foi utilizada por Tertuliano no segundo século para descrever a doutrina[37], mas seu conceito encontra-se em ambos os testamentos.

No Antigo Testamento, já no primeiro capítulo do livro de Gênesis é dito: "*Façamos o homem à Nossa imagem, conforme a Nossa semelhança"*. Deus não poderia estar conversando com anjos ou outros seres celestiais, pois o versículo 27 diz que Deus criou o homem à Sua imagem. "O contexto indica uma comunicação interpessoal divina, que requer uma unidade de Pessoas na deidade".[38]

Outro argumento que aponta para a diversidade no ser de Deus são os textos que falam do "anjo de Javé"[39] (Gn 16; 22; etc.), pois em alguns textos ele é identificado com Javé, como extensão da sua personalidade. Às vezes não fala em nome de Javé, mas como o próprio Javé (Gn 22.11). Seria esse "anjo de Javé" uma manifestação de Cristo no AT?

Interessante também é percebermos que a profecia do nascimento do Messias em Isaías 9.6-7 expõe vários de Seus nomes: *Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz*.

> "Deus Forte" (*El gibbor*) pode ser traduzida literalmente como "poderoso Deus-homem", já que *gibbor* significa um homem poderoso. Essa expressão junto com "Pai da Eternidade" é uma indicação de que a pessoa prevista não é apenas um homem. Ele tem nomes próprios de Deus.[40]

É no Novo Testamento que a doutrina da Trindade fica mais "evidente". Já no primeiro capítulo do seu evangelho, João nos diz que aquele que é a Palavra (*Logos*) estava com Deus desde o princípio, e era Deus. João está falando daquele que se encarnou (v.14), ou seja, Jesus Cristo. Nesse capítulo também fica evidente que tudo que foi criado foi feito por meio do Verbo.

No batismo de Jesus, as três Pessoas da Trindade são manifestas: O Espírito Santo desceu como pomba e o Pai falou dos céus acerca do Filho. Fica evidente nesse acontecimento a diversidade de pessoas no ser divino.

Durante seu ministério Jesus reconheceu Seu Pai como Deus, testificou também a divindade do Espírito Santo, pois disse aos Seus discípulos que Deus enviaria outro Consolador, ou seja, uma pessoa distinta d'Ele, mas com qualidades divinas. E afirmou a Sua própria divindade, pois existia com o Pai

antes da criação do mundo (Jo 17.5) e empregou a expressão “Eu Sou” ao falar de Si (Jo 8.24).[41] Conforme já vimos acima, *Eu Sou* é, digamos assim, o nome de Deus revelado a Moisés.

Não restam dúvidas da igualdade entre o Filho e o Espírito com o Pai no NT. Veja como os antigos estudiosos da Bíblia falavam sobre isso:

> A exegese bíblica dos antigos pais da igreja classificava o ensino bíblico sobre as três pessoas divinas em quatro categorias. Essas categorias são agrupadas segundo temas que podem comprovar que cada uma das pessoas é Deus: 1) cada uma das três pessoas é chamada pelos nomes divinos, 2) cada uma delas tem os atributos de Deus, 3) cada uma faz obras que somente Deus pode fazer e 4) cada uma é digna de louvor.[42]

Para os autores do Novo Testamento, o ensinamento de que só existe um único Deus é claro. Junto a isso, afirmam a existência de três pessoas diferentes que são igualmente divinas e vivem em perfeita comunhão. O termo grego *pericorese* (dança) é utilizado como metáfora para descrever essa comunhão entre as pessoas da Trindade. Aponta para a ideia de movimentos perfeitamente coordenados, em que, às vezes, torna-se difícil distinguir um dançarino do outro, mas ao mesmo tempo cada um mantém a sua identidade. Sobre a *pericorese* foi dito: “Afirma que os modos divinos de existência se condicionam e se permeiam mutuamente com tamanha perfeição que um se encontra invariavelmente nos outros dois, e os outros dois, neste”.[43]

Para encerrar, devo dizer que alguns exemplos utilizados por nós, muitas vezes apresentam o conceito errado de Trindade. Com certeza você já ouviu alguém usar a figura do Sol – eu mesmo já usei. Nesse exemplo, o Pai é o astro, Jesus os raios solares e o Espírito Santo o calor. O problema dessa analogia é que o calor não é o Sol em si, mas um efeito do Sol, e isso já fere o conceito trinitário, pois o Espírito Santo é Deus (*Sol*), não uma consequência de Deus, um derivado. A mesma coisa pode ser dita dos raios solares, eles também não são o Sol em si. Inclusive, era um herege de nome Sabélio que usava essa analogia. Se fôssemos usar esse exemplo, teríamos que falar em três sóis, focalizados de tal maneira que formassem um raio só: o raio é Deus. Entenderam? Toda ação divina na criação é ação do Deus Trino, pode começar com o Pai, está presente no Filho e é aperfeiçoada/atualizada por meio do Espírito Santo, mas toda essa ação, dizemos que é ação de Deus.[44]

Gostei muito do exemplo que o físico Adauto Lourenço usou em uma de suas palestras, utilizando o tempo para tentar explicar a Trindade. Ele disse:

> Pense no tempo. Passado é *tempo*? É. Presente é *tempo*? É. Futuro é *tempo*? É. O futuro é o passado? Não. O passado é o presente? Não. O

> presente é o futuro? Não. Mas o *tempo* é *tempo*, só tem um *tempo*. (...) é um exemplo limitado, não dá para expressar a totalidade da pessoa d'Ele.[45]

Livros inteiros são escritos sobre o mistério da Trindade, e a conclusão dessas muitas páginas não é diferente dessas poucas dedicadas nesse livro. Deus nos deixou pistas nas Escrituras e na criação para entendermos um pouco a Sua existência Trina, contudo, essa doutrina permanece um mistério, que um dia poderá ser revelado a nós, quem sabe, na eternidade.

Vamos agora para o terceiro capítulo, no qual o Filho e Sua obra terão destaque.

Capítulo 3
Jesus Cristo

por Rodrigo Bibo de Aquino

e em um Senhor Jesus Cristo, o unigênito Filho de Deus, gerado pelo Pai antes de todos os séculos, Luz de Luz, verdadeiro Deus de verdadeiro Deus, gerado não feito, de uma só substância com o Pai, pelo qual todas as coisas foram feitas; o qual, por nós seres humanos e por nossa salvação, desceu dos céus, foi feito carne do Espírito Santo e da virgem Maria, e tornou-se humano, e foi crucificado por nós sob o poder de Pôncio Pilatos, e padeceu e foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia conforme as Escrituras, e subiu aos céus e assentou-se à direita do Pai, e de novo há de vir com glória para julgar os vivos e os mortos, e seu reino não terá fim;

Falar de Jesus Cristo é falar do centro das Escrituras. É falar de encarnação, morte e ressurreição. É trazer à mente o que possibilitou vida, e vida plena. A centralidade da fé evangélica está na cruz de Cristo!

Diante dos cristos genéricos que aparecem em nossos dias (e sempre apareceram), a igreja precisa estabelecer em qual Cristo ela crê. Pregadores modernos têm retirado a cruz de Cristo, em pelo menos dois sentidos. No primeiro grupo, há aqueles que removem a cruz e dizem que ela não é para o cristão, pois Ele sofreu para que não sofrêssemos mais. Agora é só vitória, sem cruz! Outros removem a cruz de Cristo e a jogam nos ombros dos fiéis, dizendo

que se não a carregarem não serão salvos; se não pagarem o preço, irão para o inferno. Com isso, também anulam o sacrifício de Cristo, tornando-o incompleto e insuficiente.

Por isso, precisamos resgatar o Cristo das Escrituras e a centralidade da cruz. Urge redescobrirmos a graça e a reconciliação que brotam da fé em Jesus, que não foi somente um homem eloquente e com bons ensinamentos, mas foi o próprio Deus encarnado, que ainda vive e ensina Seu povo.

O Filho de Deus

Quando começa a falar sobre Jesus Cristo, o *Credo Niceno-Constantinopolitano* principia pela Sua filiação. Deixa claro que o Filho é igual ao Pai, pois foi gerado, não feito. Ou seja, eu e você, e tudo o que nos rodeia, fomos feitos por Deus, não gerados por Deus. A criação é diferente do Criador. Já Cristo foi gerado e por isso é igual ao Pai. Dessa forma, só Jesus Cristo é o Filho unigênito de Deus. E como já dissemos no tópico sobre a Trindade, o Filho tem os mesmos atributos do Pai.

O que lemos no credo nada mais é do que a preservação do que já temos nas Escrituras. Nelas, Jesus Cristo é reconhecido como Filho de Deus pelos homens, pelos demônios/Diabo e pelo próprio Deus (Mt 16.16; Mc 5.7; 9.7).

É de fundamental importância entendermos que Jesus Cristo não se torna Filho de Deus por ocasião do batismo, como alegam alguns; Ele sempre foi o Filho, desde a eternidade! No Seu batismo, a voz que é ouvida do céu confirma isso:

> A voz do céu confirma a consciência filial já existente, a qual se manifesta no âmago da experiência da tentação (Mt 4:3,6) e, com base nessa relação filial, confirma a dedicação de Jesus para sua missão messiânica em termos do servo. A frase "Tu és o meu Filho amado" descreve a condição permanente de Jesus. Ele não se tornou o Filho; Ele é o Filho.[46]

No momento do batismo, o relacionamento entre Pai e Filho é evidenciado. Jesus começa seu ministério na certeza da íntima comunhão com o Abbá:[47] *Então uma voz dos céus disse: "Este é o meu Filho amado, em quem me agrado"* (Mt 3.17), ou "*Este é meu único Filho; a quem eu escolhi*".[48] Nisto está o amor de Deus, por enviar Seu Filho amado e pela missão do Filho: tornar-nos também escolhidos do Pai.

Foi justamente essa certeza de filiação que Satanás quis colocar em xeque na tentação do deserto. Jesus não foi questionado se era o Messias, mas se era mesmo o Filho de Deus. A investida começa justamente querendo fazer Jesus

duvidar da voz ouvida do céu. Nas palavras de Ricardo Barbosa:

> O esforço de Satanás era para quebrar o vínculo, a amizade, a submissão, a comunhão. Desde o princípio esta tem sido sua tarefa. Ele não está tão preocupado com a missão quanto com a relação. Essa é a sua estratégia. Uma vez quebrada a relação do amor e da dependência, o resto fica fácil. Vemos aqui que o princípio da tentação no deserto não está em duvidar do poder de transformar pedras em pães ou de dar voz de comando para anjos, mas em lançar dúvidas sobre o lugar do Pai na vida do Filho.[49]

Caso Cristo tivesse duvidado da voz do Pai, toda Sua missão falharia, Sua morte seria em vão e não haveria motivos para celebrar o terceiro dia. Mas Ele não sucumbiu e abriu o caminho para nós.

Se hoje em dia, em nossas orações e canções, chamamos Deus de papai, é por causa de Jesus. Ao se dirigir a Deus utilizando a palavra aramaica papai, *Abbá*, Ele quebra os protocolos da época, pois era inadmissível alguém referir-se Deus utilizando linguagem tão informal, empregada somente em contexto familiar.

Jesus abre o caminho para a intimidade com o Pai, visto ninguém antes na história bíblica ter essa iniciativa de falar a Deus:

> "como uma criança fala a seu pai, com simplicidade, intimidade e sem temor. Portanto, não há dúvida alguma de que a palavra *Abbá*, utilizada por Jesus para dirigir-se a Deus, revela o próprio fundamento de sua comunhão com ele. [...] As palavras de Jesus expressam simplesmente uma experiência cotidiana: só um pai e um filho é que se conhecem mutuamente"[50]

Em Gálatas 4.6, Paulo afirma que o Espírito foi enviado aos nossos corações, e Ele clama *Abbá*Pai! Portanto, somos autorizados a chamar Deus de *papai*, pois também somos filhos. E mais, segundo o pensador cristão J. I. Packer, "se quiser julgar até que ponto uma pessoa entendeu o que é cristianismo, descubra que valor ela dá ao fato de ser filho de Deus, e ter a Deus como seu Pai. Se este pensamento não dominar e controlar [...] toda a sua atitude perante a vida, isso quer dizer que não entendeu bem o cristianismo".[51]

O Filho encarnado

É muito comum nós ouvirmos mais sobre a cruz do que a encarnação, pois é uma ênfase feita pela própria Bíblia, afinal, a mensagem pregada por Paulo é a mensagem da Cruz. Contudo, para os autores bíblicos, estava muito claro quem era o crucificado. Logo, se não entendermos quem morreu na cruz, o calvário perde o sentido e o crucificado não passará de um homem que falou coisas

profundas. E o cristianismo não se ampara na morte de um homem sábio, antes, está firmado na morte e ressurreição de um homem que era também Deus. Em Jesus de Nazaré temos o Verbo encarnado, o Deus conosco.[52]

Ainda que a palavra encarnação/encarnado não se encontre na Bíblia, o Novo Testamento é enfático ao falar daquele que foi manifestado no corpo (1Tm 3.16). João, no verso 14 do primeiro capítulo do seu evangelho, diz: "*Aquele que é a Palavra tornou-se carne e viveu entre nós"*, e em sua carta afirma que não reconhecer que Jesus veio em carne é ser anticristo (1Jo 4). Aqui, é importante frisar que quando o apóstolo fala "*se fez carne"* ele está dizendo: "*assumiu a natureza humana"*.[53] Obviamente, outros textos apontam para essa realidade, mas esses três, somados ao hino cristológico de Filipenses 2, que no versículo 8 diz: "*E, sendo encontrado em forma humana, humilhou-se a si mesmo e foi obediente até a morte, e morte de cruz*!", são mais que suficientes para vermos que a encarnação do Filho é uma doutrina bíblica.

Afirmar que o Verbo, a segunda pessoa da Trindade, se fez carne, significa dizer que Jesus foi totalmente humano e totalmente divino, verdadeiro homem e verdadeiro Deus, mas não 50% humano e 50% divino, e sim, 100% de cada natureza. Atualmente, isso pode parecer óbvio para nós, mas saiba que na história da Igreja isso gerou muitos debates, como podemos ver no primeiro capítulo. Por exemplo, devido à influência da cultura grega e de uma filosofia chamada gnosticismo, alguns pensadores antigos tinham dificuldades em conceber a ideia de Deus se tornando matéria, já que ela representa o mundo caído/mal. Então, entendiam Cristo como homem que possuía qualidades divinas, ou um homem que foi possuído pelo Filho de Deus. Ainda hoje, muitos pensam que Cristo entrou em Jesus no momento do batismo e saiu no momento da crucificação.

A teologia cristã afirma que Maria deu à luz o Filho de Deus. Geralmente, nós, evangélicos, temos receio de falar que Maria foi a mãe de Deus, temendo a idolatria. Mas não podemos negar o que a Bíblia diz. Maria foi, sim, escolhida por Deus para dar à luz o Seu Filho (que se é igual ao Pai, também é divino), não por ser uma pessoa especial ou sem pecado, mas porque era humilde e disposta a fazer a vontade do Senhor (Lc 1.26ss). Maria é mãe de Deus (portadora de Deus) quanto à sua humanidade, já dizia o credo de Calcedônia (451).

Concordo com Stott quando ele diz que a expressão "nascimento virginal" não é adequada, pois sugere que no momento do parto houve algo extraordinário. E isso não é verdade, o nascimento de Jesus foi normal como qualquer outro de sua época. Foi na concepção de Cristo que o sobrenatural esteve presente, pois Ele foi concebido sem a participação de pai humano, e sim

por obra do Espírito Santo.[54] Lucas 1.35 narra: "*O anjo respondeu: 'O Espírito Santo virá sobre você, e o poder do Altíssimo a cobrirá com a sua sombra. Assim, aquele que há de nascer será chamado Santo, Filho de Deus'*". Assim, o que foi anunciado à virgem Maria é que a humanidade e o messianismo de seu filho viriam por meio dela, enquanto que a Sua incorruptibilidade e sua divindade viriam por meio do Espírito Santo"[55] isto é, na encarnação Cristo foi ao mesmo tempo, integralmente, filho de Maria, um ser humano em todos os aspectos e, integralmente, Filho de Deus, divino em todos os aspectos.

Mas por que é tão importante reconhecer que Jesus Cristo veio em carne? Tanto Paulo quanto Pedro escrevem em suas cartas sobre a importância da corporeidade de Jesus no processo de salvação (Cl 1.22; Rm 8.3; 1Pe 3.18). Esses textos, entre outros, "salientam, de diferentes ângulos, a mesma verdade: que foi precisamente vindo e morrendo 'na carne'[56] que Cristo garantiu a nossa salvação".[57] Em Romanos 8.3, Paulo diz: "*Porque, aquilo que a Lei fora incapaz de fazer por estar enfraquecida pela carne Deus o fez, enviando seu próprio Filho, à semelhança do homem pecador, como oferta pelo pecado E assim condenou o pecado na carne...*". Nesse texto, vemos que o Filho assumiu a natureza humana decaída, sem pecar obviamente, afinal, Ele não deixou de ser Deus estando encarnado[58], e nela Deus condenou o pecado de toda humanidade. Em outras palavras, o inocente se identifica com os pecadores e suporta no lugar deles a condenação merecida.[59]

O primeiro e o segundo Adão

Podemos sintetizar o que foi dito acima usando a explicação de um pensador do segundo século. Gosto dela, porque responde a pergunta: Por que Deus teve de se tornar humano? Não poderia Ele resolver o problema do pecado humano lá do alto? Irineu de Lião defendeu o que acreditava ser o ensino apostólico sobre a obra de Cristo com a "teoria da recapitulação"[60], que era na verdade uma interpretação de Romanos 5. Nela, defendia que Cristo estava reencabeçando a humanidade, sendo o novo representante. E para ser plenamente "o novo cabeça", Cristo precisaria ser integralmente humano, nesse sentido, para ele, a própria encarnação é redentora, pois é o momento em que o Verbo se identifica totalmente com os carentes de salvação.

> Para Irineu, Jesus Cristo proveu a redenção passando pelo escopo inteiro da vida humana e, em cada conjuntura, invertendo a desobediência de Adão. Enquanto o primeiro Adão desobedeceu a Deus e caiu, introduzindo na existência humana a corrupção e a morte, o segundo Adão obedeceu a Deus e elevou a humanidade a um estado mais sublime [...].[61]

Isto é: com o primeiro Adão a humanidade se volta contra Deus e faz uma dívida que não consegue pagar com as próprias forças. Essa dívida, a qual deveria ser paga pela humanidade, só o próprio Deus poderia pagar. Por isso, o Verbo se faz homem, tornando-se o segundo Adão, reencabeça a humanidade e quita a nossa dívida. Só na fusão da humanidade com a divindade, em Cristo, que foi possível pagar o preço da salvação da humanidade.

É isso que comemoramos no Natal, a salvação materializada no menino Jesus. C. S. Lewis diz:

> De acordo com a história cristã, Deus desce para voltar a subir. Ele desce das alturas da existência absoluta no tempo e espaço à humanidade. [...] Ele desce para subir de novo, trazendo consigo todo o mundo arruinado. Isso nos faz pensar em um homem forte abaixando-se cada vez mais para colocar-se debaixo de um grande e complexo fardo. Ele deve abaixar-se para o levantar, quase desaparecendo sob a carga, antes de endireitar incrivelmente as costas e seguir avante com toda a imensa massa balançando em seus ombros."[62]

Sem a encarnação do Filho, nada do que vivemos hoje seria possível, assim, essa descida de Deus também é pura demonstração do Seu amor!

Uma única pessoa

Para entendermos bem a encarnação, precisamos falar um pouco sobre a união das duas naturezas de Cristo, conhecida na teologia como *união hipostática.*[63] O termo grego *hypostasis* significa pessoa e o termo grego *ousia* significa natureza. União hipostática é a união das naturezas (*ousia*) em uma só pessoa (*hypostasis*). A encarnação é a união das duas naturezas, divina e humana, presentes em uma só pessoa. Jesus Cristo tinha duas naturezas, a humana e a divina (Jo 1.1-18; Rm 1.3-4, Fp 2.6-11, etc.). E como já explicamos acima, Ele não era Deus habitando um corpo (lembrem-se do herege Apolinário do capítulo 1), ou um homem com uma alma divina, mas integralmente Deus e integralmente humano. É de suma importância afirmar que Jesus assumiu a plenitude de todas as faculdades humanas, que sua humanidade foi plena, porque se não fosse, a redenção não seria plena.

> Somente um Redentor com natureza divina poderia ser poderoso; somente um Redentor com natureza humana poderia morrer pelos nossos pecados; somente um Redentor com natureza divina e humana poderia ressuscitar dentre os mortos. Por causa da Sua humanidade, Ele morreu; por causa da sua divindade, Ele ressuscitou.[64]

É importante frisar ainda, que essa união não aconteceu na eternidade, mas no tempo, dentro da história da humanidade, no momento da encarnação. No

instante da concepção imaculada, houve a união hipostática. Logo, antes desse evento, não existia uma natureza humana na segunda Pessoa da Trindade. Contudo, essa união é perene, Cristo ficou com as duas naturezas mesmo depois da ressurreição, como podemos perceber nos textos de Romanos 9.5; Hebreus 13.8 e Atos 17.31. Jesus Cristo sempre terá a natureza humana, junto à divina. Sempre será o Deus-homem. Ainda fica a pergunta: como isso afeta a relação na Trindade? Não afeta, tudo permanece como era antes da encarnação. A diferença é que agora a segunda Pessoa possui uma natureza adicional.[65]

Diante de tudo isso, espero que você tenha entendido um pouco mais sobre a importância de declarar que Jesus Cristo era totalmente homem e totalmente Deus e as implicações dessa verdade na nossa salvação. Obviamente que os temas da encarnação e da união das duas naturezas são temas complexos, e por mais que eu tenha dado explicações bíblico-teológicas, é somente por fé que acreditamos nessas questões.

Vamos tratar agora da crucificação, outra demonstração inconteste do amor divino.

O Filho crucificado

A cruz é, sem dúvida, o maior símbolo do cristianismo! Foi ela que os primeiros cristãos escolheram para representar a fé cristã. Eles poderiam ter escolhido a manjedoura, na qual o menino Jesus foi colocado; ou ainda ter mantido a figura do peixe, que foi por um tempo utilizada. Quem sabe poderiam escolher as ferramentas que Jesus utilizou enquanto carpinteiro, ou a toalha que Ele usou para ensinar aquela grande lição aos discípulos. Outras opções seriam possíveis: o túmulo vazio, a pomba, um trono, enfim, todos esses elementos apontam para o ministério de Jesus Cristo e poderiam servir de símbolo ao cristianismo. Todavia, a igreja escolheu perpetuar a insígnia da sua fé com a cruz. A escolha se dá porque:

> desejavam comemorar, como centro da compreensão que tinham de Jesus, não o Seu nascimento nem a Sua juventude, nem o Seu ensino nem o Seu serviço, nem a Sua ressurreição nem o Seu reino, nem a Sua dádiva do Espírito, mas a Sua morte e a Sua crucificação.[66]

A imagem da cruz remete a todo sofrimento que a segunda Pessoa da Trindade passou para cumprir Sua missão. Nela, o Filho é rejeitado pelo Pai para que nós pudéssemos ser aceitos.

A crucificação

A crucificação foi prática de tortura de fenícios e persas, sendo

posteriormente usada pelos romanos. Somente escravos, anarquistas e os tipos mais baixos de criminosos eram crucificados.

Depois de condenado e açoitado, o indivíduo carregava a travessa da cruz até o local da tortura e morte. Esse local era sempre fora da cidade, pois o condenado ficava vários dias na cruz. Foi essa travessa (*patibulum*) que Jesus carregou, não a cruz inteira.

O indivíduo era posto sobre a terra, totalmente despido, com a travessa sob os ombros. Suas mãos eram amarradas ou cravadas à mesma. Depois era elevado a um poste reto fincado no chão, onde seus pés também eram fixados, ficando a poucos centímetros do solo. Não era tão alto como algumas imagens sugerem.

A dor era intensa, visto o corpo inteiro ficar sujeito a tensões. Depois de algum tempo as artérias da cabeça e do estômago ficavam cheias de sangue, causando uma dor de cabeça absurda, sem contar a possibilidade de se manifestarem febre traumática e tétano. Se por alguma razão, quisessem abreviar o sofrimento da vítima, suas pernas eram quebradas, levando o crucificado a segurar todo o peso com os braços esticados, dificultando a respiração. Tal golpe de misericórdia era dado com uma espada ou lança, usualmente no lado da vítima.[67] Nas palavras de Helmut Thielicke: "Morreu um inocente em Gólgota, no lugar do suplício, fora dos muros de Jerusalém, morte lenta, dolorosa e horrível, a morte por asfixia – uma maneira horrível de morrer."[68]

O evangelho de Lucas fala da crucificação como um espetáculo (Lc 23.48-ARA[69]), e o evangelista registra o efeito imediato dos curiosos ao ouvirem Jesus se entregando ao Pai: "E todo o povo que se havia juntado para presenciar o que estava acontecendo, ao ver isso, começou a bater no peito e a afastar-se". Shedd acredita que o peso na consciência sobreveio sobre esses, e que isso preparou milhares para o arrependimento no dia de Pentecostes (At 2.37ss).[70]

Paulo não se envergonha de dizer: "*Nós, porém, pregamos a Cristo crucificado, o qual, de fato, é escândalo para os judeus e loucura para os gentios*" (1Co 1.23). Para os judeus, era inaceitável o Messias pendurado num madeiro, feito maldição; já para os gregos, era irracional a ideia de um Deus fracassado e vulnerável aos homens, sujeito a tanta humilhação. Na primeira carta aos Coríntios, o apóstolo deixa claro que "*a mensagem da cruz é loucura para os que estão perecendo, mas para nós, que estamos sendo salvos, é o poder de Deus*". Para o ser humano seguro de si, falar da redenção que emana de um crucificado é loucura, mas para quem sabe que é escravo do pecado, a palavra da cruz é salvação.

Escravos do pecado

Toda a obra de Cristo só faz sentido para uma pessoa quando ela sabe quem é e em que situação vive. O que foi dito acima já aponta para nossa realidade sem Cristo. Em Adão *todos pecaram* e estão destituídos da glória de Deus (Rm 3.23). Adão é personalidade coletiva, o pecado dele afetou toda a raça humana (Rm 5.12). Desde a saída do Éden (Gn3) até hoje, todo ser humano nasce escravo do pecado, ou seja, escravo das suas vontades! Já nascemos caídos.

> Em outros termos, o ser humano encontra-se num cativeiro. O pecado, uma vez aflorado na história, tomou poder e tolhe a liberdade dos indivíduos. Ninguém está em condições de reiniciar da estaca zero. A humanidade traz em si a marca do pecado, da corrupção, dos desejos perniciosos, enfim de tudo o que o caracteriza.[71]

A verdade bíblica é que o gênero humano está envolto no pecado. Nós não somente cometemos pecados, nós somos pecadores, ou seja, não somos pecadores porque pecamos; pecamos porque somos pecadores! Não temos a opção de não pecar! Já nos alertou Paulo "*Sei que nada de bom habita em mim, isto é, em minha carne. Porque tenho o desejo de fazer o que é bom, mas não consigo realizá-lo*" Rm 7.18.

A negação da vontade de Deus e a luta pela independência do primeiro casal estão vivas hoje em nosso ser. Lutero entendia o pecado como egocentrismo, que busca somente seus interesses e tira de Deus e do próximo o que lhe é devido. O pecado se manifesta como independência regida pela ingratidão, não reconhecendo a vida como dom de Deus. Pelo contrário, o pecador se utiliza desse bem recebido e o usa contra o próprio Deus e o próximo, vivendo a partir de si mesmo, fazendo desse dom um fim em si. Em síntese, tudo que o ser humano faz ou deixa de fazer, é para benefício próprio, ou seja, vive para si.[72]

Percebemos, assim, que nossa condição de pecadores nos faz constantemente errar o alvo. O pecado, como força interna e externa, é o GPS que nos direciona para o caminho errado. É o que Paulo chama de *carne*, essa maneira de viver de forma hostil a Deus e à Sua vontade. Viver na carne "denota simplesmente a vida vivida no nível da materialidade, em decomposição, em que a satisfação do apetite e do desejo humano é o objetivo supremo: 'cujo deus é o ventre' (Fp 3.19)".[73]

Críticos da religião diziam, e ainda dizem, que o conceito do pecado é invenção de sacerdotes que querem subjugar o povo. Isso é um absurdo, pois basta ligarmos a TV ou sairmos na rua para vermos as marcas do pecado estampadas na boa criação de Deus. Parafraseando Niebuhr: a doutrina do pecado original é empiricamente provável.[74] Os fatos comprovam nossa maldade

inata! E com a Bíblia, aprendemos que não é negando o pecado que vamos nos livrar dele, é somente na entrega a Cristo que os efeitos do pecado são destruídos.

O objetivo de se falar do pecado não é pelo pecado em si, mas ressaltar a condição de devedores diante do Criador. Por isso, vamos voltar a falar do Filho crucificado e Seu resgate em favor de muitos.[75]

Libertos da escravidão do pecado (redenção, expiação, propiciação e justificação)

Quando lemos na Bíblia em 1 Pedro 1.18-19: "*Pois vocês sabem que não foi por meio de coisas perecíveis como prata ou ouro que vocês foram redimidos da sua maneira vazia de viver, transmitida por seus antepassados, mas pelo precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro sem mancha e sem defeito*", temos de entender que redenção aqui é mais do que simples livramento. Ela significa liberdade concedida mediante pagamento. *Vendidos como escravos do pecado,* um senhor cruel, nosso destino não seria outro, além da morte (Rm 7.14; 6.23). Por isso, falar de redenção é olhar para a cruz, e ver que sem ela continuaríamos vivendo de maneira vazia e sem propósito. É perceber que o custo da nossa liberdade foi caro demais para desperdiçarmos a vida em torno de nós mesmos.[76]

Existe um motivo muito claro pelo qual João Batista exclama: "*Vejam! É o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!*" (Jo 1.29). Cordeiros ou cabritos eram animais utilizados em sacrifícios no Antigo Testamento, e remetem à Páscoa (Ex 12). Esses animais eram substitutos sacrificiais, visto Deus não aprovar a morte de um ser humano como expiação de pecado. No Novo Testamento, Paulo identifica Cristo como a "nossa Páscoa" (1Co 5.7) e em muitos outros textos o NT deixa claro a natureza sacrificial da morte de Cristo na cruz.[77]

E para ilustrar os conceitos de expiação, propiciação e justificação, vamos olhar brevemente para a vida do grande reformador Martinho Lutero.[78] Ele viveu em um contexto em que imperava a "teologia do cagaço", ou seja, as pessoas serviam a Deus por medo de irem para o inferno. A própria igreja fomentava esse discurso opressor, ensinando o fiel a pagar com piedade e dinheiro a sua morada no céu. Isso, obviamente, gerava crises soteriológicas, despertando nas pessoas dúvidas quanto à sua salvação: será que estou agradando a Deus? Será que serei salvo? O que mais preciso fazer ou comprar para não ir para o inferno? Nessa época (e também na nossa), a salvação estava nos méritos do indivíduo e era a igreja que fornecia expiação dos pecados. Em resumo:

> Embora Deus fosse misericordioso e Cristo tivesse morrido pelos pecados do mundo, [...] a responsabilidade do pecador [era] agir em favor da sua própria alma com rigorosa autoanálise, boas obras e abnegação, oração e práticas piedosas. Deus está a perdoar o pecador, mas existem condições que precisam ser atendidas e que só o pecador pode realizar. Acima de tudo, o pecador deve estar genuinamente contrito e deve fazer uma confissão sincera e completa.[79]

Essa religiosidade deixava Lutero sempre com sentimento de culpa, pois todos os seus esforços não pareciam suficientes para aplacar a ira de Deus. Mais tarde ele disse: "Eu não amava, na verdade odiava, aquele Deus que punia os pecadores".[80]

Foi somente depois de se tornar professor de Bíblia, que Lutero foi entender a justiça de Deus. Para ele o amor e a ira de Deus se manifestam no crucificado. Deus não tolera o pecado, por isso Ele o castiga em sua ira. Mas como o objetivo d'Ele não é o castigo, mas a vida do pecador, Ele entrega Seu Filho, o qual assume sobre Si esse castigo/ira em favor de nós. Lutero enfatiza que o objetivo final de Deus é o amor.[81] Em outras palavras: na obra expiatória de Cristo na cruz, não somente temos nossos pecados cobertos, purificados e perdoados (expiação), mas também a ira de Deus é aplacada (propiciação). Nesse sentido, podemos citar Romanos 3.25: "*Deus O ofereceu [Jesus] como sacrifício para propiciação mediante a fé, pelo Seu sangue, demonstrando a Sua justiça* [...]", sobre essa passagem o comentarista bíblico Cranfield destaca que:

> Tomamos a declaração de Paulo no sentido de que Deus quis o Cristo como um sacrifício propiciatório, no sentido de que Deus, já que na sua misericórdia resolveu perdoar os homens pecadores e, sendo verdadeiramente misericordioso, queria perdoá-los de modo justo, isto é, sem de forma alguma tolerar o seu pecado, propôs-se dirigir contra seu próprio Eu, na pessoa do Seu Filho, todo o peso daquela ira justa que eles mereciam.[82]

Lutero ao entender isso entra em um caminho de redescoberta do evangelho da graça. Justiça de Deus, dizia ele, não é uma justiça que julga e faz exigências, mas é justiça dada por Deus em graça: "*Porque no evangelho é revelada a justiça de Deus, uma justiça que do princípio ao fim é pela fé como está escrito: 'O justo viverá SOMENTE pela fé'*". E fé é dom de Deus. Começa a ficar claro para o reformador que "essa justiça é adquirida pelo sofrimento e morte de Cristo, e é atribuída ao homem pela fé, independentemente de qualquer mérito ou dignidade humana. Deus declara o pecador justo por causa de Cristo".[83] E justificação vai além do conceito *ser tornado justo* do ponto de vista jurídico. Mais do que ser absolvido de uma punição, ser justificado, tanto no AT como no

NT, é encontrar o favor de Deus, ser alvo da sua misericórdia.[84] É ter o relacionamento com Deus religado.

Sendo assim, podemos entender justificação dessa forma: ser declarado justo pelo próprio Cristo como manifestação do amor de Deus. Tal ato ocorre quando o ser humano se humilha perante Deus e reconhece que é pecador e que não existe nada que ele, por conta própria, possa fazer para ser salvo, por isso clama pela misericórdia e graça de Deus.[85] Nesse sentido, Lutero disse: "Portanto [...] aprenda Cristo e O aprenda crucificado; aprenda a orar a Ele, perdendo toda esperança em si mesmo, e diga: 'Tu, Senhor Jesus, és a minha justiça, e eu sou o Teu pecado; tomaste em Ti mesmo o que não eras e deste-me o que não sou'".[86]

Amarrado ao conceito de justificação está o conceito de graça e fé. E as palavras abaixo, reforçam o que já temos dito:

> É por isso que somos justificados somente pela graça, pois é pela justiça de outro que somos feitos justos diante de Deus. Isso não é nossa obra própria, mas o dom de Deus, o resultado de tudo o que ele tem feito. Isso é imerecido, uma obra da bondade e misericórdia de Deus. [...] também somos justificados somente pela fé, pois a fé salvadora é o abandono da confiança em nós mesmos e a assunção de um compromisso com Jesus Cristo. Ao nos entregarmos a Ele, estamos confessando tanto nossa pecaminosidade quanto apenas a justiça de Cristo, a qual é suficiente para capacitar-nos a viver com Deus.[87]

Imagino que começa a ficar claro que a nossa salvação não depende de nós, ela está ancorada totalmente na obra de Cristo (Rm3; Ef 2). Jesus é o espelho do coração paterno de Deus, n'Ele podemos afirmar sem titubear: Deus é por nós, quer nos salvar! Esse amor que absolve de graça o pecador que crê, que declara justo aquele que é injusto, transcende nossa compreensão humana, nosso senso de justiça. Contudo é assim que Deus revela Sua misericórdia à humanidade. Se procurarmos entender as motivações de Deus, não acharemos muitas explicações, e só uma se destacará: Deus nos ama e ponto final.

Mesmo que a salvação não dependa de nós, isso não quer dizer que devemos viver de qualquer maneira, abandonando os preceitos cristãos. Não somos salvos pelas obras, mas salvos para boas obras, "porque somos criação de Deus realizada em Cristo Jesus para fazermos boas obras, as quais Deus preparou antes para nós as praticarmos" (Ef 2.10). Segundo Lutero, o fruto da justificação é a *fé ativa no amor*. Amor não dirigido primeiramente a Deus, como forma de conseguir algum mérito salvífico, mas ao próximo, porque o cristão vive não em si mesmo, mas em Cristo e em seu próximo, dizia Lutero.

> A justificação pela fé somente liberta-me para amar o meu próximo desinteressadamente, por causa dele mesmo, como meu irmão ou irmã, não como meio calculado para meus próprios objetos desejados. Visto que não mais carregamos o insuportável peso da autojustificação, estamos livres "para ser de Cristo uns para os outros", para nos consumirmos em favor dos outros, mesmo como Cristo também nos amou e deu a si mesmo por nós.[88]

Esse conceito de Lutero encaixa-se, de certa forma, com o que Paulo disse a Tito (2.11-14): "*Porque a graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens. Ela nos ensina a renunciar à impiedade e às paixões mundanas e a viver de maneira sensata, justa e piedosa nesta era presente enquanto aguardamos a bendita esperança: a gloriosa manifestação de nosso grande Deus e Salvador, Jesus Cristo. Ele se entregou por nós a fim de nos remir de toda a maldade e purificar para si mesmo um povo particularmente seu, dedicado à prática de boas obras*". O texto vai além da prática de boas obras, fala de vida piedosa, mas isso será discutido no tópico "santificação", quando falarmos do Espírito Santo. Por ora, é importante frisar que ser salvo por Cristo não nos isenta da obediência aos mandamentos, pelo contrário, reforça nosso compromisso com eles.

A centralidade da Cruz

Nenhum outro teólogo falou da centralidade da cruz como Lutero. Sua

teologia da cruz ensina que é na fraqueza exposta no calvário que Deus deseja ser conhecido (teologia da cruz), e não por meio das suas obras (teologia da glória).

> Visto que as pessoas usaram mal o conhecimento de Deus pelas obras [Rm1], Deus deseja ser novamente reconhecido, agora, nos seus sofrimentos [...] Assim, não é suficiente nem proveitoso para ninguém reconhecer a Deus em sua glória e majestade se não o reconhecer em sua humilhação e vergonha da cruz.[89]

Assim, a teologia da glória reconhece a Deus tão somente pelas suas obras, e aqui Lutero tem em mente tanto as obras de Deus na criação como as obras da própria pessoa. Também quando fala de sofrimento, refere-se tanto ao sofrimento de Cristo, quanto ao sofrimento do fiel. Sem essa centralidade da cruz na construção da fé, o ser humano sustenta-se nas obras, sejam as de Deus ou as suas próprias e, assim, cria uma falsa piedade, pois Deus quer ser conhecido e compreendido não na força ou demonstração de poder, mas na fraqueza, na demonstração da graça que se sujeita à cruz, a fim de salvar o homem do pecado e da morte.[90] Lutero afirma:

> Isto é evidente, pois enquanto ignora Cristo, ele ignora o Deus oculto nos sofrimentos. Por isso, prefere as obras aos sofrimentos, a glória à cruz, o poder à debilidade, a sabedoria à tolice e, de um modo geral, o bem ao mal. Esses são os que o apóstolo chama de inimigos da cruz de Cristo, certamente porque odeiam a cruz e os sofrimentos, ao passo que amam as obras e a um bem. Já dissemos, no entanto, que Deus não é encontrado senão nos sofrimentos e na cruz. Os amigos da cruz afirmam que a cruz é boa e que as obras são más, porque, pela cruz, são destruídas as obras e é crucificado o Adão; pelas obras, este é, antes, edificado. Portanto, é impossível que não se envaideça com suas obras a pessoa que não for primeiramente exinanida e destruída pelos sofrimentos e males, até que saiba que ela mesma nada é e que as obras não são suas, mas de Deus.[91]

As implicações dessas duas teologias afetam diretamente o relacionamento entre o humano e o divino, trazem à tona novamente a discussão sobre salvação por graça ou por obras, já discutida acima. Na teologia da cruz não existe espaço para o mérito e a autoconfiança. Foi pela cruz que Deus escolheu salvar, e é pela cruz que resolveu se revelar. Por isso, nossa meditação no sofrimento de Cristo na sexta-feira da Paixão é tão importante, pois Ele mostra o caminho a ser trilhado no conhecimento de Deus.

Devemos reconhecer a centralidade da cruz na obra de Deus em Cristo, contudo, apesar de ser o centro, não é a totalidade dessa obra. Vamos tratar agora do evento que chancelou toda a vida e obra de Cristo em estado de humilhação:

a ressurreição.

O Filho ressurreto

Quando falamos da encarnação e crucificação de Jesus Cristo, estamos falando d'Ele no estado de humilhação, pois o Filho de Deus deixa, temporariamente, o conforto da Sua morada ao lado do Pai para cumprir a Sua missão aqui entre nós (Fp 2.6-11). Obviamente, a morte não estancaria o plano de Deus, e se ela é o ponto mais baixo no estado de humilhação de Cristo, a ressurreição é o primeiro passo de retorno no processo de Sua exaltação.[92] O Cristo que foi crucificado é o mesmo que foi ressuscitado! E quem ressuscitou Jesus Cristo? Toda a Trindade esteve envolvida nesse processo. Alguns textos apontam para o poder de Cristo como fonte da ressurreição (Jo 11.25; 10.18), outros para o poder de Deus (At. 2.24), especificamente o Pai (Rm 6.4; 1Pe 1.3) e ainda textos que falam do Espírito Santo como agente da ressurreição. Diante disso, o autor Hermisten Maia afirma: "A Trindade é responsável pela ressurreição de Jesus Cristo [...] o Novo Testamento com mais frequência atribui a ressurreição ao poder divino, sem mencionar a pessoa de Deus".[93]

O sepulcro vazio surpreendeu os seguidores de Jesus, "*Pedro, todavia, levantou-se e correu ao sepulcro. Abaixando-se, viu as faixas de linho e mais nada; afastou-se, e voltou admirado com o que acontecera*" (Lc 24.12). Maria Madalena também se espanta, e chora, pois pensa que roubaram o corpo do Mestre (Jo 20.13); nem passa pela sua cabeça a possibilidade da ressurreição. No fundo, parece que eles não esperavam por isso, tanto que voltaram às suas antigas funções.[94] Porém, as aparições do Cristo ressurreto abriram os olhos dos discípulos e estes passaram a entender e a crer em tudo aquilo que Jesus havia ensinado. Foi a ressurreição o estopim da missão da igreja primitiva.

Além de ser a mola propulsora da missão da igreja, a ressurreição de Cristo é um fato importante, pois, dentre muitos motivos, destaco três: primeiro, Ele não voltou simplesmente dos mortos, como outros antes d'Ele. Lázaro foi trazido dos mortos, mas envelheceu e morreu. Cristo ressuscitou e não morreu mais, vive sentado à destra de Deus; segundo, Sua morte seguida da ressurreição foi a derrota do poder da morte, ela não dá mais a palavra final; e, terceiro, Sua ressurreição livra da morte eterna aqueles que n'Ele creem, ou seja, os fiéis viverão para sempre na presença manifesta de Deus.

A ressurreição como fato histórico

Para a ortodoxia cristã, a ressurreição foi um fato histórico, ocorrido no tempo e no espaço. Esse dado é tão importante, que logo após o milagre da

ressurreição, já tentaram desmerecê-lo, dizendo que o corpo de Jesus tinha sido roubado pelos discípulos (Mt 28.11-15). Obviamente, um acontecimento como esse, daria uma dimensão enorme ao movimento que estava começando a se formar em torno da pessoa de Jesus Cristo.

Como dissemos acima, a Bíblia não nega que os próprios seguidores de Cristo foram céticos ao ouvirem a notícia das primeiras testemunhas, que, por sinal, eram mulheres. E aqui já encontramos um ponto interessante. Se os autores bíblicos tivessem a intenção de forjar um fato histórico, jamais iriam colocar como primeiras testemunhas, mulheres, pois estas não tinham muita credibilidade na sociedade da época. Mas depois, eles mesmos foram conferir, e o Senhor apareceu a eles.

Provavelmente, muitas pessoas acompanharam o sepultamento de Jesus. Maria Madalena e a outra Maria ficaram sentadas em frente ao sepulcro (Mt 27.61) e *no dia seguinte, isto é, no sábado*[95]*, os chefes dos sacerdotes e os fariseus dirigiram-se a Pilatos e disseram: "Senhor, lembramos que, enquanto ainda estava vivo, aquele impostor disse: 'Depois de três dias ressuscitarei'. Ordena, pois, que o sepulcro dele seja guardado até o terceiro dia, para que não venham seus discípulos e, roubando o corpo, digam ao povo que ele ressuscitou dentre os mortos. Este último engano será pior do que o primeiro". "Levem um destacamento" respondeu Pilatos. "Podem ir, e mantenham o sepulcro em segurança como acharem melhor". Eles foram e armaram um esquema de segurança no sepulcro; e além de deixarem um destacamento montando guarda, lacraram a pedra.* (Mt 27. 62-66). Dessa forma, seria um risco muito grande para os discípulos saírem divulgando que Cristo ressuscitou, não tendo certeza do fato, pois as autoridades judaicas poderiam simplesmente mostrar o corpo e acabar com a pregação dos apóstolos.

William L. Craig apresenta mais argumentos em seu livro *Em Guarda* (Vida Nova, 2011), mas como nosso propósito não é tanto apologético, e sim doutrinário, penso que esses argumentos são suficientes. E os coloco aqui, pois é fundamental afirmar a historicidade da ressurreição, afinal, Paulo afirma que Cristo é as primícias dos que dormem, isto é, sua ressurreição garante a nossa, se a d'Ele não for verdadeira, nossa fé é inútil. Vamos, então, entender melhor as consequências da ressurreição de Cristo, lendo com atenção o capítulo 15 da primeira carta de Paulo aos Coríntios e outros versículos que fazem alusão a esse tema.

Regeneração e justificação asseguradas pela ressurreição

Ainda iremos tratar da regeneração no capítulo sobre o Espírito Santo mais à frente, porém, é importante tratá-lo dentro do contexto da ressurreição, pois o

nascer de novo só é possível por causa da ressurreição. Pedro afirma: "*Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo! Conforme a sua grande misericórdia, ele nos regenerou para uma esperança viva, por meio da ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos.*" (1Pe 1.3). Ao aniquilar o poder da morte, a vida eterna se torna possível àqueles que renascerem em Cristo. A esperança viva habita no crente regenerado, ele sabe que todos os sofrimentos e perseguições que atualmente o assolam, não serão a palavra final em sua vida, pois Jesus trilhou o mesmo caminho, sofreu até a morte, mas ressuscitou, e garantiu assim, para os Seus, o mesmo destino. A regeneração já é a vida do porvir, invadindo o crente aqui e agora.[96]

Quanto à justificação, em Romanos 4.25 Paulo afirma: "*Ele foi entregue à morte por nossos pecados e ressuscitado para nossa justificação*". Podemos dizer que a ressurreição de Cristo foi o selo de aprovação do Pai a toda obra que o Filho fez; foi "o resplandecente sim e Amém de Deus a toda obra já consumada na cruz".[97] O texto também reflete a ideia de que a Páscoa aponta para algo a mais, no sentido de que "Cristo foi enaltecido, a fim de salvar também os reconciliados para todo o futuro 'pela sua vida' (Rm 5.10)".[98] Dunn, ao comentar Romanos 4.24-25, declara:

> A distinção entre "entregue pelas nossas faltas" e "ressuscitado para nossa justificação" é retórica. Paulo dificilmente quis dizer que foram feitos dois julgamentos distintos e independentes com base nos dois eventos. Mas deve-se notar que ele não considerava o efeito da morte sacrificial de Cristo como completo em si mesmo. A primeira parte necessitava da ratificação da segunda. A justificação de Cristo também era a justificação dos que ele representou.[99]

Grosso modo, podemos dizer que Deus, ao ressuscitar Jesus, não O considerava mais culpado pelos pecados do mundo; consequentemente, se Cristo morreu por nós e foi justificado, e estamos unidos a Ele, recebemos também o *status* de justos aos olhos de Deus.[100]

Síntese exegética de alguns versículos de 1 Coríntios 15[101]

Nesse capítulo, Paulo apresenta uma síntese do evangelho que recebeu e difundiu nas igrejas que fundou. Aqui, a importância da ressurreição de Cristo é ressaltada a tal ponto que "*se Cristo não ressuscitou, é inútil a nossa pregação, como também é inútil a* fé que vocês têm. [...] E, se Cristo não ressuscitou, inútil é a fé que vocês têm, e ainda estão em seus pecados" (1Co 15.14;17). Ou seja, o evangelho não é completo sem a ressurreição, como já dito acima. "A morte de Cristo sozinha não é evangelho."[102] Somente ela não garantiria a salvação dos

que creem. Ilustro isso com a figura de um escravo que foi resgatado das mãos de um senhor perverso e jogado ao relento, sem proteção e destino, sem esperança, sem um novo senhor. Sem a ressurreição de Cristo, esse seria nosso destino. Mas com a ressurreição, o resgate iniciado na cruz nos conduz a um novo Senhor. Senhor da vida e da morte, tanto que os que já "adormeceram" em Cristo estão seguros (v. 15).

A lógica disso tudo é simples: se a ressurreição de Cristo não é verdadeira, todos que vivem a partir do evangelho da cruz e acreditam nessa Palavra estão vivendo uma tremenda enganação, o maior telefone sem fio da história da humanidade. Do que adiantaria viver carregando a cruz e ter uma vida de renúncias se no fim das contas iríamos para o mesmo lugar daqueles que desprezam a vida de fé? Se no fim, morreríamos em nossos pecados (v. 17) e viveríamos no reino dos mortos? Paulo responde a isso nos versículos 19 e 20: "*Se é somente para esta vida que temos esperança em Cristo, somos, de todos os homens, os mais dignos de compaixão. Mas de fato Cristo ressuscitou dentre os mortos, sendo ele as primícias dentre aqueles que dormiram*". A ressurreição não é uma história inventada para motivar os fiéis a viverem de maneira pura e santificada, mas uma realidade que determina a nossa eternidade. Quando Paulo afirma que Cristo é *as primícias dos que dormem* tem em mente que:

> ... as primeiras espigas do grande campo a ser colhido, que assinalam o começo da própria colheita e por isso precisam ter por consequência a abundância das espigas restantes. Com isso Paulo se volta de maneira especial contra a ideia dos coríntios, que não negavam a ressurreição de Jesus em si, mas a consideravam uma exceção singular, sem relação com o nosso próprio futuro na morte [...] Paulo, porém, mostra que as "primícias" são apenas o começo de uma série que forçosamente lhe segue e que, por isso, a ressurreição de Jesus começa um movimento que se expande cada vez mais.[103]

O acontecimento da manhã da Páscoa atinge diretamente todos os seguidores de Jesus. Fé na ressurreição é esperança viva. Lutero usa a figura do parto ao falar sobre a ressurreição. Cristo como cabeça foi o primeiro; nós, o corpo, inevitavelmente viremos atrás. Toda a nossa vida aqui, de renúncias e sofrimentos, também será brindada pela ressurreição; o terceiro dia também chegará para nós.

A ascensão

Em muitos momentos Jesus predisse que retornaria para junto do Pai (Jo 6.62; 14.2; 20.17; etc.). Vir à Terra de maneira corpórea era somente uma parte do plano de Deus para Cristo. Como dito acima, a ressurreição foi o primeiro

passo no caminho de exaltação de Cristo. A ascensão foi o segundo, “Jesus passou pelo restante da metamorfose que havia começado na ressurreição de seu corpo”.[104]

Jesus precisou ascender por, pelo menos, duas razões: a primeira é que Seu lugar é ao lado do Pai, governando a criação, por isso, estar assentado à destra de Deus não significa descanso, pelo contrário, estar ao lado direito significa ter poder, e na ética ensinada pelo próprio Cristo, quem tem poder tem responsabilidade (At 1.8). Jesus ascendeu para governar e interceder por nós (Hb 7.25).

A segunda é que Ele precisava preparar a nossa morada (Jo 14), pois se Ele foi para o Pai, nós também iremos; essa é uma das garantias da ressurreição. Ele foi, mas não nos deixou sozinhos. Enviou o Espírito Santo e, por isso, pôde dizer que estaria conosco até a consumação dos séculos (Mt 28.20).

Sobre a segunda vinda de Jesus Cristo e Seu reino, que são contemplados nessa parte sobre Jesus no credo em análise, leia o último capítulo, no qual falamos sobre a esperança cristã. Agora vamos tratar sobre a terceira Pessoa da Trindade, o Espírito Santo, o nosso Consolador e dinamizador.

Capítulo 4

O Espírito Santo

por Rodrigo Bibo de Aquino

... e no Espírito Santo, Senhor e Vivificador, que
procede do Pai, que com o Pai e o Filho conjuntamente
é adorado e glorificado, que falou através dos profetas;

A ortodoxia cristã mantém ao longo dos séculos a crença na divindade do Espírito Santo. Porém, Ele não é gerado, como o Filho, mas procede do Pai e do Filho. Ele é o “Espírito de Cristo (Rm 8.9), no mesmo sentido em que Ele é o Espírito daquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos (Rm 8.11).”[105] Com o conceito de processão, o qual não deixa de ser um conceito misterioso, não se quer falar de subordinação, afinal, o Espírito Santo também é Deus, mas apenas entender em que sentido Ele se difere das demais Pessoas da Trindade. Assim, o Espírito é Aquele que mantém estreitas relações com o Pai e com o Filho, ou

seja, é o laço de união entre Eles. E também é Aquele que cria o laço entre a criação e o Criador.

Já disse acima que o Espírito Santo é Deus, e que, junto ao Pai e ao Filho, age no mundo. Sistematicamente, podemos perceber mais o Pai nas obras da criação, o Filho na obra da redenção e o Espírito Santo aplicando essa obra redentora na criação de Deus. Essa distinção é apenas didática, pois todas as Pessoas agem em conformidade com a outra.

É o Espírito Santo que está presente com a Igreja após a ascensão de Cristo, como Erickson e Nicodemus afirmam:

> O Espírito Santo é o ponto em que a Trindade torna-se pessoal para o que crê. Em geral, pensamos no Pai como alguém transcendente e bem longe, no céu; de forma semelhante, o Filho parece muito distante na história e, portanto, relativamente incognoscível. Mas o Espírito Santo é ativo dentro da vida dos que creem; ele reside dentro de nós. O Espírito Santo é a pessoa específica da Trindade por meio de quem toda a Divindade Triúna atua em nós.[106]
>
> Paulo diz que, por sua vez, Deus vem habitar na Igreja pelo seu Espírito. A Igreja é o local da habitação de Deus em Espírito. A Trindade bendita, pelo Espírito, está ali presente.[107]

Dessa forma, é muito importante entendermos essa ação do Espírito Santo em nós. Com o surgimento dos grandes avivamentos na Europa e nos EUA, principalmente do pentecostalismo, a pessoa do Espírito Santo ganhou destaque no cenário evangélico protestante. Essa redescoberta trouxe vida para a Igreja e sua missão, mas também trouxe confusão e excessos. Por isso, o estudo da *pneumatologia* requer cuidado e cautela, visto que não podemos simplesmente negar a ação carismática do Espírito nos dias de hoje ou aceitar tudo como sendo manifestação do mesmo. O compromisso com as Escrituras é fundamental para o discernimento dessas experiências e seu lugar no corpo de Cristo.

No livro de Atos, fica evidente que o Espírito Santo é o agente atualizador da obra de Cristo na humanidade. Assim, não estamos falando de obras distintas, mas complementares e inseparáveis, “Cristo e o Espírito realizam *uma* só obra do reino. O Espírito é a continuação terrena da proclamação do reino proferida por Jesus”.[108] Desse modo, a salvação acontece quando o nome de Cristo é anunciado e proclamado por meio da Palavra. E a efetividade desse anúncio é obra do Espírito. Com isso, quero reforçar a ação conjunta do Trino Deus na criação. Ainda que algumas atividades na Bíblia estejam mais ligadas ao Espírito, isso não quer dizer que é uma obra independente. Não posso dizer que a justificação é uma obra exclusiva do Filho e a santificação uma obra somente do Espírito, pois ambas são obras da Trindade. A diferença é que na justificação a

pessoa do Filho se destaca, enquanto que os versículos que falam da santificação, geralmente, ressaltam a pessoa do Espírito. Mas isso é questão de ênfase, não de exclusividade.

Veja o que a Bíblia diz em João 16.7-8: "*Mas eu lhes afirmo que é para o bem de vocês que eu vou. Se eu não for, o Conselheiro não virá para vocês; mas se eu for, eu o enviarei. Quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo.*".

Dessa forma, todo o agir de Deus em Cristo no mundo é sempre de novo revigorado e atualizado pelo Espírito Santo.

O Espírito que adota

Na teologia do apóstolo Paulo, ser salvo significa antes de qualquer coisa, receber o Espírito. Esse recebimento nos distingue dos ímpios, visto que nós temos o Espírito, e Ele testifica em nosso interior que somos filhos de Deus (Rm 8.16). Sem a atuação do Espírito, uma pessoa não tem condições de entender o que Deus fez por intermédio de Cristo mediante a cruz. Na adoção, temos nosso relacionamento com Deus restaurado e saímos do estado de alienação no qual nos encontrávamos.

Por meio dessa doutrina, também entendemos que Deus não pretendia apenas inocentar os que n'Ele creem, livrando-os da condenação do pecado (justificação), mas constituir com eles um relacionamento íntimo, como o familiar. Nas palavras de Packer: "Adoção sugere a ideia de família, concebida em termos de amor; e vendo a Deus como pai. Na adoção Deus nos recebe em sua família e comunhão e nos estabelece como filhos e herdeiros. Intimidade, afeição e generosidade são os pontos altos desse relacionamento."[109]

A adoção não é uma ação exclusiva do Espírito, mas é Ele quem faz brotar em nossos corações o clamor pelo *Abbá*(Gl 4.6) e sedimenta nossa esperança no amor de Deus (Rm 5.5). É por meio do Espírito que temos certeza de que somos filhos de Deus; Ele nos mostra como é o Pai e nos faz viver como filhos. Assim, não obedecemos a Deus por medo de queimar no inferno ou porque precisamos cumprir diversas leis; obedecemos-Lhe por amá-Lo como Pai. E como filhos obedientes, aceitamos também a Sua disciplina paternal (Hb 12.7) quando tropeçamos em nossas falhas. Mas vamos deixar algo bem claro, Deus não pune nossos pecados, pois Jesus já foi punido em nosso lugar. Desse modo, "a disciplina vem para nos corrigir e edificar nosso caráter, para que sejamos cada vez mais parecidos com Cristo".[110]

O Espírito que regenera[111]

A regeneração é uma ação do Espírito no interior do indivíduo que acreditou em Cristo. Se a justificação é uma mudança de *status* perante o juízo de Deus, a regeneração é o novo nascimento. Berkhof define regeneração como a obra criadora de Deus que produz *vida nova*, pela qual o homem vivificado com Cristo pode ser chamado de *nova criatura*.[112]

Diferentes termos são empregados na Bíblia para o conceito de regeneração: novo nascimento, ressurreição ou vivificação, nova criação, coração novo e mente nova. A passividade do ser humano é o que esses vocábulos deixam bem claro: Deus é o autor da regeneração!

> Este é um evento em que o homem é passivo, e isso se evidencia pela própria linguagem da regeneração: nascemos não por nossa vontade, mas por decisão divina (Jo 1.12); de novo (ou do alto) (Jo 3.3); do Espírito, não da carne (Jo 3.5-6).[113]

No NT, o termo que transmite fielmente essa ideia de regeneração é *palingenesia* (renascimento). Aparece em Mateus 19.28, falando da regeneração do mundo quando o Filho do Homem se assentar em Seu trono; e também em Tito 3.5: "*não por causa de atos de justiça por nós praticados, mas devido à sua misericórdia, ele nos salvou pelo lavar* regenerador *e renovador do Espírito Santo*." (grifo nosso). Erickson frisa que nesse texto temos a ideia bíblica do novo nascimento.[114]

No diálogo entre Jesus e Nicodemos, em João 3, temos a exposição mais conhecida da Bíblia sobre o conceito de regeneração/novo nascimento. No v.3, Jesus afirma que se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus. No decorrer da conversa Jesus ainda faz afirmações como: "*Não se surpreenda pelo fato de eu ter dito: É necessário que vocês nasçam de novo*" (v.7) e no v.8 usa a expressão "nascido do Espírito". O teor dessa fala de Jesus é a ação sobrenatural transformadora no interior do ser humano, sem a qual ele não conhecerá o reino de Deus.[115]

Ainda nessa conversa entre Jesus e Nicodemos, percebemos que o significado de regeneração não é tão simples quanto parece, tanto que Jesus precisa repetir o conceito com palavras diferentes. Contudo, é possível fazermos algumas afirmações sobre o conceito de regeneração.

Como já dito, a regeneração é uma ação de Deus, que, por meio do Seu Espírito, vivifica um coração morto e cria nele novas faculdades e capacidades. Antes da regeneração somos descritos como:

> espiritualmente mortos, cegos, ignorantes, de coração duro (Ef 2.1;4.18)
> sob o poder das trevas (Cl 1.13)
> incapazes de entender as coisas espirituais (1Co 2.14)
> incapazes de mudarmos a nós mesmos (Jr 13.23)
> impuros (Tt 1.15).[116]

Porém, depois da regeneração, somos renovados e nos tornamos o contrário dessa descrição. O Espírito Santo renova nossas mentes e passamos a pensar com a mente de Cristo. Como frisou Owen:

> Ser renovado no espírito de nossa mente significa que as nossas mentes possuem agora uma nova e salvadora luz sobrenatural que as capacita a pensarem e agirem espiritualmente (Ef 4.23; Rm 12.2) o crente é renovado em "conhecimento à imagem daquele que o criou (Cl 3.10).[117]

Assim, regeneração pode ser entendida como a revitalização do interior do ser humano, o qual o Espírito Santo renova à imagem de Deus nele, antes maculada pelo pecado. Dessa forma, a regeneração implica em:

> iluminação espiritual, pela qual o reino de Deus passa a ser visível para o indivíduo, ou seja, ele reconhece os sinais espalhados pela criação;
> libertação da vontade, de sua escravidão ao pecado;
> purificação, pois a vida regenerada atenta para a Palavra de Deus. Por isso, a regeneração é uma reversão da depravação no indivíduo.[118]

Depois da regeneração sofremos as ações do Espírito de Deus, criando assim, em nós, uma nova maneira de viver. E aqui é importante frisarmos, que ser regenerado não significa que Deus acrescenta uma nova natureza em nós. Não temos duas naturezas, uma boa e uma má, temos apenas uma, que após a regeneração passa a ter uma disposição para Deus, e não é mais determinada pelo pecado, mas pelo Espírito.

Quando acontece a regeneração?

A regeneração não é um processo. A Bíblia dá a entender por meio das analogias usadas, que é algo instantâneo, pois ela afirma que os crentes "nasceram de novo", foram "vivificados", etc., isto é, não estamos sempre nascendo de novo ou sendo vivificados.[119]

Sabemos que é por meio da pregação da Palavra que Deus salva o pecador. Logo, sob o efeito da Palavra anunciada (o chamado externo), o pecador recebe a ação regenerativa do Espírito Santo (o chamado interno). Quando o Espírito age por meio da Palavra, a fé em Jesus Cristo brota e o indivíduo recebe uma

nova vida espiritual passando a ser chamado filho de Deus. Dessa forma, aquele que antes era incapaz de responder ao chamado salvífico de Deus é transformado pelo Espírito para que possa crer na Palavra anunciada. Se entendido assim, não restam dúvidas de que a regeneração vem antes da fé salvífica.[120]

Em síntese, não se pode pontuar com exatidão o momento da regeneração, mas com certeza pode-se afirmar que não depende da vontade do ser humano e só acontece onde a Palavra de Deus é pregada e o Espírito Santo age (Tg 1.18).[121]

Por que precisamos da regeneração?

Diante de tudo que já foi exposto, a resposta a essa questão é simples: precisamos dessa ação regenerativa para nos voltar para Deus, pois sem ela não encontraríamos o caminho da salvação. Por mais que a sociedade secularizada defenda uma evolução do caráter humano, por meio do autoconhecimento, das reformas sociais ou da moralidade, sabemos o que a Palavra diz acerca do ser humano sem Deus: alguém pecador e carente (Rm 3.23; 1Co 2.14), logo, impotente diante do seu próprio vazio.

Por isso, a única maneira dele viver conforme a vontade de Deus, é sofrendo uma mudança que altere toda a disposição de sua alma, ou seja, precisa ser regenerado.[122]

A obra da regeneração produz, consequentemente, a santificação, uma ação do Espírito que dinamiza o ser humano a viver essa nova natureza no seu dia a dia. É sobre ela que vou me ocupar no próximo ponto.

O Espírito que santifica

A vida cristã tem início na justificação e na regeneração, mas não para aí. Ela é uma caminhada, uma peregrinação, em que a cada passo nos tornamos mais parecidos com Cristo.

O teólogo A. H. Strong define santificação como “aquela operação contínua do Espírito Santo, mediante a qual a santa disposição outorgada na regeneração é mantida e fortalecida”.[123] Isso quer dizer que o Espírito Santo, por meio da santificação, desenvolve a nova vida gerada no crente no momento da regeneração. Ou nas palavras de Erickson: “é a continuação do que foi iniciado na regeneração [...]; é o Espírito Santo aplicando na vida do cristão a obra realizada por Jesus Cristo”.[124]

No Antigo Testamento

O verbo hebraico *qadash* descreve a separação de objetos e pessoas para o serviço a Deus. No capítulo 29 de Êxodo temos o emprego de *qadash* para a consagração dos sacerdotes ao ministério divino. Também é usada no contexto de pureza moral (Is 65.5). E para aquele ou aquilo que pertence ao sagrado é usado o adjetivo *qadosh* (santo).

> O verbo e o adjetivo se encontram em Levítico 21.8, mostrando a riqueza do termo [...] O sacerdote deveria ser consagrado (*qadash*). Já que ele representava o povo diante de Deus, ele era *qadosh*, ou separado do povo [...] Podemos entender a palavra (santo) em ambos os sentidos: santo, como separado, e santo, como moralmente perfeito.[125]

No AT o conceito de santidade está de certa forma ligado à vocação do povo de Israel, pois foi a este povo que Deus revelou Sua santidade e o santificou. Em Israel, Deus mostraria como o mundo estava em trevas e impuro. Por isso, tudo aquilo que tivesse contato com Deus, tinha de ser santo.[126]

Todas as leis entregues para Israel visavam mostrar a santidade de Deus e o cuidado d'Ele para com o povo escolhido. Viver sob os mandamentos de Deus era viver como povo escolhido. Por isso, a santificação no AT está atrelada ao padrão de justiça que se manifesta no caráter de Deus, revelado nos mandamentos.

E é na radicalidade do primeiro mandamento que temos o início da santificação (Ex 20.3), pois enquanto o ser humano não coloca a sua fé no único Deus, não existe verdadeira espiritualidade.

Ao viver nesse relacionamento exclusivo com o Deus da aliança, Israel não encara os mandamentos como fardo, mas como bênção, como algo positivo. Tanto que o conjunto de leis do povo de Israel se chama Torah, que significa instrução. Nas palavras do monge AnselmGrünn: "Torah significa instrução, é o guia de um Deus bondoso que não quer que as pessoas se percam nos meandros da vida."[127]

> As exigências de Deus não existem, então, para tirar a alegria da vida. A lei mostra o amor que Deus tem para com seu povo e nos ensina a amar o nosso próximo. A experiência da vida espiritual neste contexto não é questão de guardar as regras, mas, sim, de crescer em intimidade com o Senhor, experimentando a verdadeira liberdade. O padrão é: conhecer e amar o Senhor, sendo que a obediência flui desse relacionamento.[128]

Nesse sentido, é interessante perceber que já no AT o Espírito Santo gera "qualidades morais e espirituais de santidade e bondade na pessoa a quem se achega ou habita".[129]

No Novo Testamento

É no NT que a terceira pessoa da Trindade se destaca como o santificador. Berkhof, inclusive, chega a dizer que raramente se atribui santidade a Deus nas páginas do Novo Testamento, pois esta se projeta como característica especial do Espírito Santo, "por quem os crentes são santificados, são qualificados para o serviço e são conduzidos ao seu destino eterno". Colabora com essa teoria o fato de que a palavra *hagios* (santo) é empregada em ligação ao Espírito de Deus cerca de 100 vezes.[130]

Como disse acima, a santificação é resultado direto da regeneração, logo, somos santos (1Co 6.11). Na carta aos Efésios, Paulo chama aqueles cristãos de santos – *hagios* – mas isso não quer dizer que eles já tivessem chegado à perfeição moral. Aqui, *hagios* aponta simplesmente para o fato de que os destinatários da carta são *separados* como povo de Deus. Nesse sentido, todos os cristãos, aqueles regenerados pelo Espírito, são santos.[131] Como afirma Erickson:

> A santificação, nesse sentido, é algo que ocorre bem no início da vida cristã, no momento da conversão, juntamente com a regeneração e a justificação. É nesse sentido que o *Novo Testamento* se refere com tanta frequência aos cristãos como "santos", mesmo quando estão longe da perfeição. Paulo, por exemplo, dirige-se dessa forma às pessoas da igreja de Corinto (1Co 1.2), embora, provavelmente fosse a mais imperfeita das igrejas a que tivesse ministrado.[132]

Mesmo assim, é importante entendermos que santidade ou ser santo também tem a conotação de qualidade moral. Nesse sentido, ser santo não significa apenas ser separado por Deus e para Deus, mas agir como alguém que pertence a Cristo e obedece aos seus mandamentos.

Quando começa a santificação?

Começa na regeneração. A partir da regeneração o Espírito Santo começa a refrear a natureza pecaminosa do ser humano. Assim, não nos sentimos confortáveis com o pecado e as práticas pecaminosas. Paulo orienta aos romanos: "*Da mesma forma, considerem-se mortos para o pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus. Portanto, não permitam que o pecado continue dominando os seus corpos mortais, fazendo que vocês obedeçam aos seus desejos. Não ofereçam os membros do corpo de vocês ao pecado, como instrumentos de injustiça; antes ofereçam-se a Deus como quem voltou da morte para a vida; e ofereçam os membros do corpo de vocês a ele, como instrumentos de justiça"*. (Rm 6.11-13)

Estar morto para o pecado quer dizer, aqui, ter a capacidade de superar atitudes torpes, romper com comportamentos pecaminosos. Os regenerados são

dinamizados pelo Espírito e recebem virtude para vencerem as tentações e não terem mais o pecado como seu senhor. Contudo, isso não quer dizer imunidade ao pecado, pois como veremos, nossa santificação nunca será completa aqui.

Santificação como processo

Já somos santos, mas ainda não. E é por não entender esse conceito que muitas pessoas não compreendem a santificação. Somos santos porque somos separados por Deus, para ser seu povo. Contudo, o pecado ainda nos incomoda. O NT deixa claro que o pecado não é extirpado da vida do crente. Por ainda agir no ser humano é que a Bíblia exorta a não o deixarmos reinar em nossa vida (Rm7; 1Jo.8ss). O versículo 19 do capítulo 6 de Romanos afirma: "*Assim como vocês ofereceram os membros do seu corpo em escravidão à impureza e à maldade que leva à maldade, ofereçam-nos agora em escravidão à justiça que leva à santidade*." Gradualmente é que vamos nos tornando mais parecidos com Cristo. Também em 2 Coríntios 3.18: "*E todos nós, que com a face descoberta contemplamos a glória do Senhor, segundo a sua imagem estamos sendo transformados com glória cada vez maior, a qual vem do Senhor, que é o Espírito*". Isso deixa claro que Deus por meio do Seu Espírito santifica Seu povo paulatinamente. Grudem afirma:

> Todas as exortações e mandamentos de natureza moral das epístolas do Novo Testamento se aplicam aqui, pois exortam crentes a observar um ou outro aspecto, visando maior santificação na vida. A experiência de todos os autores do Novo Testamento é que nossa santificação aumente no curso de nossa vida cristã.[133]

Logo, fica evidente que a santificação não será plena enquanto estivermos por aqui. Paulo, em Filipenses 1.6, afirma: "*Estou convencido de que aquele que começou a boa obra em vocês, vai completá-la até o dia de Cristo Jesus*".

A Bíblia também é clara ao dizer que se dissermos que não temos pecado, a nós mesmos nos enganamos (1Jo 1.8ss). A verdade bíblica é que permanecemos pecadores mesmo depois da conversão, e que só nos livraremos dele por completo, no dia de Cristo Jesus, ou seja, o dia em que Ele voltar e nos levar para o céu. Vale lembrar também a oração do Pai Nosso, que é uma espécie de modelo de oração a ser repetida todos os dias, por meio da qual Jesus nos ensina a pedirmos perdão pelos nossos pecados (Mt 6.11-12).

Aqui, cabe explicar a palavra *perfeição* encontrada em Mateus 5.48 "*Portanto, sejam perfeitos como perfeito é o Pai celestial de vocês*". Nas palavras de Erickson:

> A palavra grega *teleioi* ("perfeito"), encontrada em Mateus 5.48, não significa "sem falha" ou "sem mácula". Antes significa "completo". É

> bem possível, portanto, ser “perfeito” sem ser inteiramente livre do pecado. Ou seja, podemos possuir a plenitude de Jesus Cristo (Ef 4.13) e todo o fruto do Espírito (Gl 5.22-23) sem possuí-los por completo.[134]

O fato de não alcançarmos a perfeição moral nesta vida não deve ser motivo de desânimo e sinônimo de vida desregrada, pois quem foi regenerado e santificado deve viver como tal. Partindo dessa ideia, Hulme frisou:

> Em ambas as alianças, a antiga e a nova, Deus inicia a aliança, e o povo de Deus se compromete em lealdade para com ela. Tal compromisso influencia o comportamento. O relacionamento pactual implica obrigação. Aos “eleitos” tem sido dado tudo – e, portanto, espera-se deles que deem tudo.[135]

Por mais que a santificação seja uma obra de Deus em nós (o indicativo de que já somos santos Rm 8.15-17), a Bíblia também está cheia de imperativos (devemos fazer alguma coisa, pois esse processo não está concluído – Rm6 e muitos outros textos bíblicos). Os imperativos na Bíblia desafiam a vontade, apelam ao esforço humano.

Por isso, desempenhamos um papel importante nesse processo. Na força do Espírito, mortificamos os feitos da carne (Rm 8.13). E como fazemos isso? Não existem atalhos para uma vida santa, e a fórmula bíblica da vida consagrada é a leitura das Escrituras e a meditação sobre elas (Sl 1.2; Mt 4.4; 17.17); oração (Ef 6.18); adoração (Ef 5.18-20); testemunho (Mt 28-19ss); comunhão cristã (Hb 10.24-25) e domínio próprio (Gl 5.23). Dito isso, é sempre importante lembrarmos que o foco da santificação é a ação de Deus e não o esforço daquele que está sendo santificado.[136]

E nesse ponto, devemos tomar todo cuidado possível para não cairmos no legalismo. A salvação não é pelas obras, já tratamos disso no capítulo 3. Não trocamos piedade por um lugar no céu. Muitos pensam assim e, erroneamente, utilizam Hebreus 12.14 como alicerce. Vamos dar uma rápida olhada nesse versículo e entendê-lo melhor.

Sem santidade, ninguém verá o Senhor

O texto de Hebreus 12.14 diz: “*Esforcem-se para viver em paz com todos e para serem santos; sem santidade ninguém verá o Senhor*”. Constantemente vejo esse versículo sendo usado como base para a “*teologia do cagaço”*. Pregadores o vociferam na tentativa de convencer os ouvintes a se separarem do mundo e fazerem tudo certinho para não irem para o inferno. Isso gera muitos crentes que só se preocupam consigo mesmos, possuem uma espiritualidade ensimesmada e uma vida cristã movida pelo medo.

Eles não entendem que santificação não é um processo para salvação, mas para testemunho. Ou em outras palavras, eu não me santifico para ser salvo, mas para ser sal. O objetivo da minha santificação é a manifestação da vontade de Deus ao mundo. O próprio contexto do texto fala de cooperação entre os irmãos, de coletividade, portanto, a minha santificação não é para que eu veja a Deus, mas para que meu próximo O veja. De certa forma, o meu testemunho e vida de fé são auxílios para os que estão trôpegos na caminhada cristã (v. 12;15), apresentam a graça para o perdido (2Co 5.18ss).

Nos versículos anteriores ao 14, o autor fala também da correção de Deus sobre Seus filhos, ato que transforma nossa vida para que ela seja mais parecida com a vida de Jesus. E ser discípulo de Cristo significa estar debaixo da Sua disciplina.[137] No versículo 11, lemos: "*Nenhuma disciplina parece ser motivo de alegria no momento, mas sim de tristeza. Mais tarde, porém, produz fruto de justiça e paz para aqueles que por ela foram exercitados*." O velho Adão em nós esperneia diante da correção de Deus, exatamente como aquela criança quando corrigida pelos pais. Mas essa correção nos leva ao amadurecimento da vida de fé e, assim, produzimos*frutos de justiça*. "Faz parte das afirmações fundamentais da Escritura Sagrada que Deus espera frutos da vida de Seus filhos (cf. Sl 1.3; Jr 17.8; Jo 15.1-8). Fruto nada mais é que passar adiante a vida recebida de Deus."[138]

Assim, entendemos que santificação é ter uma vida como a de Cristo, e isso implica, entre outras coisas, seguir em paz com todos e obedecer ao Pai, testemunhando do Seu amor e justiça.

Justificação e santificação

Tanto a justificação como a santificação são obras de Deus em nós. Como afirma Jensen: "O evangelho, o 'apenas pela graça', não deixa espaço para o orgulho humano".[139] Se podemos falar em uma diferença, é que na santificação participamos do processo. Porém, deve ficar muito claro que não é um processo gerado dentro de mim, mas é algo externo que me inunda. O Espírito vem de fora. É sempre de fora para dentro; quando inverto o processo, não é evangelho.

A seguir, exponho um quadro no qual Franklin Ferreira e Alan Myatt apresentam essas distinções de maneira bem didática.[140]

A JUSTIFICAÇÃO	A SANTIFICAÇÃO
A justificação é uma ocorrência instantânea que se completa em um instante. O pecador é declarado perfeitamente justo no momento em que crê em Cristo e no evangelho.	A santificação é um processo que exige toda uma vida para se completar, e não será concluída enquanto o cristão não chegar ao céu.
A pessoa ou é justificada, ou não é. A justificação acontece pela declaração de Deus de que um homem é justo, com base nos méritos de Cristo.	**É possível ser mais ou menos santificado. Ou seja, há diferentes graus de santificação, mas não de justificação.**
A justificação é uma questão forense. A retidão que recebemos mediante a nossa justificação não é propriamente nossa, mas é a perfeita retidão do nosso Mediador, Jesus Cristo, a nós atribuída somente por meio da fé.	A santificação é uma transformação real do caráter e da condição do homem. A retidão alcançada por meio da santificação é nossa própria retidão, gerada em nós pelo Espírito Santo, embora misturada com debilidade e imperfeição.
A justificação é uma obra objetiva, um ato de Deus a nosso respeito, que afeta a nossa condição perante Deus, nosso relacionamento com Ele.	**A santificação é uma obra subjetiva, uma obra de Deus em nós, que afeta nosso interior.**
Na justificação, somos libertos da culpa.	Na santificação, somos libertos da corrupção.
Nossas obras não desempenham qualquer papel na justificação.	**Nossas obras são importantes na santificação. Deus ordena que lutemos, vigiemos e nos esforcemos no caminho da santificação.**

O Espírito que dá poder

Ser cheio do poder do Espírito segundo a Bíblia é “manifestar a presença ativa de Deus no mundo e em especial na igreja”.[141] No Antigo Testamento o Espírito Santo é apresentado como força ativa de Deus, agindo com poder sobre a criação e sobre o povo de Israel.[142]

Porém, no AT sua ação não era plena. Por conta disso, alguns textos já apontam para um tempo em que o Espírito Santo seria derramado sem medida e de maneira mais abundante. A maioria dos textos assinala para a ação do Espírito sobre o Messias. Jesus inclusive cita Isaías 61 referindo-se a Si mesmo. Já o texto de Joel 2.28 fala sobre um derramamento generalizado, não somente sobre o Messias, mas sobre toda carne. Em Atos 2, temos o cumprimento dessa promessa.

No ministério terreno de Jesus percebe-se o poder do Espírito Santo. O evangelista Lucas é o que mais evidencia isso em seu escrito. Ao folhear as páginas desse evangelho, constantemente leremos expressões como “*Jesus, no poder do Espírito*” ou “*Jesus, cheio do Espírito Santo*” e isso denota a ação conjunta dessas Pessoas da Trindade. Todos os feitos e milagres realizados por Jesus no poder do Espírito foram para testificar o anúncio do reino de Deus entre o povo. Da mesma forma, esse poder é conferido à igreja. Lucas também registra que a atividade dos apóstolos era guiada pelo Espírito Santo (At 13, por exemplo) e em Atos 1.8 podemos ler: “*Mas receberão poder quando o Espírito Santo descer sobre vocês, e serão minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra*”. A igreja é cheia do poder do Espírito para a promoção do reino, não de ministérios ou indivíduos.

Lucas empresta o termo *testemunhas* do linguajar jurídico. Durante um processo judicial as testemunhas são interrogadas e não são seus pensamentos ou opiniões que devem externar, mas sim o que viram e ouviram. As testemunhas estabelecem o que aconteceu na realidade. Assim são os apóstolos (At 4.20). Em seu comentário sobre Atos dos Apóstolos, Boor afirma:

> No entanto, como se trata de realidades invisíveis, divinas, não bastam todos os testemunhos humanos para convencer o próximo dos fatos. Somente o poder do Espírito Santo pode atestar o testemunho de Jesus de forma que atinja a consciência da pessoa e ela creia ou se rebele contra a verdade, que já não pode ser negada.[143]

Dessa maneira, foi pelo poder do Espírito que os discípulos se tornaram

testemunhas eficazes da mensagem de Cristo, e nós, pelo mesmo poder, nos tornamos testemunhas hoje. Isso é possível porque herdamos um livro que preserva a base da pregação apostólica e assim fundamenta a nossa pregação e testemunho. Ainda que não tenhamos vivenciado os eventos que ali são narrados, acreditamos no Autor do livro e confiamos na história que nos antecede, por isso, na atualidade, testemunhamos dos mesmos acontecimentos e ensinamentos do passado, tendo a certeza de que o mesmo Espírito Santo que convencia no passado, convence no presente (Jo 16.8). Aleluia!

O Espírito que enche

Ser cheio do Espírito Santo, para muitos cristãos, significa falar em línguas, ter uma experiência extática, pregar falando alto, mover-se como se estivesse fora de si e controlado por Deus, profetizar etc. Penso que uma pessoa cheia do Espírito pode, sim, fazer essas coisas; não estou julgando a validade dessas manifestações. Porém, ser cheio do Espírito vai muito além dessas experiências. Não podemos condicionar o enchimento do Espírito a episódios dessa natureza. Stott distingue pelo menos três modalidades de enchimento pelo Espírito Santo ao analisar os textos do NT[144]. Em primeiro, está implícita a ideia de que ser cheio era uma condição normal de todos os crentes, como os sete homens que foram designados para cuidar das viúvas da igreja de Jerusalém, entre outros requisitos, precisavam ser cheios do Espírito (At 6.3); Barnabé é descrito como "*um homem bom, cheio do Espírito Santo e de fé*" (At 11.24) e os recém-convertidos de Antioquia da Pisídia, mesmo depois da partida de Paulo e Barnabé, "*continuavam cheios de alegria e do Espírito Santo*". Percebe-se que nessas passagens, nada de sobrenatural é descrito.

Em segundo, a expressão também indica uma capacitação para um ministério ou cargo especial (João Batista Lc 1.15ss; Paulo At 9.17) e, em terceiro lugar, Stott fala dos casos em que a pessoa foi cheia do Espírito para a realização de uma tarefa imediata, como Zacarias e Isabel (Lc 1); Pedro antes de falar ao Sinédrio; Pedro e João orando com um grupo de irmãos foram cheios do Espírito Santo e pregaram com intrepidez a Palavra de Deus (Lc 4); Estevão antes de ser martirizado (At 7.55) e Paulo antes de repreender o mágico Elimas (At 13.9).

Em Jesus Cristo temos essas três modalidades, pois Ele voltou do Jordão cheio do Espírito Santo, indicando Seu estado normal. Isso ocorreu logo depois do Seu batismo, momento no qual foi ungido para o Seu ministério e, imediatamente, foi guiado pelo mesmo Espírito à tentação no deserto, voltando da provação na força do Espírito (Lc 4.14). "Parece que o Senhor foi fortalecido

de maneira especial pelo Espírito para essa emergência."[145]

Por conta disso, entendemos que nem sempre a experiência de ser cheio pelo Espírito está atrelada a algo fantástico ou incomum. Mesmo que nos relatos de Atos há eventos nos quais pessoas falaram em línguas após o enchimento do Espírito (2; 10; 19) há também relatos, já citados acima, em que a *glossolalia* não é mencionada. E aqui tocamos num ponto importante, pois estamos afirmando que o falar em línguas não é condição e evidência inicial do recebimento do Espírito Santo, ele é só mais um dos dons distribuídos pelo Espírito (esse assunto será abordado posteriormente). Mas o que evidencia então esse recebimento?

Como já ficou subentendido, o recebimento do Espírito Santo, às vezes, é acompanhado de manifestações extraordinárias e, às vezes, não. Nas palavras do teólogo pentecostal Gordon Fee: "Todos nós que confiamos em Cristo recebemos o Espírito, mesmo que a vinda do dom seja mais tranquila".[146] Fee entende que o recebimento do Espírito acontece na conversão, sem Ele, ela não seria possível. E assim, a evidência do recebimento do Espírito é uma vida de convertido a Cristo, de santificação e, consequentemente, uma vida frutífera!

Dos muitos textos do NT que falam sobre uma vida no Espírito Santo, vamos nos deter, pelo menos, no texto de Efésios 5.18. Não temos espaço para analisar todas as ocorrências, mas esse versículo é emblemático: "*Não se embriaguem com vinho, que leva à libertinagem, mas deixem-se encher pelo Espírito*". A NVI capta melhor o sentido teológico do texto original ao colocar o imperativo*mas enchei-vos do Espírito.* Já a ARA coloca na voz passiva*mas deixem-se encher pelo Espírito*. Nicodemus explica que:

> O modo imperativo [no grego] pode ocorrer na voz ativa, média ou passiva. A expressão grega usada [...] pode estar na voz passiva ou média. O mais provável é que seja passiva. Nesse caso, a tradução seria "sede *enchidos* pelo Espírito". Quero sugerir que talvez essa seja a melhor tradução, e não "enchei-vos do Espírito", como em nossa versão de Almeida. Esta última enfatiza o aspecto reflexivo característico da voz média, ao passo que "sede enchidos" (passivo) enfatiza a ação do Espírito em nós e se harmoniza melhor com o ensino do restante do Novo Testamento sobre a atividade do Espírito na vida do crente.[147]

Essa explicação não quer nos isentar dessa ordem do apóstolo Paulo aos seguidores de Jesus; de outro modo, ela nos deixa claro que o Espírito Santo é uma Pessoa que tem agenda própria, não podendo ser manipulado pela igreja.

Em nossos dias, muitas esquisitices têm acontecido. Pregadores tratam o Espírito como algo impessoal, como uma coisa que eles podem pegar e lançar sobre o público, seja um gás ou um líquido divino. Alguns sopram sobre as

pessoas, outros movimentam o paletó, enfim, vai da criatividade do pregador. O problema é que se esquecem de que estão lidando com uma Pessoa, não com uma coisa manipulável e controlável. A verdade bíblica é que só Cristo pode conceder e soprar o Espírito Santo (Jo 20.22). O que encontramos na Bíblia são passagens em que os apóstolos impuseram as mãos nos fiéis e esses receberam o Espírito Santo (At 8; 19). Segundo Stott, "imposição de mãos é um gesto significativo que acompanha a oração em favor de alguém, seja para bênção, consolo, cura ou ordenação".[148]

Esse imperativo de Efésios 5.18 quer tornar-nos sensíveis ao domínio do Espírito, abertos a essa possibilidade. Assim como creio que pessoas possam estar num estado mais avançado de santidade, creio que é assim também com o enchimento do Espírito. Alguns crentes se entregam mais a esse domínio.

Paulo contrasta a embriaguez do vinho com a sobriedade do Espírito. Ser cheio do Espírito não significa estar em êxtase espiritual. Ainda que possam acontecer experiências extáticas em momentos específicos da caminhada cristã, como já afirmei acima, não é isso que caracteriza uma vida cheia do Espírito, até porque estamos falando *de uma vida*, não de momentos esporádicos. O contexto do v.18 fala de vida em comunidade e afirma que uma vida preenchida e dominada pelo Espírito é marcada pela sensatez, louvor e ação de graça. "Assim o preenchimento com o Espírito Santo chega à expressão visível em uma vida pessoal e comunitária que obtém da vontade de Deus um parâmetro compromissivo, que serve ao Senhor com alegria e em tudo honra a Deus como Pai."[149]

Outro ponto em que o estudo da gramática grega nos ajuda na compreensão desse texto, é que o imperativo grego no tempo presente indica continuidade, ou seja, não quer dizer que uma vez cheio do Espírito, cheio para sempre. Foulkes esclarece:

> A experiência de receber o Espírito Santo de forma a cada parte da vida ser permeada e controlada por Ele não é uma experiência que ocorre de "uma vez por todas". Nos primeiros capítulos de Atos dos Apóstolos repete-se inúmeras vezes em que os mesmos apóstolos ficaram "cheios com o Espírito Santo". A implicação prática é que o cristão deve deixar sua vida aberta para ser constantemente e repetidamente cheia pelo Espírito Santo.[150]

Assim, ser cheio do Espírito remete também ao que já escrevemos sobre santificação e regeneração, pois a ética do Espírito só é possível numa mente renovada e numa vida em processo de santificação. Isso também coaduna com a orientação de Paulo aos gálatas: "*Por isso digo: Vivam pelo Espírito, e de modo*

nenhum satisfarão os desejos da carne” (Gl 5.16). É nessa carta, inclusive, que Paulo fala muito dessa vida no Espírito e seus frutos.

O fruto do Espírito

Se tem uma coisa que pode evidenciar a conversão de alguém, são os frutos que essa pessoa passa a produzir durante a sua vida. A verdadeira vida cristã é marcada por ações que refletem o caráter de Deus, assim, fruto do Espírito são “metáforas que Paulo usa para descrever virtudes que manifestam as realidades da vida em Cristo”.[151]

Paulo resume o fruto do Espírito em Gálatas 5.22-23: “*Mas o fruto do Espírito é amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio. Contra essas coisas não há lei*”. Dentro do contexto dessa carta, os frutos são a antítese de uma vida *na carne*. Paulo quer explicar aos gálatas que, por mais que os cristãos não estejam mais debaixo da Lei, isso não os isenta da ética cristã, que para o apóstolo não nasce da construção humana, mas da dádiva do Espírito. “O povo do Espírito não somente *deseja* agradar a Deus, mas é *capacitado* [espiritualmente] a fazê-lo.”[152]

Como os dons, estes “fruto”[153] também são para a vida em comunidade. Isso reflete o caráter do evangelho, por meio do qual a vida é sempre direcionada ao próximo. Somos livres da escravidão do pecado para sermos escravos de Deus (Rm6). E no serviço a Deus, é ao nosso próximo que servimos, por isso, essas virtudes são tão importantes na caminhada cristã, e contra elas, *não há lei*!

Os dons do Espírito

Como disse no início desse capítulo, o Espírito Santo é a Pessoa da Trindade que está presente com a Igreja. Sua presença também é sentida na distribuição dos dons que a capacitam no cumprimento do seu dever no mundo. E por ter uma diversidade de frentes de atuação, também existe uma diversidade de dons.

Não temos espaço para abordar todas as listas de dons encontradas no Novo Testamento (Rm 12.6-8; 1Co 12-14; Ef 4.11 e 1Pe 4.10-11), mas para nosso propósito nesse livro, podemos dar uma rápida olhada para o capítulo 12 de 1 Coríntios, em que Paulo explica a função dos dons no corpo de Cristo. Jensen argumenta:

> Toda a argumentação paulina quanto a dons espirituais vai no sentido de que há variedade. “Para o bem de todos, Deus dá a cada um alguma prova da presença do Espírito Santo” (1Co 12.7). O Espírito “... dá diferentes dons a cada um, conforme quer” (1Co 12.11). O corpo tem muitas partes. Cada parte participa do corpo. Cada parte do corpo é carismática. Cada

> qual tem seu(s) próprio(s) dom(ns). É assim, porque cada parte do corpo foi batizada e recebeu de beber do mesmo Espírito (1Co 12.13). O mesmo Espírito capacita a todos a funcionar no corpo de Cristo: a igreja.[154]

A figura do corpo é muito apropriada, pois todos nós sabemos da importância de cada um de nossos membros. Assim, os dons são distribuídos para todo o corpo, para edificação de todos os membros e nunca um dom serve para edificação dos indivíduos que o manifestam (salvo o de línguas). Outro ponto importante que a figura do corpo nos ajuda a compreender é que, embora nem todos os dons sejam igualmente notáveis, todos os dons são importantes (1Co 12.22-26) e que nenhum membro terá todos os dons, além de que eles são distribuídos pelo Espírito (12.11).[155]

Ainda que possam existir alguns dons de destaque "*buscai os melhores dons*" isso não visa destacar a pessoa que o manifesta, pelo contrário, aumenta a responsabilidade do portador diante da comunidade. No corpo humano, o cérebro é "mais importante" que o "dedo mindinho do pé"[156], porém, isso não desqualifica esse dedo como parte do corpo. Logo, todo membro é importante nas funções do corpo e por isso, dinamizado pelo Espírito com dons conforme a Sua vontade.[157]

O dom de línguas e o batismo com o Espírito Santo

De longe, esse é um dos dons mais comentados e estudados ao longo da história recente da igreja, principalmente depois do Movimento Pentecostal. Tragicamente, é o dom que mais tem dividido o corpo de Cristo, pois algumas confissões não acreditam na sua atualidade, enquanto outras o enfatizam.

Mais uma vez o espaço não me permite traçar um perfil da compreensão desse dom nas diferentes confissões, isso na verdade renderia alguns livros, pois dentro das muitas denominações há diferentes opiniões a respeito do falar em línguas, por isso, limito-me aqui a esboçar a compreensão que tenho acerca desse dom.[158]

O Novo Testamento não coloca esse dom atrelado necessariamente ao batismo com o Espírito Santo. Ainda que tenha acontecido em algumas ocorrências no livro de Atos, isso não é a regra bíblica.[159] Por exemplo, para o apóstolo Paulo, ser batizado no Espírito Santo era ser inserido no corpo de Cristo, como lemos em 1 Coríntios 12.13 "*Pois em um só corpo todos nós fomos batizados em um único Espírito: quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um único Espírito.*" Grudem, em sua sistemática, afirma que os discípulos experimentaram de fato um *batismo no Espírito Santo* depois da conversão no dia de Pentecostes, "mas isso ocorreu

porque estavam vivendo num momento único da história [*a transição entre a velha e nova alianças*] e, portanto, esse evento na vida deles não é um padrão que devemos procurar imitar".[160]

Com isso, não quero negar que após a conversão um cristão não possa ter experiências extáticas (êxtase) advindas de uma busca sincera por Deus. O dom de línguas, por exemplo, geralmente se manifesta no crente nesses momentos. Porém, a essas experiências, penso eu, não encontramos bases sólidas nas Escrituras para denominarmos de batismo com o Espírito Santo.

Falar em línguas, enquanto dom, tem como objetivo a edificação do próprio indivíduo. Sobre 1 Coríntios 14.4 Welker afirma: "Em línguas ora o espírito das pessoas, a bendição é falada em Espírito" (cf. 14.14, 16).[161] Faz bem orar em línguas. Paulo desejava que todos os coríntios falassem em línguas, porém "*prefiro que profetizem. Quem profetiza é maior do que aquele que fala em línguas, a não ser que as interprete, para que a igreja seja edificada*". Concluo a partir desse texto e, principalmente, de 1 Coríntios 12.30 algumas coisas que julgo importantes. Primeira: falar em línguas faz bem ao indivíduo, por isso, pode ser buscado, porém, ele pertence a uma lista que é distribuída pelo Espírito, assim, talvez mesmo que você busque, não receba.[162] Segunda: ao dizer que queria que todos falassem em línguas, Paulo dá a entender que nem todos na comunidade falavam e a resposta à pergunta de Paulo em 1 Coríntios 12.30 evoca um não como resposta, "*Têm todos o dom de curar? Falam todos em línguas? Todos interpretam*?". Terceiro: esse dom está longe de ser o mais importante da lista de Paulo, pois os dons devem servir à comunidade. Falar em línguas no culto público deve ser seguido de interpretação, para que toda a comunidade seja servida e edificada, caso contrário "*vocês estarão simplesmente falando ao ar*" (1Co 14.9).

Provavelmente, o que levou Paulo a escrever 1 Coríntios 14 era a supervalorização, por algum grupo da igreja de Corinto, do orar em línguas. Paulo refuta isso e "a censura mais forte está no recurso a Isaías 28.11ss (14.22), em que se afirma que o falar em línguas é um 'sinal para os incrédulos', dizendo com isso que o falar em línguas provoca naqueles que não creem que permaneçam em sua falta de fé".[163]

Diante de tudo isso, reforçamos o que já foi dito acima: a vida da comunidade vem em primeiro lugar. Obviamente, para uma vida em comunidade saudável, são necessários indivíduos saudáveis, por isso, todos devem buscar os dons, inclusive o de línguas, para que todo o corpo seja dinamizado pelo Espírito e cumpra seu papel na obra redentora de Deus.

O pecado imperdoável

Ainda hoje, muitos cristãos não entendem o que é o pecado imperdoável descrito em Mateus 12.32 “*Todo aquele que disser uma palavra contra o Filho do homem será perdoado, mas quem falar contra o Espírito Santo não será perdoado, nem nesta era nem na que há de vir*”.[164] Mas o que é blasfemar contra o Espírito Santo? O contexto da passagem sugere uma resposta simples. Os mestres da lei estavam dizendo que as obras de Jesus Cristo eram resultado do espírito do Belzebu presente n’Ele (v.24), isto é, Cristo para eles estava endemoninhado. Os fariseus não entendiam o messiado[165] de Jesus, afinal, eles esperavam outro tipo de Messias. Pecados assim, advindos de uma má interpretação e de preconceitos, Jesus perdoa. O problema começa quando a verdade é rejeitada não por causa de um mal-entendido, mas por causa de ódio contra o divino. Quando conscientemente rejeitamos a verdade estamos contra o Espírito Santo, o responsável por nos convencer do pecado, da justiça e do juízo (Jo 16.8).

Blasfêmia contra o Espírito Santo é negar a sua ação, é rejeitar a pregação apostólica (foi o que os judeus fizeram), é problema doutrinário, é apostasia. Como afirma Stott: “Este pecado leva quem o comete inexoravelmente a um estado de incorrigível embotamento moral e espiritual, porque pecou voluntariamente contra a própria consciência.”[166] É pecado imperdoável porque voluntariamente rejeita o perdão!

Capítulo 5
A Igreja Cristã

Por Alexander Stahlhoefer

Creio na Igreja. Una, santa, católica e apostólica.
Confesso um só batismo para remissão dos pecados.

Como ao longo de todo nosso livro, começo meu capítulo com essa formulação clássica para refletir a respeito da Igreja. Cada tópico contará com as passagens bíblicas relevantes sobre o assunto. Claro, não posso deixar de lado a

história da Igreja e as definições reformatórias clássicas; além disso, os problemas atuais da Igreja serão apresentados e abordados.

Creio na Igreja

A afirmação “creio na Igreja” é para alguns a prova de que a instituição cristã é em si mesma digna de confiança, e ao mesmo tempo para outros a prova de que desde o período conciliar a Igreja é idolatrada como uma concorrente de Deus. A tensão entre instituição e movimento está presente desde o início.

A instituição de um clero, a mudança de uma incipiente igreja caseira em uma instituição que se reúne em templos levou, no século II, Antão (ou Antônio) a viver sua espiritualidade cristã de forma isolada das demais pessoas. Segundo ele, “os monges que saem de suas celas, ou [que] buscam a companhia do povo, perdem a paz, como o peixe perde a vida fora d’água”.[167] O monasticismo foi a primeira forma de oposição à institucionalização da vida cristã. Posteriormente, também o movimento monástico se institucionalizou.

Crises motivadas por discordâncias teológicas igualmente representaram um “perigo” à manutenção da instituição eclesiástica. Dentre as ameaças, contamos o diverso e difuso gnosticismo, passando pelo marcionismo e arianismo. Não é possível simplesmente agrupá-los como movimentos anti-igreja, pois foram, na verdade, rechaçados como heresia devido às diferentes compreensões teológicas daquela presente na corrente dominante da Igreja. Talvez o arianismo seja o movimento que mais perdurou, tendo sido levado adiante por missionários até a Irlanda, Índia e China. Sucumbiu, todavia, perante o avanço da Igreja medieval, e o surgimento do Islã.

De tempos em tempos, novos movimentos criticaram doutrinas ou práticas da Igreja cristã. Este movimento pode ser descrito, como propôs Thomas Kuhn, como mudanças de paradigma.[168] Isto é, um novo paradigma de teologia e Igreja surge, baseado no anterior, mas com novas ideias e novo fôlego. Ele cresce, estrutura-se e, em certa medida, suplanta o anterior. Porém, com o tempo, também ele se institucionaliza e não tem mais força para mudanças internas, por esta razão é suplantado por um novo paradigma emergente. Esta dinâmica própria de um movimento social descreve a dinâmica da história da Igreja como instituição humana; porém, como corpo ou Igreja invisível, não consegue abarcar as dimensões espirituais daquilo que Cristo descreveu como Seu corpo. São estas dimensões espirituais com consequências sociais que o Credo apresenta em uma fórmula com quatro elementos: una, santa, católica e apostólica.

A Igreja é una

A Igreja é única. Sua unidade é fato, pois ela é o corpo de Cristo (1Co 12.12-13), além de ter um só pastor (Jo 10.16). Há um só corpo, um só Espírito, um só Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Deus (Ef 4.3-6). Como há apenas um Senhor e uma só fé, há apenas uma Igreja no tempo e no espaço. A Igreja nunca acabará e nem existirá mais de uma Igreja de Jesus. Por esta razão, a unidade da Igreja reside na unidade de Cristo e no pertencimento de cada cristão, individualmente, ao seu Senhor (Ef 2.19, 1Co 8.6). É a soberania de Cristo sobre a Igreja que garante a unidade, não o esforço humano para ser igual um ao outro.

Em contrapartida, a unidade visível da Igreja tem sido prejudicada pelas divisões e brigas doutrinárias, mas a Palavra nos chama a atenção para mantermos a unidade (Ef 4.3) naquilo que são as doutrinas fundamentais da fé cristã, especialmente somos chamados à unidade na mensagem do evangelho de Jesus Cristo, como Ele disse: "*para que eles sejam um, assim como nós somos um*" a fim de que "*o mundo creia que tu me enviaste*" (Jo 17.21-23). Há divisões quando há discórdia sobre a pessoa e as obras de Cristo.

A unidade da Igreja não é uma unidade formal, isto é, a Bíblia não defende uma única organização eclesiástica, muito menos uma única forma de doutrina formulada para todo o sempre, nem uma única compreensão de ministério pronto e terminado, e muito menos um mesmo jeito de viver (costumes).[169] A unidade fundamental está em torno da pessoa e obra de Cristo; quanto aos demais assuntos, temos liberdade para uma diversidade (cf. a multiplicidade de dons que Deus concede – 1Pd 4.10).

A Igreja é santa

A Igreja é santa porque não é Igreja de seres humanos, mas é a Igreja de Jesus Cristo. A Igreja não é santa porque seus membros possuem uma santidade externa, um padrão de moral elevado. Nem é santa porque seus órgãos e instituições são perfeitos. Se olharmos para as pessoas que estão na Igreja não conseguiremos ver santidade, apenas o pecado. Daí a conclusão de que a Igreja não seria santa. Só conseguimos ver a santidade da Igreja quando olhamos para Aquele que na cruz possibilitou sua existência, o qual atua ainda hoje e é o seu Senhor: Jesus Cristo, o santo de Deus. (Jo 6.69).

Porque os membros da Igreja são justos (justificados por Cristo) e pecadores (ainda permanecem na carne), a Igreja também é santa e pecadora. A própria santidade da Igreja não indica que ela seja perfeita. Ela é santa porque

Jesus é santo, e ela é pecadora porque nós somos pecadores.

A Igreja é católica ou ecumênica

A Igreja é católica (ou ecumênica ou universal) porque Jesus reconciliou o mundo na cruz (2Co 5.19). A atividade do Espírito de Deus por meio do Evangelho pregado pela Igreja não está limitado pelo tempo, nem pelo espaço ou cultura, pois para Deus não há brasileiros, argentinos, árabes, judeus, europeus, negros, asiáticos, pois Cristo é tudo em todos (Cl 3.11). Se a Igreja é única, se temos um só mestre e somos todos irmãos e irmãs (Mt 23.8), e se temos todos acesso ao Pai por meio do mesmo Espírito (Ef 2.18), então a Igreja é universal. Os seus limites vão até onde a atividade do Pai, do Cristo e do Espírito, por meio do Evangelho, podem ir.

Todos os que creem fazem parte da Igreja de Jesus. O batismo é o sinal visível de entrada na Igreja de Cristo, como confissão pública desta fé ou como confiança na promessa salvífica de Deus em Seu Filho.[170] Entretanto, a Igreja não é o somatório dos crentes, nem dos batizados. A Igreja é o domínio de Jesus Cristo na terra e a comunhão criada pelo Espírito. Domínio, aqui, não significa que Jesus esteja confinado à Igreja em Sua ação, nem que a Igreja seja o próprio reino e modo de ação de Cristo. A Igreja não é o reino de Deus, mas é fruto do reino. Por esta razão a Igreja, assim como o Corpo de Cristo, é dirigida tão somente por Cristo e é formada tão somente por aqueles chamados e congregados pelo Espírito.

A Igreja é apostólica

A Igreja é apostólica por causa da confiança na origem apostólica da sua fé.[171] Os “apóstolos”[172] foram os primeiros mensageiros autorizados e enviados por Cristo para levar a mensagem do evangelho (Mt 28.19-20). A mensagem fiel de Deus foi transmitida à Igreja pelos apóstolos. A Igreja tem em Cristo sua pedra angular, e foi construída sobre o fundamento dos profetas[173] e dos apóstolos (Ef 2.20).[174] A Igreja precisa continuar levando a mensagem de Cristo por meio de pessoas que sigam as pegadas dos apóstolos. Ser Igreja apostólica é continuar levando a mensagem do Evangelho por meio de novos mensageiros, e é também estar conectada, sem fim, à vida da Igreja, ou seja, não abandonar sua história.

Excurso: denominações, ecumenismo e a desinstitucionalização da igreja

Neste excurso, quero tratar sobre as principais dúvidas quanto às estruturas e formas de organização eclesiástica da atualidade. Não se trata de apresentar as formas de governo próprias de cada denominação, mas as lógicas de poder que perpassam denominações e sistemas de governança.

Para entender o surgimento do cristianismo denominacional é preciso remontar à história da transformação da seita religiosa cristã, considerada pelos romanos como uma "superstição". A discussão sobre as razões de Constantino ter trazido os cristãos para perto do império são controversas. Importante é que a partir de Constantino e, posteriormente, com o banimento do paganismo, o cristianismo passa de religião perseguida para perseguidora, de um grupo minoritário para majoritário, de religião quase proibida para oficial. As funções eclesiásticas se tornam símbolos de poder, e os limites geográficos das igrejas se confundem com os das províncias romanas. A Igreja cristã se torna subserviente ao Estado, mas também o transforma.

Com a dissolução do império após a invasão de Roma por Alarico, e a transferência da capital para Constantinopla, formam-se dois centros de poder na Igreja: Roma, até então sede do Império, cujo bispo assumiu as funções do *Sumo Pontifex* pagão; e a nova capital Constantinopla, cujo bispo era talvez o remanescente da Igreja de fala grega, que remete diretamente aos apóstolos e à reflexão teológica dos primeiros séculos.

A luta de poder entre Roma e Constantinopla no plano eclesiástico culminará em 1054 com a mútua excomunhão de ambos os bispos. A razão teológica foi a inclusão, por parte de Roma, da cláusula *filioque*[175] no Credo Niceno-Constantinopolitano. As diferenças teológicas entre o cristianismo romano e o grego já eram grandes antes da ruptura. Deste ponto em diante, os caminhos separados levarão a uma fixação de tradições de formas independentes, resultando na formação de duas Igrejas distintas na teologia, prática, e costumes.

A reforma trouxe um segundo e definitivo impulso à formação das denominações. Foi a partir das chamadas "ortodoxias protestantes" que os movimentos reformatórios se consolidaram em confessionalidades. Trocando em miúdos: aquilo que Lutero, Calvino, Zwinglio, Simons, entre outros defenderam nos princípios da reforma não é exatamente aquilo que prega as igrejas Luterana, Reformada (Calvinista e/ou Zwingliana) ou Menonita, por exemplo. As teses, práticas e escritos dos reformadores, foram complementadas, sistematizadas e formuladas em formas de confissões: Confissão de Augsburgo (Luterana, 1530), as duas confissões Helvéticas (prior, de orientação reformada com inclinação Luterana, 1536; posterior, de orientação reformada, 1561) Confissão Escocesa

(Reformada, 1560), Catecismo de Heidelberg (1563), e a Confissão de Fé de Westminster (Reformada, 1643). O objetivo destes documentos era apresentar a forma de fé pregada, a teologia defendida por um determinado grupo eclesiástico, seja para ter legitimidade perante o Estado, seja para conferir unidade confessional ao grupo.

A teologia subsequente à formulação destas confissões foi extremamente formalista. Tratava apenas de repetir o conteúdo dos credos antigos, ampliar com as confissões defendidas por seu grupo, além de adicionar textos bíblicos de prova. A exegese (interpretação bíblica) era totalmente refém da dogmática. Por essa razão é que se diz que Lutero não era luterano, e Calvino não era calvinista, pois a exegese e a interpretação bíblica dos reformadores, bem como as ferramentas que estes disponibilizaram foram enclausuradas em confissões fechadas. Qualquer interpretação bíblica que não coadunasse com a confissão era definida como herética. O que a ortodoxia protestante fez com a doutrina reformatória foi o mesmo que a escolástica medieval fez com a reflexão cristã anterior a ela: enclausurou a teologia na filosofia de Aristóteles, tornando o dogma em princípio formal, e a Escritura em princípio material. Este fechamento levou a formação de blocos eclesiásticos (igrejas ou denominações) cada vez mais fechadas em si mesmas.[176]

Um novo impulso surge a partir dos movimentos de retorno às raízes reformatórias. Philip Jacob Spener é o precursor do movimento na Alemanha, ao defender o retorno ao estudo pessoal da Bíblia, o sacerdócio de todos os crentes e a fé viva que produz obras. Tal movimento ficou conhecido como Pietismo, do qual posteriormente fez parte Francke (reformador da Universidade de Halle), e Zinzendorf (fundador da Comunidade dos Irmãos de Herrnhut). Este movimento de “avivamento” também esteve presente na Inglaterra com John Wesley, na Holanda e países baixos, e nos Estados Unidos com William Tennet, por exemplo.[177]

Derivado deste movimento de renovação na Igreja surgiram as sociedades bíblicas e as sociedades missionárias[178] na Europa e nos Estados Unidos. A primeira sociedade missionária foi fundada por Zinzendorf e enviou missionários para o mundo todo. Foi a partir das sociedades missionárias e bíblicas que surgiu a necessidade de buscar apoio mútuo e reflexão teológica. No princípio, essas sociedades andavam de mãos dadas com os governos de seus países, assim, elas serviam ao imperialismo de suas nações, onde, por exemplo, nas colônias alemãs, as sociedade luteranas e reformadas tinham preferência, enquanto que na inglesas, as sociedades anglicanas tinham a preferência e assim por diante. Foi a partir da reflexão conjunta e atuação mais coordenada entre as

sociedades que esta visão foi superada e a missão cristã ganhou nova força e impulsos.

A primeira grande reunião cristã de líderes de missão, teólogos e líderes eclesiásticos aconteceu em Edinburgh, Reino Unido, em 1910, e foi chamada Conferência Mundial de Missões. Depois desta, formaram-se grupos e comissões que levaram a reflexão adiante. O encontro foi o nascedouro do movimento ecumênico. Interessante que até no Concílio Vaticano II, a Igreja Católica Apostólica Romana não tomou parte neste movimento, sendo que até os dias de hoje ela participa de comissões cá e lá, mas não é membro oficial de nenhum órgão ecumênico. Portanto, apesar da doutrina católica dizer que só eles possuem o *status* de Igreja de Cristo, enquanto as demais denominações seriam apenas "congregações de cristãos", não há da parte do movimento ecumênico uma tendência para união formal de igrejas, muito menos com a Igreja Católica.

Cada vez mais os organismos ecumênicos tendem a utilizar palavras como "comunhão de Igrejas", para se definirem como espaço de intercâmbio, comunhão e aprendizado, e não como órgão de tomada de decisões. O grande medo que existe em relação ao ecumenismo é que por ele reunir um espectro muito grande de teologias, o relativismo estaria ali presente. Em certa medida o temor é justificável, uma vez que é necessário buscar o que é comum entre todos, e não se perder no debate sobre o que é secundário, sobre o que nos divide.

Entretanto, na minha experiência com o ecumenismo, percebi muito mais espaço para que eu diga o que eu penso e como penso e por que penso assim, do que uma obrigação para mudar minha posição. Além disso, o próprio #BTCast é ecumênico em certa medida, pois somos de quatro denominações diferentes e, pelo menos, duas tradições teológicas se confrontam. Se eu passar a considerar o pentecostalismo herético por pensar diferente, ou se meus colegas pentecostais me julgarem herético por pensar de outra forma, este ministério do qual você está colhendo frutos como leitor e/ou ouvinte nem sequer poderia existir.

Um mínimo de comunhão é necessário e importante (Jo 17)[179] para aprendizado mútuo, para considerar que minha denominação e a ortodoxia denominacional[180] não têm a última palavra. Vale ressaltar que o movimento ecumênico promove debates com outras religiões, entretanto, se utiliza o termo diálogo inter-religioso, e não ecumênico. Definimos ecumenismo como o diálogo existente entre igrejas cristãs as quais afirmam Cristo Jesus como Senhor e Salvador e que aceitam as Escrituras Sagradas do Antigo e Novo Testamentos como norma fundamental de vida e fé cristãs. Este diálogo tem como objetivos o aprendizado mútuo em questões da vida prática, a comunhão cristã e o

testemunho cristão no mundo. Ecumenismo é somente entre igrejas cristãs; quando conversamos com não-cristãos, o conceito, a lógica e o fundamento são outros!

Na atualidade, vemos uma profusão de denominações, formas de culto, teologias e modos de pensar. Talvez a internet esteja dando um novo impulso a esta diversidade, uma espécie de globalização da fé. Em lugares onde antes apenas um missionário chegava com muito esforço pessoal e recursos de uma igreja ou entidade, agora, gratuitamente, (ou a baixo custo) a informação chega por meio da internet, com uso de um vídeo postado no *YouTube*, um *podcast*, ou um *blog*, por exemplo.[181] A diversidade é boa e dom de Deus (1Pe 4.10), porém traz desafios. O diferente assusta, choca, e pode até escandalizar. É preciso ser crítico, mas não tão crítico a ponto de não aceitar mudanças de tradições e costumes na igreja. A seguir, analiso alguns modelos atuais de igreja, verificando suas fraquezas e potencialidades, com as quais podemos aprender.

Modelo tecnocrata

É focado para realização de metas. A igreja possui uma visão, missão institucional e valores, tal como o esquema de planejamento empresarial. A Bíblia e a teologia se tornam reféns do método que, apesar da aparência e conteúdo cristãos, é apenas um formato consagrado de metodologia de negócios. O "sucesso" do empreendimento eclesiástico é medido em números: convertidos, ofertas e dízimos, edificações, ministros empregados, congregações filiais fundadas. A garantia do sucesso está no método. Ora o "espírito da igreja" é o planejamento estratégico, ora ele é o "propósito da igreja". Eugene Peterson constata:

> Quando me preparava para começar a desenvolver uma nova igreja, observei que os pastores não pregavam mais sermões fantasiosos sobre como a igreja deveria ser. [...] Podiam usar técnicas de publicidade para criar uma imagem da igreja como um lugar onde os cristãos e seus amigos podiam se reunir com outras pessoas bem-sucedidas e glamorosas. [...] Com a despersonalização de Deus, e sua apresentação em nova embalagem, como princípio ou fórmula, as pessoas poderiam comprar de acordo com o que, aparentemente, tornaria a vida mais interessante e gratificante para elas. [...] Era a americanização da igreja. Queriam transformar as igrejas em mercado para consumidores de religião, um empreendimento eclesiástico administrado de acordo com os princípios da publicidade, fluxogramas empresariais e impulsionado por uma retórica motivacional impressionante.[182]

Modelo "Atos dos Apóstolos"

É o modelo empregado por todo aquele que afirma fundamentar a sua igreja

sob o ensino dos apóstolos. É um método de cópia ou transplante. Idealiza-se a comunidade de Jerusalém como sendo a comunidade cristã perfeita que deve ser imitada. Os apóstolos e cristãos retratados, bem como as experiências individuais deles, devem ser imitados sob o risco de não sermos igreja bíblica. De modo geral, o modelo aparece tanto no pentecostalismo quanto no congregacionalismo. Desde os reformadores radicais, como Thomas Müntzer, este modelo é apregoado. Eugene Peterson, tendo crescido em um ambiente pentecostal e depois abraçado a fé reformada, propõe uma reinterpretação do modelo:

> Atos não é um manual com diagramas e um conjunto de instruções sobre como ser igreja. Atos não é uma fantasia utópica que mostra como seria a igreja perfeita. Atos é uma história detalhada das várias formas pelas quais a primeira igreja se tornou igreja. Uma história não é um *script* a ser copiado. Uma história desenvolve uma percepção narrativa em nós, de modo que nós, atentos à história de Jesus, sejamos presentes, obedientes e crentes à medida que participamos dos modos pelos quais o Espírito Santo está formando a vida de Jesus em nós. A trama (Jesus) é a mesma. Contudo, os lugares, as circunstâncias e os nomes reais serão diferentes, formando uma narrativa exclusiva para a nossa época, lugar, circunstâncias e pessoas. Igrejas não são franquias [...] cuja única alteração é a tradução do *menu.*[183]

Modelos orientados para o "self"

É a igreja de nicho. Doutrinariamente, não se difere muito dos demais modelos, se não pela importância dada à relação positiva com a cultura. Aqui o modelo tende a uma aproximação com a teologia liberal.[184] Neste modelo, a igreja adota a linguagem, a forma, e os costumes da cultura. Tudo aquilo que a Bíblia não proíbe explicitamente pode ser apropriado de forma cristã dentro da igreja. Elementos litúrgicos tradicionais são substituídos por elementos da cultura: púlpito por prancha de *surf*, vestimentas litúrgicas por roupa despojada, ambiente de "templo" por ambiente de "sala de estar". Tudo aquilo que se relaciona à velha cultura de igreja é substituído pelo novo.

O culto pode se parecer com um *show* para os da cultura *pop*. Ou então como um sarau para os alternativos da cultura *hippie*. Sem problemas, o ambiente do bar ou *pub* se torna o motivo decorativo da igreja. As novas formas podem trazer um novo impulso à evangelização, mas como todo flerte em que a cultura exerce um papel preponderante, facilmente elementos cristãos serão deixados de lado. Junto à relativização da forma, elementos de conteúdo correm o risco de serem relativizados. Foi o que aconteceu com o *gnosticismo* e a realidade da teologia liberal, que esvaziou igrejas na Europa; e é isso o que pode

acontecer neste modelo.[185] Entretanto, não podemos simplesmente condenar uma igreja de nicho por ela ser diferente do modelo convencional e tradicional já conhecido, afinal, pessoas conhecem a Cristo, seguem-nO e se reúnem como comunidade em obediência, porém com formas de culto, ensino e apresentação diferentes.[186]

Os desigrejados

É um grupo de cristãos que assumem não ter vínculo de membresia com uma igreja institucionalizada. É um grupo diverso, portanto, difícil de definir. Corremos o risco de sermos preconceituosos ao, logo de cara, definirmos o grupo de forma negativa. Há tanto um movimento de igrejas em casa, que pelo seu caráter não institucional é fortemente criticado pelos cristãos "institucionais", quanto há os que de fato abandonaram qualquer tentativa de organização comunitária.

Não é difícil entender a aversão à igreja: abuso de poder dos pastores e líderes, em que uma visão patriarcal ou feudal da congregação impera; controle social e intelectual, no qual a liberdade de manifestação e opinião é vedada por uma pretensa ordem doutrinária. Há ainda o grupo dos que se decepcionam com a teologia da denominação e preferem trilhar caminhos diferentes. Outros deixam a igreja por questões particulares: brigas, dissensões, preconceito sofrido, agressões, ou simplesmente por "gosto". Fato é que as instituições eclesiásticas da atualidade repetem modelos hierárquicos herdados do Império Romano como os modelos episcopal, congregacional ou comunitarista. Em todos eles há figuras de poder que ditam regras e impedem a participação ativa das pessoas nas decisões.

Não se trata de construir uma igreja democrática, trata-se de observar que os modelos não são em si mesmos bíblicos, mas apenas em partes derivados da Bíblia, sendo muito mais culturais do que escriturísticos.[187] Não podemos condenar nem o movimento de igrejas em casas, nem os irmãos solitários. Na história do cristianismo já vimos estes modelos de espiritualidade, seja na igreja primitiva, iniciada em reuniões familiares, seja no monasticismo de santo Antão, que se isolava do mundo para se afastar do pecado. A radicalidade destes movimentos é que chama a atenção, além da falta de alguns elementos dos, assim chamados, "sinais da igreja". A comunhão cristã não pode ser negligenciada, pois o caráter social da vida cristã é um elemento essencial da experiência cristã.[188] Porém, a crítica feita por esses grupos aos abusos e distorções das instituições eclesiásticas precisa ser levada a sério.

Os sinais da Igreja

A partir do que tratamos até agora podemos sintetizar os principais conceitos sobre a Igreja no gráfico[189] abaixo:



O gráfico pode nos auxiliar a entender as diversas figuras e distinções usadas na teologia para entender o conceito de Igreja. No entanto, sempre

aparecem para nós as perguntas: como podemos reconhecer que uma Igreja é verdadeiramente cristã? Como diferenciar uma Igreja falsa de uma verdadeira?

Na história da Igreja se fala em “sinais” concretos que demonstram o quanto uma igreja está alicerçada no que é fundamental. Os sinais servem para diferenciar o que é primário do que é secundário. Isto é, o que precisa existir numa Igreja para que ela seja cristã e o que pode existir (ou não) nela. Como é de se imaginar, nunca se chegou a um consenso sobre quais seriam os sinais da Igreja, mas vamos nos atentar para três posições vindas da Reforma Protestante e entender no que elas concordam.

Para Lutero, a Igreja pode ser reconhecida até mesmo por uma criancinha, pois é o lugar onde “as ovelhas ouvem a voz do seu Pastor e O seguem”. A eclesiologia de Lutero ia contra toda a ênfase na instituição e na hierarquia como era próprio do pensamento católico-romano. Para ele, a Igreja era simplesmente a comunhão de todos os que creem em Jesus Cristo. Foi na Confissão de Augsburgo que a Igreja foi definida, pelo grupo luterano, como sendo o lugar onde “o Evangelho é retamente pregado e os sacramentos retamente administrados”. Na visão luterana, a Igreja cristã é simplesmente a reunião dos que creem em Jesus, onde o Evangelho é pregado de forma correta (onde Cristo é o centro, único Senhor e Salvador) e os sacramentos realizados de maneira correta.

Calvino enfatizou o ensino como uma das principais tarefas da Igreja. Seu entendimento da importância pedagógica da Lei para o cristão fez com que a eclesiologia reformada adicionasse um terceiro ponto aos já acima citados. Para os reformados, além da reta pregação e administração dos sacramentos, a verdadeira Igreja pode ser reconhecida como local onde “uma disciplina eclesiástica severa e prescrita pela Palavra de Deus é observada, pelas quais os vícios [são] reprimidos e as virtudes incentivadas”.[190]

O terceiro grupo advindo da Reforma é o Anglicanismo. Por um lado, eles mantiveram firmes algumas tradições católicas, especialmente nos “costumes”, isto é, na liturgia. Sua teologia depende bastante da teologia reformada. Entretanto, sua eclesiologia manteve os dois princípios básicos luteranos e adicionou um terceiro: o episcopado com sucessão apostólica. Ao lado das questões bíblicas fundamentais, uma questão histórica é levantada como sinal da Igreja. A sucessão apostólica nada mais é que a linha de sucessão de bispos consagrados ao longo da história, podendo, de alguma maneira, serem ligados numa linha histórica aos bispos consagrados na Igreja antiga pelos 12 apóstolos.

Percebemos a concordância de todos nos dois pontos básicos apontados pela Reforma Luterana, porém, encontramos em diversas Igrejas no Brasil tanto

o terceiro ponto Calvinista, como também o terceiro ponto Anglicano. Nem toda Igreja que possui episcopado (bispos) é uma Igreja em sucessão apostólica, pois seria necessário que um bispo mais velho tenha consagrado esse mais novo e, essa linha de consagrações sucessivas pudesse ser comprovada documentalmente como indo até um dos 12 apóstolos.

Secundariamente, há outros sinais da Igreja que os reformadores apontaram. Lutero ainda falou que os sinais visíveis da verdadeira Igreja eram: o Ofício das Chaves (confissão e absolvição de pecados), a ordenação ministerial, a oração, o sofrimento pelo Evangelho e o cumprimento da segunda tábua do decálogo (ética). Na Igreja reformada é comum se falar dos seguintes sinais: disciplina eclesiástica (quando não está contida já nos sinais essenciais), assumir risco em favor da verdade, obediência à lei e ao Evangelho, e o amor cristão.[191]

Há sempre a tendência em se fazer uma separação entre quem é verdadeiramente cristão e quem não é. Diferenciar Igreja cristã de uma falsa igreja é essencial. Mas seria também essencial reconhecermos quem é cristão e quem é um irmão dissimulado?

Dentro da Igreja, há pessoas verdadeiramente crentes e santas, mas também falsos cristãos e dissimulados (Confissão de Augsburgo8). Por esta razão, creio que é necessário distinguir entre Igreja visível e Igreja invisível. Igreja visível é aquela congregação de todos aqueles que externamente professam a fé em Jesus Cristo e ali se alimentam espiritualmente por meio da pregação e da ceia, porém, a verdadeira Igreja é a invisível composta somente pelos santos crentes, eleitos e chamados por Deus para fazerem parte do seu corpo. Não cabe a nós o juízo sobre quem é verdadeiro cristão e quem não é. Não podemos distinguir com critérios humanos quem faz parte da Igreja invisível. Deus separará justos e injustos no fim (Mt 13.24-30).

O ministério e a função sacerdotal de cada cristão

Todos os cristãos, desde o momento que creem em Jesus são tornados sacerdotes. Sendo assim, podem interceder diretamente a Deus, testemunhar da Palavra publicamente e agir em amor em favor do seu próximo (1Pe 2.9). Porém, nem todos os cristãos são pastores.

Lutero foi o primeiro a desafiar a hierarquia romana dizendo que qualquer cristão era no batismo ordenado padre, bispo e papa.[192] Para ele, não havia qualquer diferença entre os cristãos, sendo o ministério somente uma questão de função na Igreja.

Calvino não desenvolveu essa teologia do sacerdócio universal, pois para ele apenas Cristo carrega sozinho a função de sacerdote (mediador), enquanto que os cristãos servem ao Senhor. Calvino então dividiu o ministério (serviço) cristão em quatro funções: pastores e mestres, que ministram a Palavra diretamente na pregação e ensino; e presbíteros e diáconos, que cuidam da disciplina eclesiástica e da prática da misericórdia, respectivamente.[193]

Na Confissão Helvética Superior, os quatro ministérios são: bispo, presbítero, pastor e mestre. Contudo, nesta confissão os crentes são considerados membros do sacerdócio universal. Outra posição reformada é a do Catecismo de Heidelberg. A diferença está nas conexões entre o poder político, que participa nos órgãos diretivos da comunidade por meio de delegados e por meio do qual exerce o poder de disciplina eclesiástica.[194] Nas confissões reformadas o sacerdócio dos crentes é apontado, geralmente, como a possibilidade individual do relacionamento com Deus pela oração, adoração e serviço.[195]

Já para o catolicismo-romano, o ato da ordenação muda o ser da pessoa, ou seja, o sacerdócio passa a ser indissociável da vida do sacerdote romano. Uma pessoa é padre por força da ordenação, não por causa da função que exerce.

A diferença entre o sacerdócio de todos os crentes e o ministério ordenado na Igreja é que o primeiro nasce assim pela fé, o segundo é feito assim pelo chamado para um cargo. O ministro ordenado é detentor de um cargo, uma função dentro da Igreja para a qual ele foi chamado, preparado, examinado e ordenado. Por isso, a Confissão de Augsburgo afirma que ninguém deve exercer a função pastoral sem que tenha sido antes escolhido pela Igreja para tal função.[196] Primeiro por uma questão de ordem; segundo, por uma questão de zelo pela pregação fiel às Escrituras.

Da mesma maneira, as confissões reformadas, claramente a Helvética Superior, assim apontam. Entretanto, a função pastoral da pregação não quer dizer que os demais cristãos não possam pregar, ou não possam fazer trabalhos nas comunidades. Cabe ao ministro ordenado a administração e organização do trabalho da Igreja. Ele é o responsável, que pode também delegar, convidar, chamar outras pessoas para colaborarem nas atividades sob sua supervisão. Essa supervisão, dependendo do modelo de governo adotado, é dividida com o conselho da Igreja (presbitério) ou é exercida por um bispo. O pastor que deixa sua Igreja largada nas mãos das ovelhas é negligente para com seu chamado, como sendo aquele que ensina, anima, corrige e exorta (2Tm 2.2, 24-26).

A missão e o testemunho

A base para toda e qualquer fala a partir do Novo Testamento deve ser Jesus

Cristo, que inequivocamente é o centro do Novo Testamento. Quando Jesus fala de Si próprio Ele usa algumas designações como “enviado” (Mt 15.24, Lc 4.43), “Eu vim para” (Jo 9.39, 10.10, 12.46, 18.37), “o Pai (que) Me enviou” (Jo 5.36s, 6.44,57, 8.18). Jesus não deu muitas explicações, nem para Seus discípulos, nem para Sua família, sobre quem Ele era pessoalmente. Sua missão envolve e ocupa todo o Seu ser, não sendo apenas uma tarefa ou função.[197]

O verbo “ser” é substituído na teologia joanina pelo verbo “vir” (Ap 1.4,8, 4.8). Há um dinamismo divino. “O vir envolve a totalidade do ministério cristão.”[198] Este envio, por sua vez, é obra divina. O ato de ser enviado para pregar boas-novas é missão dada pelo próprio Deus, é Ele mesmo quem faz.[199]

A continuação da missão de Jesus Cristo aparece novamente em todos os livros do Novo Testamento. Os discípulos são revestidos de poder (At 2), são chamados de apóstolos (Mt 10.2), são enviados às “ovelhas perdidas de Israel” (Mt 10.6s), devem ir a todas as nações para fazer discípulos (Mt 28.19-20), são, portanto, enviados de Jesus Cristo, assim como Jesus Cristo é o enviado do Pai (Jo 20.21). Mas os enviados não são enviados sem poder e autoridade, mas são enviados no poder e por meio do Espírito Santo (At 1.8, 2.1ss, 17, 23). Percebe-se aqui em Lucas que o Espírito Santo é o protagonista da missão. O Espírito mobilizou Estevão e Felipe para o anúncio do Evangelho, o guiou Paulo e Barnabé, também foi quem criou comunidades.[200]

Percebe-se no NT que a missão não está nas mãos do ser humano, do cristão, pois este é um enviado, um representante de Deus neste mundo (2Co 5.20), uma testemunha (At 1.8) por meio da qual o Evangelho é pregado para que possa ser crido (Rm 10.13ss). Há uma dinâmica de envio por parte de Deus, um ir do ser humano como obediência à comissão recebida, e um vir salvífico de Deus (1Jo 4.9, Gl 4.4, Ap 1.7, 22.7, 12, 20) em favor do ser humano.[201]

Missão é obra de Deus neste mundo (*Missio Dei*). Partindo do envio trinitário da Igreja para dentro do mundo, suas tarefas são: proclamar a fé em Jesus Cristo (Mt 28.19-20) como a única fé salvífica (evangelização – Mc 16.15-16); promover a vivência da fé cristã em comunidades (comunhão - At 2.42); possibilitar que os marginalizados e excluídos sejam alcançados pelo Evangelho em todas as suas necessidades (diaconia – At 6.2); celebrar o amor de Deus como Igreja (liturgia – culto – At 2.46-47).[202]

Evangelização

É o anúncio concreto da Palavra de Deus. Jesus Cristo, sendo o conteúdo desta proclamação, é a “realidade de que Deus ama e aceita o ser humano de forma incondicional e deseja relacionar-se com ele intensamente, transformando-

o integralmente”.[203] A evangelização parte da comunidade local e deve ser condizente com o fato de que não é a pessoa quem se converte, mas é Deus quem vem ao encontro da pessoa humana por meio da Sua Palavra. Por isso, as chantagens (ou como diz o Bibo: “teologia do cagaço”) não podem ser utilizadas como meios de constrangimento para uma conversão. A Palavra faz seu trabalho por si só.

Importante é que no contexto pós-moderno, marcado por individualismo, o fim da era da cristandade, a morte do cristianismo por herança tradicional e o advento da religiosidade pós-moderna[204], a Igreja pode ser um espaço de acolhimento, amizade e relacionamentos e, com isso, abrir espaço para a proclamação do Evangelho. O antigo método, por meio do qual as pessoas ouviam a pregação, chegavam à fé e depois se integravam à comunidade, já não é mais uma realidade tão presente. Cada vez mais pessoas chegam à fé por meio dos relacionamentos, seja num pequeno grupo, por meio de amizades, ou até mesmo pelas redes sociais, buscando apenas depois a Igreja como espaço para comunhão e vivência conjunta da fé.

Os espaços nos quais a evangelização irá desempenhar seu papel estão em mutação, assim como os métodos. Não que as formas tradicionais não tenham mais seu valor, todavia é preciso sublinhar tanto a tarefa de cada cristão em ser testemunha, assim como a mudança de paradigmas. Entre um desconhecido que lhe pede atenção e um amigo, quem você ouve? O individualismo tende ao isolamento das pessoas em si mesmas e com isto a evangelização precisa encontrar novos caminhos.

Comunhão

A Trindade é vista como a célula básica de comunhão. Os três trinitários não são apenas da mesma substância, mas subsistem uns para os outros, em comunhão de amor perfeito. Este fato se mostra nas comunidades cristãs primitivas, nas quais a comunhão era uma realidade bem presente (At 2.42). Também a Igreja em casas foi um fator determinante para a comunhão. “Comunhão, portanto, não é um ideal espiritualizado de uma convivência sem conflitos. É vivência concreta do sacerdócio cristão no qual, mutuamente, nos tornamos servos uns dos outros, especialmente dos mais necessitados”.[205]

Na comunhão se incluem o estilo de liderança da comunidade, o clima comunitário e de valorização das pessoas e o envolvimento no sacerdócio universal. O ser humano sente a necessidade de se relacionar. Não é por menos que nas redes sociais vemos sempre pessoas se manifestando ao estilo “*foreveralone*”[206], pedindo por amizades, ou reclamando a falta delas. A

comunhão não é só uma necessidade do cristão, mas uma importante forma de testemunho em um mundo onde o individualismo e o secularismo ganham terreno. Se o individualismo tende ao isolamento em si mesmo, o secularismo tende a isolar a fé como assunto privado e pessoal. Logo, estas duas tendências conduzem a fé cristã a ser algo que não diz respeito algum à vida social, apenas à vida privada, e por isso a comunhão, o testemunho público e a evangelização perdem sentido nos tempos atuais.

A excessiva institucionalização das igrejas e a imperialização delas, assim como afirmou Comblin[207], são igualmente problemáticas e contrárias ao ideal da comunhão. A institucionalização excessiva transforma funções em "entes", ou seja, a função pastoral transforma-se no "ser do pastor", a pessoa incumbida de uma tarefa se torna a própria tarefa! Ela perde o seu nome, sua personalidade individual e se torna em "o pastor", "o reverendo" ou "o bispo". Os títulos se tornam hierarquias que dividem a Igreja em pessoas com mais ou menos poder, mais ou menos dignidade.

A imperialização é o movimento em que a igreja local objetiva construir para si um reino próprio, seja por meio de grandes torres de Babel (templos) para que toda a sociedade veja o poderio da igreja, seja pelos meios de comunicação para impor uma cultura própria, ou ainda pela imposição doutrinária nos púlpitos e escolas dominicais. Quem pensa diferente, quem fala sobre diversidade, não serve ao propósito imperialista e acaba sendo excluído da igreja. Estas armadilhas que se escondem sob o nome de "autoridade pastoral" e "missão" são verdadeiras arapucas para acabar com a comunhão de igual para igual em favor da obra do reino.

Diaconia

É o serviço em amor à Igreja como resposta de fé ao serviço que Deus fez em nosso favor por meio de Jesus Cristo. A Igreja é diacônica quando está aberta para ser comunidade terapêutica, que vai ao encontro e está aberta às necessidades físicas, materiais, emocionais, psicológicas de cada pessoa. É uma Igreja que denuncia a injustiça, a opressão social, a exclusão e se coloca ao lado dos que sofrem. O consolo e o amparo aos enlutados podem ser um dos exemplos de prática diaconal. Reconhecer e ir ao encontro das necessidades materiais das pessoas carentes também é tarefa diaconal da Igreja.

A teologia da prosperidade é um abuso da tarefa diaconal da Igreja. Enquanto que Jesus exige o cuidado com os pobres, a teologia da prosperidade quer resolver o problema da pobreza criando a falsa esperança de que o cristão não adoece e não permanece pobre. Em resposta a esta tendência herética e ao chamado de Cristo, as Igrejas têm se preocupado em aliar o testemunho público

com desenvolvimento econômico, social e educacional, por meio de programas que promovam mudanças fundamentais na sociedade.

Diaconia não é dar cesta básica e roupa velha, é antes buscar resolver o mal que causa a pobreza, ainda que saibamos que toda pobreza e maldade só serão extintas no reino vindouro. A Igreja missionária é também Igreja diaconal.[208] Porém esta frase não pode ser entendida no sentido de a diaconia ser um "chamariz" para atrair pobres e necessitados que serão convertidos em membros.

Essa lógica imperialista não é a lógica de Jesus. Quando o mestre ensinou a parábola do Bom Samaritano[209], nunca disse que o samaritano voltou à estalagem para pregar para o moribundo que fora por ele salvo. Antes, o samaritano voltou para pagar a conta das despesas de hospedagem e cuidado para com o seu próximo. Logo, é falacioso dizer que diaconia é uma porta de entrada para a missão. Cristo nos ensinou a fazer o bem (amar) sem pedir nada em troca, sem inclusive pedir conversão em troca!

O cristão diaconal não precisa entregar folheto junto à cesta básica; basta ele estar pronto para ir à casa do faminto ajudar-lhe nas necessidades e, quando questionado ou no momento em que houver oportunidade, testemunhar Cristo. Sem obrigação, sem constrangimento, sem pressão, livre e espontaneamente como dois amigos que conversam e se ajudam.

O culto a Deus

O culto é de fato um encontro com o Deus vivo, Pai, Filho e Espírito Santo. Tudo no culto deve conduzir ao Deus Triúno. Os hinos e músicas expressam gratidão a Deus, expressam nosso louvor e são momentos de alegria. A pregação é o ensino público da Palavra de Deus que suscita e mantém viva a fé em Cristo. Nos sacramentos ou ordenanças a Palavra de Deus vem ao encontro do ser humano de forma visível e palpável, oferecendo perdão e salvação. O espaço de culto deve ser aconchegante e propício para a comunhão. As diferentes formas de culto e ocasiões festivas devem promover a vivência da fé e da comunhão.

O culto está a serviço da evangelização, da diaconia e da comunhão. Também é do culto que cada cristão recebe impulso pela Palavra para viver a fé diariamente. Culto é local para o anúncio concreto da Palavra que acusa o pecado e mostra a salvação, da lei e do evangelho, do juízo e da graça.[210]

O culto não é espaço para show de grupos da congregação. Não é caça-talentos para ver quem toca melhor um instrumento ou quem tem a melhor voz ou desenvoltura no palco. Também não é *stand-upcomedy*[211], em que o pregador oferece entretenimento aos crentes até que Cristo volte. O culto pode abraçar o que há de melhor na cultura popular para servir aos propósitos da adoração e do

ensino. Isto é, pode fazer uso de variados ritmos musicais, de manifestações da poesia, das artes plásticas, e até da controvertida dança. Tudo o que for feito de forma decente, coerente com a Palavra e com o objetivo de comunicar o Evangelho e adorar a Deus é válido.

Os sacramentos ou as ordenanças

Possivelmente este é um daqueles assuntos que gera mais calor do que luz, como sempre diz o Mac. Todavia, a dificuldade de conciliar as posições evangélicas clássicas quanto ao assunto não tira seu mérito, nem sua importância.

Tanto a teologia luterana quanto a calvinista tratam este assunto sob o título de meios da graça, isto é, uma mediação utilizada por Deus para comunicar sua Palavra salvadora ao ser humano. São compreendidos como meios da graça o anúncio da Palavra de Deus e os sacramentos ou ordenanças.

Já no meio pentecostal, o conceito de meios da graça não é amplamente aceito. Isto se deve, em partes, pelo fato de que ao considerarmos que o Espírito Santo necessita de um meio concreto pelo qual ele fale, ficaria assim sua ação restrita, e as revelações e profecias, estariam prejudicadas. Talvez esta negação da teologia pentecostal deve-se mais a uma compreensão distinta da mediação do Espírito do que propriamente ao conteúdo dos sacramentos.

Assim também, quando as tradições da Reforma negam a liberdade do Espírito por meio da proclamação profética, tendem a um racionalismo teológico. A questão não tem de ser resolvida aqui, porém fica claro que é possível buscar mútua compreensão e aprendizado entre as tradições teológicas, sem no entanto ter de abandonar a sua própria confessionalidade.

Sacramento vem do latim *sacramentum*que na língua grega é *mysterion*. Em 1 Coríntios 2.1 Cristo é o *mysterion* de Deus, por isso Cristo é o sacramento de Deus. O que entendemos por sacramentos pode ser definido com o termo cunhado por Agostinho “Palavra visível”. É a Palavra da promessa de Deus ligada ao sinal visível. Por isto, ela é um símbolo eficaz, que concede aquilo que promete por meio da fé (Mc 16.16, Mt 26.22-28). É neste sentido que luteranos e reformados falam de “meio de graça”, pois o sacramento enquanto uma forma visível de anúncio da Palavra é também uma pregação do Evangelho, porém, utilizando uma simbologia definida pelo próprio Senhor. Não é uma mágica, em que o simples participar faz da pessoa algo diferente. É o participar com fé que faz a diferença, mas não por causa do rito em si, somente por causa da Palavra pregada, da promessa feita na instituição do sacramento. Desde a Reforma Protestante, afirma-se que só há dois sacramentos na Igreja cristã: batismo e santa ceia. Isto se deve à dependência da posição dos reformadores à definição

de Agostinho: sacramento é promessa contida na Palavra e o sinal visível unido a ela. Só há um sacramento quando há uma ordem divina para se fazê-lo, uma Palavra de Deus que claramente instrui a respeito do conteúdo e significado do sacramento, bem como um sinal visível externo prescrito na ordem divina, ou seja, no texto bíblico.

Batismo

O Novo Testamento emprega para o ato do batismo o termo baptismós, isto é, literalmente o ato de imersão.[212] Por sua vez, báptisma é utilizado para designar a instituição do batismo. Este último termo designa em diversos textos o batismo de João (Mt 3.7, Mc 11.30, Lc 7.29, At 1.22), contudo, também é utilizado para o batismo cristão em Romanos 6.4, 1 Pedro 3.21 e Efésios 4.5. A própria morte de Cristo é descrita como sendo um batismo (Mc 10.38s, Lc 12.50).[213]

O batismo de João era "um batismo de arrependimento para o perdão dos pecados" (Mc 1.4). Pode ser visto como algo semelhante aos batismos de prosélitos do judaísmo, porém seu significado é o de preparar o caminho para a chegada "daquele que há de vir" (Mc 1.7).[214] O batismo de João é um banho único e se diferencia dos banhos rituais de purificação, pois não é feito pelo próprio batizando, mas outra pessoa o batiza. Marcos 1.5 afirma que ao confessarem os pecados as pessoas eram batizadas no Jordão por João, ou seja, as pessoas vinham com disposição para mudarem de vida. Porém, o batismo não era um ato simbólico de confissão, mas demonstrava a condescendência de Deus em oferecer o perdão dos pecados.[215]

O fim da perícope sobre o batismo de João em Marcos (Mc 1.8) fala sobre a conexão entre o batismo na água (de João) e o batismo no Espírito Santo (batismo cristão). Esta fala de João está ligada à profecia de Ezequiel 36.25ss, na qual se afirma que Deus aspergirá água sobre o povo e este ficará limpo, um novo coração será dado e também um novo espírito, o próprio Espírito de Deus, que levará o homem a andar de acordo com os Seus decretos. O batismo de João oferece apenas a primeira parte da profecia, uma aspersão ou imersão em água para perdão dos pecados. O novo coração, novo espírito será dado somente pelo que há de vir, Jesus Cristo.[216]

Paulo, em Romanos 6, explica aos cristãos romanos que eles foram batizados na morte de Cristo, ou seja, assim como cada pessoa foi imersa na água do batismo, seu ser pecador foi sepultado, enterrado, na morte de Jesus Cristo. Este primeiro passo do batismo declara a morte do velho homem pecador. A analogia segue afirmando que quando foram levantados da água, da mesma

forma cada um ressurgiu com Cristo. Isto é, o levantar da água do batismo é o levantar para viver uma vida a partir de Cristo, uma vida nova, que não é mais escrava do pecado (v. 4, 6). A nova vida do cristão é fundamentada na ressurreição de Cristo.[217]

Por isso, o batismo não pode ser separado da pessoa de Jesus Cristo sob o risco de tornar-se apenas um banho. Além disso, a própria salvação está ligada ao batismo. Em Marcos 16.16 lemos que aqueles que creram e foram batizados serão salvos, e os que não creram condenados. O batismo é tanto um "selo" que declara externamente a salvação ocorrida internamente, quanto uma promessa de Deus: os que internamente creram, e exteriormente confessaram, serão salvos (cf. também Romanos 10.9). Há uma promessa de salvação unida à instituição do batismo.

Na Igreja cristã o batismo é compreendido basicamente de três formas distintas:

> Católicos: limpa automaticamente o pecado original da criança, infunde a graça e possibilita o início do caminho da salvação. O rito faz por si mesmo o que é prometido.
>
> Evangélicos pedobatistas (que batizam crianças): o ato do batismo, por conter um anúncio do Evangelho e uma promessa bíblica, é uma promessa de salvação, uma oferta de graça. Esta oferta deverá ser confirmada pela fé posterior, só a partir de então a promessa de Deus será cumprida.
>
> Evangélicos credobatistas (batizam só adultos): o batismo é uma confissão pública e externa de uma realidade que aconteceu internamente, a saber, a conversão e a nova vida em Cristo.

Como Igreja cristã, batizamos porque o batismo é instituição e mandamento de Deus, não algo criado por homens. Se desobedecermos ao mandamento de Deus, fazemos pouco caso da ordem dada por Ele próprio.[218]

Santa Ceia

A Santa Ceia, assim como o batismo, foi instituída pelo próprio Cristo. Na Ceia, Jesus Cristo é anunciado como sacrifício vicário por nós; nela, não há novo sacrifício de Cristo, tão apenas o anúncio do sacrifício realizado no passado de uma vez por todas. Mas igualmente na Ceia, Jesus Cristo é quem nos convida a fazer parte da Sua mesa, a comungar com Ele, e é nesta Sua mesa que Ele nos concede perdão dos pecados. A Ceia, portanto, tem também a dimensão comunitária, pois os irmãos e irmãs em Cristo partilham da dádiva de Jesus Cristo na mesa da Ceia e a partir desta comunhão entre irmãos e com Cristo

somos todos alimentados pelo verdadeiro corpo e sangue que “nutre e fortalece o novo homem” (Catecismo Maior, Do Sacramento do Altar, 23). A Ceia também é uma pequena antecipação do futuro banquete no reino vindouro de Deus (Mt 26.29).

Segundo Mateus 26.28, o beber do cálice e o comer do pão nos dá remissão dos pecados, e isto de fato acontece porque é Palavra de Deus “derramado em favor de muitos/vós” (Mt 26.28, Lc 22.20) que concede o perdão. É importante atentar para o alerta do apóstolo Paulo de que aquele que come sem ter fé no que é prometido no significado da Ceia ou quem come desprezando a Igreja (e os irmãos) que é (são) o corpo, come para sua própria condenação (1Co 11.26-29).

A grande controvérsia sobre o significado da Ceia pode ser sintetizada por quatro posições:

Católica: pão e vinho se transformam em corpo e sangue de Cristo. O fundamento desta crença está ligado à doutrina das duas naturezas de Cristo. Isto é, se Cristo é totalmente humano e divino e se Ele mesmo afirmou que aqueles elementos são Seu corpo e Seu sangue, logo eles devem ser realmente e efetivamente corpo e sangue, pois se Cristo está ali presente, então efetivamente O está corpórea e fisicamente presente. Há, portanto, uma transformação da substância pão em carne e vinho em sangue, contudo, esta transformação é apenas na essência e não na forma externa da coisa. Ou seja, o gosto, a forma, o cheiro do elemento permanecem intactos, no entanto, sua essência, por assim dizer filosófica, é alterada. Para compreender esta diferença é necessário entender a distinção aristotélica entre acidente e substância. Acidente é a forma externa, substância é o material interno da coisa.

Luterana: pão e vinho são corpo e sangue de Cristo sem haver mudança na essência. Igualmente, o fundamento é a doutrina das duas naturezas, porém com uma compreensão diferente. Para Lutero, as duas naturezas de Cristo comunicam suas propriedades uma à outra. Então, se Deus é onipresente e Cristo é Deus, logo a propriedade onipresença é comunicada à natureza humana de Cristo de modo que este possa ser também onipresente, apesar da aparente limitação física. Por exemplo, Cristo tem corpo físico, mas atravessou paredes em João 20.26. A partir desta compreensão, Lutero entendeu que pão e vinho não se transformam em outra substância, mas Cristo “se esconde” dentro e debaixo do pão e do vinho e, assim, está ali presente de fato e de verdade. Não há nenhuma mudança “filosófica” dos elementos; o que há, é apenas a presença de Cristo por meio dos elementos.

Zwinglio: pão e vinho são símbolos que representam o corpo e o sangue de Cristo. Aqui não há qualquer transformação, muito menos presença real de Cristo. Fala-se da Ceia como uma rememoração, uma lembrança da morte de

Cristo. Por isso, é uma Ceia em memória de Cristo, um símbolo, portanto.

Calvino: Deus está presente em Espírito na Ceia. Cristo, após a ascensão, permanece até a Sua volta sentado à direita de Deus. Quem "representa" o Pai e o Filho no mundo é o Espírito Santo (que fora por ambos enviado ao mundo). Portanto, seria injustificável dizer que Cristo está presente em qualquer lugar neste mundo se Ele se encontra tão apenas à destra de Deus. Logo, quem está presente é o Espírito Santo e, portanto, devemos falar de uma presença espiritual na Ceia.

Lutero elogiou a posição de Calvino e afirmou que ela poderia servir de base para uma teologia da Ceia que reconciliasse luteranos e zwinglianos. Entretanto, tal proposição de Lutero não foi tão bem recebida ou praticada, de forma que as ortodoxias aprofundaram ainda mais as diferenças, em vez de buscar um caminho de unidade consensual na Escritura, como o fez Calvino, e com o que concordou Lutero.

O discipulado cristão [a dimensão do seguir a Cristo em comunhão: na oração, na comunhão espiritual, no aconselhamento, no encorajamento, no sofrimento, na disciplina]

Nem todos na Reforma Protestante acataram a ideia de um terceiro sinal da Igreja, como já vimos anteriormente. A ideia de um terceiro sinal se deve à conclusão lógica de que a Igreja só pode existir onde a Palavra é pregada e onde ela é recebida com fé! É uma consequência lógica, pois sem a fé que recebe a Palavra, simplesmente não haveria uma reunião de pessoas crentes que pudesse ser chamada de Igreja. O terceiro sinal seria, portanto, necessário para comprovar, na prática, a existência dos dois anteriores.

Dietrich Bonhoeffer afirmou que a Igreja é Cristo existindo como comunidade. De que forma ele poderia subsistir como comunidade, se não chamando pessoas para segui-lO, tendo comunhão com elas, orando junto a elas, aconselhando-as, ensinando-as, sofrendo, encorajando e disciplinando? J. M. Lochmann afirma que "a verdadeira Igreja não existe apenas na ortodoxia de seu ensino, mas na ortopraxis de seu discipulado". Claro que devemos nos precaver de um silogismo prático. Isto é, olhar para a prática da Igreja e tentar intuir se ela prega corretamente ou não. A Igreja permanece pecadora, por causa do pecado do ser humano, e por mais que o ensino seja reto, ela cometerá falhas. Entretanto, em um tempo de absurdos e abusos das igrejas a "ortopraxis" ou "prática correta" deve ser um critério de avaliação para a Igreja. Mas que práticas corretas seriam estas? Que "atividades" se espera da Igreja?

Disciplina espiritual

A oração, a comunhão espiritual no entorno da Palavra são fundamentos essenciais da vida da igreja. Nenhuma pessoa ou igreja pode subsistir fora da Palavra do seu Senhor. Uma igreja fundada em ativismo faz muito barulho, produz muito movimento, mas não comunica a profundidade do Evangelho. A comunhão em oração na e da igreja são fundamentais para o aprofundamento dos laços de irmandade, de sentimento de corpo e de amor entre as pessoas.

Aconselhamento

O fundamento do aconselhamento está em uma relação de confiança. Se não houver confiança, o aconselhamento se torna inviável. O conteúdo do aconselhamento está nas Escrituras, ou seja, um cristão busca apoio junto a outro cristão para encontrar saídas e caminhos para sua vida. O instrumento de discernimento é a Escritura. Não fazemos previsão do futuro, nem damos palpites na vida alheia. Olhamos a Escritura e buscamos por meio dela discernir o melhor caminho. Nem sempre é claro e fácil este discernimento. Porém, cremos que o Espírito Santo dirige os passos do cristão e no aconselhamento temos o espaço privilegiado para o diálogo a respeito da vontade de Deus.

Encorajamento

As Bíblias de Almeida traduzem o termo grego para encorajar como “exortar”. Em si, nenhum problema. A grande dificuldade está em que nas igrejas evangélicas brasileiras “exortar” tornou-se sinônimo de “disciplinar”, quando na verdade significa “encorajar”. Uma disciplina rigorista foi implantada sob o pretexto de ser bíblica. Cristãos que passaram por tais denominações rigoristas e legalistas têm grande dificuldade de se sentir “em casa” em outras Igrejas. Aumentando assim o número de “desigrejados” ou de decepcionados com a igreja. O que a Escritura nos ensina é o encorajamento. Isto é, o apoio e a motivação que a igreja deve dar aos crentes para que estes desempenhem suas funções e sirvam conforme seus dons com alegria. Muitos cristãos simplesmente não sabem o que fazer com seu dom (ou têm dúvidas sobre se realmente possuem algum dom!) por causa da clericalização e institucionalização. A falta de uma liderança que encoraje, motive e desperte pessoas para a vivência dos dons na igreja se traduz numa comunidade cada vez mais centrada no pastor e focada em estruturas de poder.

Disciplina eclesiástica

Não é verdade que a Bíblia não trata do assunto. Cristo, em Mateus 18.15-20, nos ensina a lidar com o pecado do irmão. Trata-se aqui não de qualquer tipo de pecado que deva ser “punido” pela igreja. Não é o tamanho do escândalo que

justifica uma disciplina! Trata-se de um tipo de pecado que é cometido *contra outro irmão*. Poderíamos exemplificar: roubo, trapaça nos negócios, adultério, violência física. Quando algo assim é cometido contra outra pessoa da comunidade, ferindo, desse modo, a boa convivência no corpo, deve haver disciplina.

O objetivo da disciplina é convencer a pessoa de que está errada e precisa mudar seu procedimento. Por isso, primeiro a pessoa ferida (contra quem o pecado foi cometido) deve tratar do assunto com seu agressor. Se houver reconciliação, o assunto está encerrado. Caso contrário, que algumas testemunhas sejam chamadas para intermediar o diálogo. Havendo consenso, assunto encerrado. Não havendo conciliação, o assunto deve ser levado ao conhecimento do público, isto é, da igreja toda. Se mesmo assim não se retratar, deve ser expulso da congregação. Aquela típica disciplina de se tirar do púlpito o pregador por tempo determinado, ou suspender alguma liderança por ter cometido determinado pecado não é bíblica, é apenas um código de conduta instituído por pessoas. E pior, uma forma de castigar o pecador, como se ele fosse "pior" que os demais irmãos da igreja. A Bíblia não preceitua castigos, somente reconciliação e perdão. O único caso justificável para tirar alguém do púlpito ou da liderança é a pregação da heresia. Ainda assim, devemos ter muita cautela para não promovermos "caça às bruxas".

Sofrimento

É o sofrimento causado por ser seguidor de Cristo. Não se trata aqui de doenças, acidentes, males congênitos ou qualquer outro tipo de sofrimento que aflige também o descrente. Trata-se de um tipo de sofrimento que só atinge o cristão:o sofrer por causa da sua fé em Cristo. A parte final das "Bem Aventuranças" no Sermão do Monte (Mt 5.10-12) retrata os que sofrem perseguição, e os que são caluniados por causa do nome de Cristo. A estes o Senhor promete bênçãos nos céus.

O tema da perseguição perpassa a história da Igreja cristã. Desde as páginas do Novo Testamento até a atualidade, a perseguição aos cristãos é um fato. Paulo chega a afirmar em 2 Timóteo 3.12 que todo aquele que viver uma vida cristã de acordo com os padrões da Palavra sofrerá perseguição. Esta constatação se deve ao fato de que a cruz de Cristo continua sendo escandalosa para este mundo. Paulo atesta que as perseguições a ele já deveriam ter cessado caso ele tivesse abandonado o verdadeiro Evangelho e seguido atrás das doutrinas judaizantes (Gl 5.11).

Uma Igreja que hoje não conta com qualquer questionamento por parte da sociedade naquilo que é a verdade que toca na ferida do pecado, é uma Igreja

que, provavelmente, já está muito longe do verdadeiro Evangelho. Onde o discurso do politicamente correto impera, onde os padrões morais da sociedade são aceitos, onde a Bíblia não tem mais autoridade em matéria de salvação e padrão de vida, não haverá razões para perseguição. É uma Igreja que já se submeteu aos ditames da cultura e não tem mais forças, e nem desejo, por mudar o que há de errado na cultura.

Não que a Igreja deva ser contra tudo que há na cultura, ela deve ser crítica à luz da Palavra. O que está correto na sociedade, o que é bom, o que é justo, deve ser elogiado e apoiado pela Igreja. Porém, onde há o erro, onde há a injustiça e o pecado, deve ser apontado e sua solução apresentada.[219] Ali poderá surgir tanto perseguição por parte dos que não creem, quanto conversão dos que foram tocados pela Palavra. É difícil equiparar a "perseguição" que sofremos no ocidente, onde há liberdade religiosa, daquela sofrida em países onde não há liberdade, ou onde há uma liberdade maquiada.

A perseguição no ocidente se dá pela via da ridicularização da fé cristã como anticientífica, atrasada, moralizadora, dogmática. Na Europa, frequentemente, lemos notícias que retratam a hostilização da fé cristã como sendo uma "crítica" válida, enquanto que qualquer menção minimamente crítica ao Islã é retratada como preconceito religioso. Por outro lado, há que se lembrar que os cristãos promoveram intensa perseguição e massacraram os pagãos no Império Romano; promoveram as cruzadas contra os muçulmanos; expulsaram, mataram ou obrigaram judeus à conversão durante toda a Idade Média até os dias de Hitler, inclusive com apoio dos Reformadores Protestantes; promoveram caça às bruxas, tanto àquelas que realmente eram ocultistas, quanto àquelas outras que apenas professavam alguma outra variação da doutrina cristã; perseguiram cientistas e pesquisadores, além de terem hostilizado qualquer nova descoberta da ciência. A lista ainda poderia continuar com outras tantas barbáries promovidas por cristãos. Algumas vezes as críticas recebidas pelos cristãos são fundamentadas nestes erros do passado. Devemos nos envergonhar deles, pedir perdão ao Senhor pelos nossos "antepassados" como fez Neemias, e afirmar posições bíblicas coerentes e amorosas.

A Igreja: Cristo e Suas ovelhas obedientes

A Igreja cristã, ao mesmo tempo em que é o corpo de Cristo, a Igreja invisível, a comunhão mística de todos os que creem verdadeiramente em Jesus, é também uma associação civil de pessoas com uma finalidade religiosa. Os aspectos externos, administrativos, associativos, culturais se confundem com os teológicos, de adoração, de discipulado, de serviço em amor. Nesta confluência

de duas dimensões, discussões sobre o caráter da Igreja e o seu papel partem das Escrituras, porém sempre as extrapolam.

Por esta razão, é necessário ter humildade para reconhecermos que devemos nos submeter àquilo que a Bíblia deixa claro e é explícita. Já aquilo em que não há clareza, ou é implícito, temos liberdade para escolher modelos culturais que nos possam ser úteis. Nenhum tipo de organização eclesiástica é definitiva e última. A História da Igreja retrata claramente as mudanças nas estruturas eclesiásticas e como os textos bíblicos foram reinterpretados ao longo dos tempos. Assim, não devemos temer mudanças no governo da Igreja, devemos temer mudanças no cerne do ensino a respeito da Igreja de Cristo.

Bonhoeffer afirmou que a forma de existência da igreja se chama discipulado (seguimento) e não reunião social, muito menos reunião popular.[220] Aprendemos com a Escritura que a Igreja de Cristo é o rebanho do Senhor Jesus (Jo 11.11-16), e por rebanho compreendemos que a igreja tem um caráter comunitário, em que as ovelhas vivem juntas seguindo seu pastor. Lutero dizia que a igreja é o lugar onde as ovelhas ouvem a voz do seu pastor e o seguem.

Fundamental para reconhecer a Igreja verdadeira é a sua fidelidade para com o seu mestre, o Senhor Jesus Cristo. Deste modo, Bonhoeffer identificava a eclesiologia com a cristologia. Para ele, Cristo era a presença de Deus no mundo, enquanto que a Igreja é hoje a presença de Cristo na terra.[221] Não devemos entender isso ontologicamente, mas como força de representação e atualidade. “A igreja só é igreja, quando ela está aí (disponível) para os outros.”[222]

Este é o caráter de Deus, desde o Antigo Testamento, no qual o nome de Deus Javé pode ser traduzido como “Aquele que está aí”, “o que age em favor do Seu povo”. Também em Cristo vemos o Deus que é presente, atual, que se doa em amor, que se disponibiliza para o ser humano. O Deus Espírito Santo que continuamente recria vida e reapresenta o amor de Deus para nós hoje. A Igreja deve espelhar o caráter de Deus, esta é sua tarefa, isto é seguimento, isto é discipulado. Igreja verdadeira segue o mestre, mostrando seu caráter por meio de sua vida para o mundo de hoje.

Igreja não está onde o dogma é pregado corretamente, pois isto não garante que haverá seguimento. Igreja não está onde o sistema de governo é “mais bíblico”, pois o sistema pode não pregar Cristo. Igreja não está onde pessoas agem como se fossem o próprio “Cristo”, pois elas não foram chamadas para substituí-lO, nem repetir Sua obra, mas para segui-lO, apenas. Igreja está onde Sua voz é ouvida na doutrina correta, obedecida e seguida no discipulado; onde as decisões e os métodos são submetidos ao conteúdo bíblico e onde a ação se fundamenta no amor e na vontade de Deus.

Capítulo 6
A Esperança Cristã

Por Alexander Stahlhoefer e Maurício Machado

Esperamos a ressurreição dos mortos e a vida do século vindouro.

O Credo Niceno-Constantinopolitano termina confessando duas proposições escatológicas fundamentais para a fé cristã[223], a saber: a ressurreição dos mortos e a vida em uma criação transformada, inaugurada após o segundo advento de Cristo.[224]

A necessidade de se ter tais esperanças começa pelo fato de que o pecado maculou o propósito inicial da criação de Deus, que era fazer com que ela existisse em toda a sua plenitude e para a Sua Glória. Como ponto alto, e fazendo parte dessa mesma criação, a partir da queda, o ser humano foi mortalmente atingido pelo pecado, a ponto de ter a sua existência material separada da imaterial. Pelo homem ter sido, originalmente, pensado e criado para existir integralmente, Deus providenciou a ressurreição dos mortos como meio de reunir o que foi separado pela morte.

Intimamente ligada ao ensino da ressurreição está a verdade de que o céu nunca foi pensado por Deus para ser a morada última do homem, mas apenas um lugar provisório e de descanso para a sua alma. Em resumo, faz-se necessário um cosmos ressurreto para abrigar o ser humano ressurreto. Assim, temos a totalidade da criação, glorificada e incorruptível, melhor em seu último estado do que no primeiro, como quando era no Éden.

Com esses dois ensinos expostos nesta breve introdução, a partir de agora, podemos tratar, mais detalhadamente, sobre as particularidades e implicações que cada um deles possui. Por fim, antes de vivermos tais acontecimentos que ainda se encontram no futuro, pode ser de grande valia debruçarmo-nos com atenção nesses assuntos concernentes à segunda vinda de Cristo, se isso fizer com que nossa percepção da eternidade tome outra dimensão. Nas palavras de Martyn Lloyd-Jones:

> “Oh, bendito dia! Que Deus nos conceda a graça de vermos essas coisas

> tão claramente, que viveremos para sempre em sua luz e, portanto, que jamais vivamos leviana e licenciosamente neste mundo passageiro e condenado, o qual está para ser destruído. Que vivamos como filhos da luz e filhos do dia, como filhos de Deus, como os que irão vê-lO, irão estar com Ele e participarão com Ele de Sua eterna glória. Amém."[225]

A esperança da ressurreição dos mortos[226]

No capítulo 3, a respeito de Jesus Cristo, já abordamos a ressurreição do Senhor, as testemunhas bíblicas e o significado deste fato para a fé cristã. Nossa intenção, neste momento, é analisar o que as Escrituras nos falam a respeito da esperança de uma ressurreição geral, isto é, que incluirá toda pessoa humana.

A ressurreição no testemunho bíblico do Antigo Testamento

O salmista diz: "*Por isso o meu coração se alegra e no íntimo exulto; mesmo o meu corpo repousará tranquilo, porque tu não me abandonarás no sepulcro nem permitirás que o teu santo sofra decomposição. Tu me farás conhecer a vereda da vida, a alegria plena da tua presença, eterno prazer à tua direita*." (Sl 16.9-11).

A temática da ressurreição dos mortos nem de longe é uma esperança central na teologia do Antigo Testamento. Poucas são as passagens bíblicas que aludem a esta verdade central para a fé cristã. Antes, o Antigo Testamento fala em vida. Uma pessoa abençoada é alguém que viveu bem e longamente sobre a terra (Gn 25.8). A comunhão com Deus é descrita em muitos textos como possível apenas nesta vida (Sl 115.17)[227], por isso, o momento do aqui e agora, da vida longa sobre a terra, e do viver com Deus aqui eram tão importantes no Antigo Testamento (Ex 20.12, Is 65.20). O "*sheol*", o mundo dos mortos, é o lugar de silêncio, a terra do "esquecimento".[228] Lá não há vida ativa, é o lugar de descanso para todos, indistintamente do que fizeram em vida (Sl 115.17; 88.6).[229]

Apesar do enfoque na vida presente, há também uma esperança de vida eterna manifestada no testemunho do Antigo Testamento. O Salmo 73.26 afirma: "Deus é a rocha do meu coração e a minha porção para sempre".[230] O autor de Eclesiastes também diz que há uma vontade do ser humano direcionada para a vida eterna (Ec 3.11). Essa esperança está claramente fundamentada no poder de Deus, que não conhece limites, e domina sobre tudo e todos, além de proclamar a Sua vitória e Seu banquete comemorativo no monte Sião (Is 25.6-8; cf. tb. Dt 32.29).[231]

A esperança de uma ressurreição individual, porém, aparece apenas em poucos textos, como em Daniel 12.2-3, em que os bons e os maus ressuscitarão

para receber o veredito de Deus. Também em Isaías 26.19, em que a terra devolve do pó os mortos para uma nova vida. A visão de Ezequiel a respeito do vale dos ossos secos também apresenta a perspectiva de uma ressurreição geral e pessoal (Ez 37.1-14). Já em Oséias 6.1-3, o tipo de ressurreição descrita pode ser relacionada à ressurreição de Jesus Cristo e, portanto, é possível compreender o texto como uma profecia da ressurreição do Messias.[232]

O que a maioria destes textos aponta, no entanto, é que a figura da ressurreição é ligada a um fenômeno natural: o pó e o orvalho formam o barro, matéria-prima do corpo em Gênesis; aos ossos secos crescem novamente juntas, ligaduras e, por fim, carne; a chuva rega e, a partir dela, a vida ressurge. A literatura rabínica ao ler esses textos associou a ressurreição, figurativamente, ao grão de trigo, que precisa morrer (ser enterrado) para nascer (dar luz à nova planta).[233] A Rosa de Sharon é também um símbolo da ressurreição retirado do ciclo da natureza; a terra, após o Inverno (morte), faz brotar nova vida em plena beleza e formosura (a rosa). Por esta razão, os judeus utilizam as rosas/rosetas como elementos decorativos nos túmulos, aludindo à esperança da ressurreição.[234]

A ressurreição no testemunho bíblico do Novo Testamento

A primeira passagem do Novo Testamento que alude à ressurreição se encontra em 1 Tessalonicenses 4.13-18.[235] Trata-se de uma resposta às perguntas dos primeiros cristãos: “Quando voltará o Senhor Jesus? Alguns irmãos faleceram e Jesus ainda não voltou. O que aconteceu com estes irmãos? Acabou a nossa esperança?”. Paulo esclarece que os que antecederam a volta de Cristo na morte serão ressuscitados por Deus e, igualmente, estarão reunidos aos demais crentes que experimentaram a *parusia*ainda em vida. Esse texto, porém, se limita a afirmar a respeito da ressurreição dos crentes, e ainda não trata do tema da ressurreição geral.[236]

A nós é claro que havia na comunidade cristã primitiva um ensino a respeito da ressurreição dos mortos o qual vinha sendo criticado por membros da comunidade. Paulo aponta isto em 1 Coríntios 15.12ss ao nomear os seus oponentes que negavam a existência da ressurreição dos mortos. Esse ensino está sumarizado nos v.3-8: “*Pois o que primeiramente lhes transmiti foi o que recebi: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, foi sepultado e ressuscitou no terceiro dia, segundo as Escrituras, e apareceu a Pedro e depois aos Doze. Depois disso apareceu a mais de quinhentos irmãos de uma só vez, a maioria dos quais ainda vive, embora alguns já tenham adormecido. Depois apareceu a Tiago e, então, a todos os apóstolos; depois destes apareceu também*

a mim, como a um que nasceu fora de tempo.” (1Co 15.3-8)

Em 2 Coríntios 5.1-10 Paulo trata a ressurreição utilizando imagens antitéticas: tabernáculo terreno vs. edifício eterno; nus vs. vestidos; o mortal vs. a vida; no corpo vs. com o Senhor. As imagens servem para clarear a diferença entre a vida no presente século e a vida no século vindouro, isto é, quando estivermos com Cristo, após a ressurreição e o juízo de todos (v.10).

Já no Evangelho de João, a ressurreição aparece em sua perspectiva presente e futura. Ou seja, aqueles que creem em Cristo já agora têm a nova vida (Jo 3.5, 3.17s, 24). O juízo final é antecipado e a ressurreição começa em vida. Não se trata de eliminar a ressurreição no fim dos tempos. Trata-se de interpretar quando a vida eterna efetivamente começa. Começaria ela apenas após a ressurreição do corpo no fim dos tempos? Ou começaria efetivamente já por meio da fé? A resposta de João é que a vida eterna começa já, agora, (Jo 2.25), mas ainda não consumada e efetivada pela ressurreição do corpo (Jo 11.24s). Se por um lado João afirma a ressurreição em vida, ele também deixa muito claro que há uma ressurreição final de todos para o julgamento (Jo 5.28s).[237]

Talvez Lucas tenha sido o evangelista que apresentou a ressurreição dos justos e injustos, ou seja, de todos, de forma mais clara. Em Atos 4.2, a prisão de Pedro e João deveu-se à oposição dos sacerdotes à pregação de Jesus e à oposição dos saduceus ao ensino da ressurreição dentre os mortos. Ao descrever a pregação de Paulo e as razões da oposição dos epicureus e estoicos, Lucas aponta a fé em Cristo e o anúncio da ressurreição como pontos centrais da proclamação em Atenas (At 17.18). O que parece claro é que os cristãos não tinham qualquer problema em se identificar com os fariseus no tocante à doutrina da ressurreição dos mortos, tanto que Paulo utilizou este argumento diante do Sinédrio (At 23.6). O próprio Senhor Jesus criticou os saduceus pela falta de fé na ressurreição, apontando que Deus é Deus de vivos e não de mortos (Lc 20.38). É, definitivamente, claro que Lucas ensina a existência de uma ressurreição de todos para o juízo no fim dos tempos (At 24.15).

A ressurreição também aparece nas demais literaturas do Novo Testamento. Em 1 Pedro 4.5, a imagem do juízo, da prestação de contas no fim dos tempos é clara. Em Hebreus, o ensino da ressurreição e o do juízo final aparecem lado a lado (Hb 6.2). O texto mais claro, porém, é o do Apocalipse 20, no qual, efetivamente, ocorre a ressurreição universal. A primeira ressurreição se refere àqueles que creram em Cristo e foram ressuscitados antes do milênio. Assumimos aqui a interpretação do Apocalipse de João na mesma linha do Evangelho de João, isto é, de que a primeira ressurreição deva ser lida figurativamente, como se referindo ao novo nascimento, assim, todo aquele que

crê em Cristo é trazido da morte para a vida (ressurreto) e permanece *já agora* com Cristo, mesmo antes da Sua volta e da consumação final.[238] A segunda ressurreição se refere a todos os mortos[239] que aguardam o juízo final. Para estes, após o juízo das obras, está reservada a vida eterna junto ao Senhor (descrita no capítulo seguinte) ou a segunda morte, ou seja, a condenação eterna (v. 14). Defendemos, assim, que há uma ressurreição final de todos para o juízo e um duplo desfecho da história: condenação dos maus de acordo com suas más obras e redenção dos justos por causa da fé em Cristo.[240]

A ressurreição de Cristo e a nossa ressurreição[241]

No capítulo 3, a respeito de Jesus, o Bibo já tratou do assunto da ressurreição de Cristo. Abordou a historicidade do fato, as relações entre ressurreição e salvação e o Espírito Santo. Além disso, apresentou uma síntese de 1 Coríntios 15, o texto central do Novo Testamento a respeito desse assunto. Cabe-nos, agora, apenas retomar alguns assuntos que têm ligação direta com a escatologia.

A ressurreição de Cristo é a prova irrefutável e a garantia da nossa própria ressurreição. Só há possibilidade de um novo nascimento, de uma vida eterna (ressurreição presente/figurada), pois Cristo venceu a morte na Sua própria ressurreição. Em 1 Tessalonicenses 5.10 e Filipenses 1.23 Paulo atesta o seu desejo de viver em união com Cristo[242], tal possibilidade só é real porque Cristo vive (ressuscitou), de forma que *já agora* nós somos vivificados no corpo, e no futuro ressuscitados efetivamente.

Corruptível para incorruptível (a natureza do corpo ressurreto)

A grande pergunta que sempre surge, no entanto, é a respeito do corpo da ressurreição. Se crermos na ressurreição do corpo, e considerando que nosso corpo material apodrecerá logo após nossa morte física, de que tipo de corpo estamos falando? Cremos em uma ressurreição imaterial, em uma espécie de vida desencarnada? Cremos em um novo corpo totalmente diferente do que tínhamos até agora? De que forma se conectam as realidades das nossas existências presente e futura?

Os dois textos fundamentais para essa compreensão são 1 Coríntios 15 e 2 Coríntios 5. O primeiro trata da ressurreição em uma série de aspectos, desde a ressurreição de Jesus até as implicações dessa para nossa fé e pregação. Essencial neste texto é a distinção entre o “corpo natural” e o “corpo espiritual”. Paulo usa uma série de analogias, como a da semente que precisa perder sua forma natural para dar lugar à planta que nascerá. Após nascer a planta, todos

dirão que esta última é muito mais bela e esplendorosa do que a primeira. Assim também é com os corpos celestes e terrenos. Há diversos deles, e qualquer pessoa é capaz de reconhecer qual é o que mais brilha, seja o sol entre os astros, seja o ser humano entre os seres criados.

A imagem da semente é então retomada por Paulo, explicando que o corpo físico e material que possuímos precisa ser sepultado, pois é perecível, enquanto que o novo corpo será imperecível, dada a sua natureza espiritual, e não mais natural. O argumento de Paulo é construído, então, a partir de nossa descendência adâmica, logo, se o primeiro ser humano foi um "ser vivente", então todos os que dele descendem portam sua imagem, ou seja, são também, e tão apenas, "seres viventes". Agora o que pertence à existência neste mundo, os que são naturais desta era, não podem entrar no reino dos céus, pois neste, a existência natural não cabe. É preciso uma outra "natureza", esta providenciada por Cristo. Jesus é "espírito vivificante", isto é, Ele concede vida. Paulo, então, conecta as duas realidades, aparentemente irreconciliáveis, à imagem do vestir-se: o corruptível, o corpo atual, precisa ser revestido do que é incorruptível; o mortal, do que é imortal.

Em 2 Coríntios 5, o argumento de Paulo é semelhante. O argumento é o de uma habitação, uma tenda. Atualmente, habitamos em uma tenda temporária e terrena. Na ressurreição, receberemos um edifício construído não com matéria-prima terrena, nem feito por mãos humanas; naturalmente, nos encontramos nus, o que após a queda denotou vergonha e foi justamente esta vergonha que Deus apontou como o conhecimento da situação de pecado em que se encontrava o primeiro casal. Como cristãos, ansiamos por ser revestidos, mas não despidos. A ideia presente é a de que *já agora* o Espírito Santo nos veste, de forma que não nos encontramos mais em estado de vergonha, mas enquanto estamos neste corpo natural, não estamos plenamente com Cristo. Desejamos, assim, ser revestidos da habitação celestial, que significa o novo corpo, ao qual o pecado e a morte não aderem e não têm mais influência.

Utilizando os termos da antropologia teológica, temos o seguinte quadro:

	Atualmente	Na ressurreição
Carne - parte material do corpo	Presente	Ausente
Alma/espírito - parte imaterial	Presente	Presente(continua a mesma)
Corpo - a pessoa - o somatório de tudo o que alguém é	Natural (ligado à carne)	Espiritual (ligado ao espírito)

Quando a Escritura fala de uma ressurreição do corpo, ela está falando não da permanência da existência física tal qual a temos no momento, mas da continuidade de nossa vida, de nosso "eu" enquanto pessoas, de nossa história, lembranças, vivências, porém não mais atrelado àquilo que concerne à carne: a temporalidade e o pecado. O novo corpo, glorioso e esplendoroso, poderá se parecer com o corpo de Jesus Cristo, que carregava as marcas da crucificação (Jo 20.27)[243], mas cujo semblante não foi reconhecido pelos discípulos (Lc 24.15-16; Jo 21.4); que se alimentou junto deles (Jo 21.13), mas que pôde atravessar paredes para se reunir aos Seus que se encontravam em secreto (Jo 20.19; Lc 24.42-43).

O século vindouro ou o conceito de reino de Deus

A ideia de reino de Deus é clara quando lemos os evangelhos, especialmente Mateus, pois nos deparamos com termos como "reino dos céus" ou, simplesmente, "reino de Deus". A realidade do reino de Deus é apresentada ora por meio de uma parábola, ora por meio da manifestação do poder divino mediante Cristo, ora pelo ensino com autoridade de Jesus.

O Antigo Testamento já conhecia um conceito de reino de Deus. Os Salmos atestam a majestade e o reinado eterno do Senhor sobre toda terra e céu (Sl 47,

145.11-13). O Senhor tem um trono no céu, de onde reina sobre tudo e todos (Sl 103.19). O reinado de Israel pertence ao Senhor que concede à dinastia davídica a licença para reinar sobre o reino que pertence a Deus (1Cr 17.14). Porém, no fim dos tempos, o próprio Deus reinará novamente e pessoalmente em Sião (Is 24.23; Zc 14.9). No livro de Daniel, o conceito do reino escatológico de Deus vem novamente à tona. Nabucodonosor reconhece que o reinado pertence unicamente e eternamente a Deus (Dn 4.34). Ao Filho do Homem é concedido o reino eterno e duradouro (Dn 7.13s), e o reino sobre a terra será exercido pelos santos de Deus (Dn 7.27).[244]

Em Marcos, Jesus anuncia o evangelho de Deus, dizendo que o tempo está cumprido e o reino de Deus está próximo. "Arrependei-vos e crede no evangelho" é Sua mensagem central. Entrar no reino de Deus pode ser sinônimo de entrar na vida, ou no caminho que leva à vida, ou ainda herdar a vida. Quando Jesus anuncia a vinda do reino de Deus, quer dizer que de fato Ele agora vem.[245] O reino não é alcançado por poder ou por revolução; ele só pode ser recebido por quem é como uma criança (Mc 10.15). A única coisa que se espera ativamente é a oração pela vinda do reino (Lc 11.2); mais do que esta preparação nada é esperado (Lc 12.31). O arrependimento é o sinal da preparação adequada para a vinda do reino (Mt 5.20). A salvação é o resultado imediato da vinda do reino para aqueles que o receberam de forma apropriada (Mt 7.21).[246]

Como podemos perceber, por meio desses versos citados, o reino de Deus possui uma dimensão presente. Dessa forma, na escatologia alguns enfoques falam de uma escatologia realizada, como em Charles Dodd. As curas e os milagres de Jesus são atestados como sinais do reino (Lc 10.9; 11.20; Jo 3.2). O reino já é vivido agora e possui sua ética própria (1Ts 2.10-12; Mt 5-7). Há a tendência entre os que enfocam na dimensão presente do reino, incluindo aqui os pós-milenistas, como a Teologia da Libertação, de desconsiderar a dimensão futura e compreender o reino de Deus tão apenas como uma nova ética.

Uma segunda perspectiva traz um equilíbrio e faz jus aos textos bíblicos que têm uma dimensão de anúncio futuro. O reino de Deus ainda *virá* em sua plenitude. Enquanto Jesus vivia na expectativa da vinda do reino, a igreja vive na expectativa da consumação deste reino.[247] O reino futuro é o alvo da história de Deus (Mc 14.25; 1Co 6.9; Gl 5.21).

Muitos confundiram reino de Deus com igreja. Inclusive Paul Althaus criticou esta concepção ao dizer que Jesus esperava o reino, mas o que veio foi a igreja. Porém, o reino tem um aspecto interpessoal e social, a saber, o reino está entre nós ou no meio de nós (Lc 17.21). Além disso, há uma gama de reflexões éticas a respeito do reino com implicações sociais ou coletivas como casamento,

sexualidade e família, além de economia, propriedade e trabalho.

Mas também o reino possui uma realidade interna. Trata-se da relação individual do crente com Deus. O cristão é morada do Espírito Santo (1Co 3.16) e o próprio texto citado no parágrafo anterior (Lc 17.21) pode ser interpretado duplamente, como ARA indica: “o reino de Deus está dentro de vós”. Esta dimensão espiritual não pode ser perdida, mas também não pode ser supervalorizada como foi com Orígenes, a ponto de interpretarmos todas as coisas em um contexto “espiritual” e desconectarmos as realidades presente e futura, individual e coletiva do reino.

Nossa abordagem segue uma compreensão amilenista do reino vindouro, isto é, compreendemos que o milênio (Ap 20.1-4) já está em curso desde a primeira vinda do Senhor, e que o reino eterno acontecerá quando da vinda d’Este em glória: a segunda vinda. Para compreender as diversas posições, incluímos aqui um excurso sobre a temática do milênio.

Excurso: as interpretações teológicas a respeito do milênio (Ap 20,1-6)[248]

Como costuma dizer o Mac, este é um tema que produz mais calor do que luz, isso porque uma interpretação consensual do tema está longe de ser alcançada. O que temos são correntes de pensamento tão diversas que uma conciliação é muito difícil. A questão primordial é a seguinte: como interpretar o reinado milenar de Cristo em Apocalipse 20.1-6?[249] Seria literal ou uma alegoria?

Basicamente, existem quatro correntes de interpretação:

1. Pré-milenismo histórico

Cristo voltará *antes* do milênio para estabelecer um reino sobre todos os povos. Este reino terá a duração de 1.000 anos e os cristãos, que participarão da primeira ressurreição, reinarão junto a Cristo. Será um reino teocrático, isto é, o próprio Cristo reinará sobre os povos da terra.

2. Pré-milenismodispensacionalista

Tal interpretação parte dos pressupostos pré-milenistas, porém possui um esquema fechado de interpretação do curso dos acontecimentos escatológicos. A história é subdividida em uma série de “blocos” chamados de dispensações. Em cada uma dessas dispensações, Deus revela Sua vontade ao ser humano que, sempre, de novo, fala e é julgado conforme uma aliança própria de cada uma dessas dispensações. São ensinadas sete dispensações. Atualmente, nos

encontramos na dispensação da graça, que culminará com a dispensação do reino quando Cristo voltar invisivelmente e arrebatar a igreja. O arrebatamento ao estilo “Deixados para Trás”[250], marca o fim da dispensação da graça e o início dos acontecimentos do fim dos tempos. Entre os defensores dessa corrente há ainda compreensões distintas de quando o arrebatamento[251] acontecerá:

> Pré-tribulacionista: o arrebatamento será antes da tribulação, logo, antes da 70ª semana de Daniel 9.27;
> Mid-tribulacionista: será no meio da tribulação, exatamente no meio da 70ª semana;
> Pós-tribulacionista: será depois da tribulação, logo antes ou junto à 1ª ressurreição, cf. Apocalipse 20.4s;
> Arrebatamento parcial: apenas os cristãos espirituais serão arrebatados, os carnais permanecerão na tribulação, momento no qual serão provados quanto à sua fé.

3. Pós-milenismo

O milênio acontecerá no fim dos tempos e Cristo voltará somente no fim deste período, portanto, *após* o milênio, para a consumação da história. O milênio será um tempo de paz e prosperidade geral, no qual a igreja terá um papel fundamental e os objetivos evangelísticos desta serão plenamente alcançados.

4. Amilenismo[252]

Não haverá um milênio *literal*. Ou seja, não haverá um período áureo da igreja, nem um reino secular como antecipação do reinado escatológico de Cristo. Jesus já reina sobre a igreja e sobre o mundo, porém Seu reinado é espiritual e não político. Apenas no fim dos tempos, quando Cristo voltar para ressuscitar a todos para o juízo final é que será instaurado o reino eterno.

Breve avaliação

Ao avaliar essas posições, precisamos nos questionar se o modo de interpretação é aberto ou fechado, isto é, se o modelo propõe uma ordem de acontecimentos, de tal forma que as passagens bíblicas são forçadas a caber dentro do esquema proposto ou se os textos bíblicos têm a liberdade de questionar o nosso modelo escatológico. O grande problema é que não temos condições de afirmar como as passagens bíblicas que retratam os temas escatológicos se relacionam entre si. Temas como o arrebatamento se encontram

em literaturas muito diversas como Daniel e 1-2 Tessalonicenses. Estaríamos sendo justos ao testemunho bíblico se estabelecêssemos uma relação de causa-efeito, em vez de, por exemplo, uma relação adversativa entre os textos?

Além disso, as interpretações especulativas falham ao tentar montar um quebra-cabeças que não veio com mapa! Não temos a visão do todo, apenas das partes e, por isso, temos de dizer que qualquer sistema escatológico é uma tentativa, uma possibilidade, e não uma certeza ou verdade. Que haverá ressurreição, arrebatamento, reinado de Cristo, juízo final, não há dúvidas. O que não sabemos é de que forma eles se relacionam entre si, como e quando acontecerão exatamente.

Os diversos retratos do reino de Deus ao longo da Escritura

A seguir, apresentaremos algumas imagens que a Bíblia utiliza para descrever a realidade do reino de Deus. Não será uma análise exaustiva, todavia, apresentará termos da escatologia futura, alguns já com implicações presentes, que podem nos ajudar a montar um quadro daquilo que Deus tem preparado para nós na consumação dos tempos.[253]

A nova ou a celestial Jerusalém (Ap 21.10-27)

A imagem nos remete a uma sociedade, a um futuro em que há interação social entre as pessoas. Há ali um muro aparentemente desnecessário, mas que pode ser entendido como uma analogia à Jerusalém da época, que recentemente havia sido destruída pelos romanos, na qual o muro tinha uma importância de defesa muito grande. Assim como o querubim guardava a entrada do Éden, também aqui anjos guardam a entrada dos muros. Mas provavelmente, essas referências aos muros, aos anjos e aos nomes seja uma palavra de cumprimento de Ezequiel 48.30-35, e os muros então adquirem uma função de mostrar a glória e a grandeza da cidade, pois para proteção, já não seriam mais necessários.

A nova cidade não tem templo, esta é a grande diferença da nova sociedade. Não há necessidade de separação entre sociedades religiosa e civil, simplesmente porque esta separação é fruto do pecado, que na nova Jerusalém não terá mais poder. Não há necessidade de sol, nem lua, nem separação entre dias e noites. A ideia de Deus iluminar a todos o tempo inteiro é a de que os contrastes entre justo e injusto, escondido e revelado, puro e impuro, já não fazem mais qualquer sentido. Tanto que os portões estão abertos e os gentios podem entrar, porém, a entrada é permitida somente àqueles que têm o nome inscrito no livro da vida, ou seja, a nova Jerusalém é acessível somente àqueles que, em vida, creram no filho de Deus.[254]

A paz entre os animais (Is 11.6-9)

Naturalmente, este texto não pode ser visto como uma possível conquista dos esforços humanos. Ninguém consegue, nem mesmo com muito treino, mudar o instinto natural de um leão. A imagem do texto nos remete aos tempos do Éden, de modo que o retorno ao paraíso idílico se torna um motivo claro nesta profecia. Uma interpretação simbólica, com cumprimento imediato, não faz jus à clara relação que este texto tem com o tema do pecado, da inimizade e da desordem entre a criação, frutos da radicalidade da queda. A chave de leitura se encontra no v.9, em que a maldade não adentrará no santo monte, Sião, pois o conhecimento de Deus estará presente em todo o lugar. Logo, pensamos novamente na nova Jerusalém, e na imagem da terra redimida e da nova criação de Deus.

Há uma conexão clara entre o que é velho, ou seja, os animais, o comer, a criança brincando, a cidade de Jerusalém, mas há um elemento qualitativo novo: não há instinto de caça e de sobrevivência; carnívoros se tornam herbívoros; animais ferozes, pacíficos.[255] Há uma expectativa da presente criação de que esta paz e a completa restauração logo venham (Rm 8.19). A figura retrata, portanto, a paz que reinará em toda a ordem natural na nova criação.[256]

O paraíso (Lc 23.43; Ap 2.7)

A imagem de um paraíso aparece apenas três vezes no Novo Testamento.[257] Elas retomam a imagem do paraíso do Éden com uma esperança renovada de que algo semelhante lhes aguarda no futuro. A imagem é especialmente forte em significado para os habitantes da Palestina, que viviam rodeados por desertos e estepes, e onde apenas no entorno de rios e fontes d'água havia possibilidade de florescer algo frutífero e belo. Essa imagem escatológica remete a uma continuidade entre a criação e a consumação; nela, a primeira não será aniquilada em função da última. Fica claro também que apenas Deus, o criador, é quem tem o poder e a possibilidade de ser também o consumador. Além disso, a realidade futura não será uma realidade supranatural.[258]

Uma nova terra e um novo céu (Ap 21.1)

Todas as imagens apresentadas até agora descrevem a consumação escatológica deste mundo. Entretanto, o vocábulo na língua portuguesa denota tanto a consumação pela via da aniquilação, quanto pela via da plenitude. As imagens descrevem claramente uma plenitude: a paz sem fronteira, o paraíso a ser usufruído sem medidas, a cidade que resplandece e irradia Deus. A

continuidade entre a criação e sua consumação ficou clara pelos textos bíblicos. Mas também está bem nítida a diferença qualitativa entre o mundo no qual vivemos e sua forma no futuro; há uma descontinuidade demonstrada pela sua qualidade: ele é novo! Porém, não é "novo" no sentido de que o "velho" foi destruído, mas no sentido de que o velho foi superado pelo novo. A nova terra não é nem aqui nesta terra, nem lá no céu, pois como disse o Bibo, haverá um *empaçocamento* da "terra" com o "céu", de forma que há uma continuidade da atual criação, mas qualitativamente uma descontinuidade.[259]

Não nos é possível explicar em que medida ou como será o novo em comparação ao velho em sua forma material; o que podemos verificar pelo testemunho bíblico e as figuras escolhidas é que a nova terra e o novo céu serão uma realidade inexprimível, pois as palavras que possuímos em nosso vocabulário não são suficientes para descrevê-la, por isso dizemos com Paulo (2Co 12.4), que é um lugar indescritível.[260]

A videira escatológica (Mq 4.4; Zc 3.10)

Muitos já compreenderam a realidade descrita por Miquéias como produto de uma utopia revolucionária. Por meio da justiça social e da tolerância, além da conversão das armas em instrumentos de trabalho, a paz será alcançada. Sociologicamente, isso pode ser verdadeiro, entretanto, a expectativa do profeta é bem realista: a paz será alcançada quando o monte Sião estiver acima de todos os montes, e para lá fluírem todos os povos. É uma imagem do futuro reinado de Deus sobre tudo e todos. Não podemos entender o texto apenas na sua dimensão política, por isso rejeitamos a opção comunitarista tanto quanto a teonomista.[261]

O reino não é fruto do esforço humano pela justiça social, nem do esforço humano pela conversão das pessoas/sociedades à fé cristã. Além disso, há a imagem da videira, muito presente e clara neste texto. Esse mesmo texto reaparece em Isaías 2.2-5 e o motivo de sentar-se debaixo da videira/figueira novamente em Zacarias 3.10. Numa região seca, quente e fortemente castigada pelo sol, a sombra densa da videira providenciava um local fresco e gostoso para se passar a parte mais quente da tarde. Experimentei isso na parreira que meu avô cultivava no interior do Paraná, quando nos dias quentes de Verão nos sentávamos embaixo dela para comer seus frutos e nos afastar do calor do sol. Além de ser um lugar mais fresco, o fruto da videira, na Bíblia, inúmeras vezes descrito como o vinho, é tanto um símbolo de comunhão e festa, quanto de cura e salvação. Jesus se identificou com a videira (Jo 15), sendo os que creem n'Ele os ramos que dão frutos.

Desse modo, a comunhão com Cristo produz uma vida frutífera. Na Ceia,

Jesus escolhe o vinho como imagem para o Seu sangue derramado: o cálice da Nova Aliança (1Co 11.25). O sangue era compreendido no Antigo Testamento como o portador da vida (Gn 9.4, cf. Lv 17.11). Agora a vida de Cristo é dada e derramada em nosso favor. E aquele que bebe do sangue, isto é, aquele que tem comunhão com Cristo (1Co 10.16), que participa da sua mesa; este tem a vida, é salvo, curado e restaurado (Mc 10.45, cf. 1Jo 1.7, Mc 14.24).[262]

Estar com o Senhor (1Ts 4.17)

O arrebatamento descrito na primeira carta de Paulo aos Tessalonicenses é um dos eventos mais comentados da escatologia do Novo Testamento. Seguramente, a figura do arrebatamento já estava presente na escatologia do Antigo Testamento (Gn 5.24 – Enoque; 2Rs 2.11 – Elias) e também no pensamento judaico.[263] A promessa da volta de Cristo foi logo identificada com tais eventos relatados no Antigo Testamento, de modo que Paulo relata uma volta visível de Cristo, assim como Sua ascensão fora visível.[264]O alvo do acontecimento é "estar com o Senhor para sempre" e isto incluirá também os que já estavam mortos e foram recém-ressuscitados (1Ts 4.16).

Porém, a imagem do encontro nos ares é natural quando percebemos que Jesus se identificou como o Filho do Homem (Mc 13.26), um título já presente no livro de Daniel, no qual lemos que o Filho do Homem "vinha com as nuvens do céu" (Dn 7.13). Se a ascensão foi logicamente para o alto e para "dentro" das nuvens (At 1.9), a Sua volta deveria obedecer à mesma lógica, i.e., vir das nuvens para o encontro conosco. Provavelmente, Paulo quis, com essa imagem, apontar para o fato de que não devemos buscar localizar o "céu" ou o reino de Deus em algum lugar geográfico. Ele não é nem exatamente aqui (Terra), mas não deixa de ter conexão com "o aqui", e também não é exatamente no céu: é no entremeio, nos ares. A "geografia" do reino de Deus, as datas, o momento e a ordem em que tudo acontecerá não estão no foco do texto. O mais importante, porém, é que estaremos para sempre com o Senhor.[265]

A comunhão mística – theosis (Rm 8.14; At 17.28s; 2Pe 1.4)

Muito comum no pensamento oriental, a *theosis* significa que o ser humano, por sua adoção como filho de Deus, se torna participante da comunhão interna da Trindade. O momento de verdade dessa compreensão é o que, de fato, efetivamente temos, enquanto filhos de Deus, ou seja, a comunhão com o Deus que faz parte da Trindade. Entretanto, precisamos ler esses textos levando em conta Romanos 8.14 que demonstra que o ser filho de Deus não altera a natureza da pessoa humana, mas muda a qualidade da sua relação com Deus e, com isso,

a vontade do ser humano. Passamos a ser guiados pelo Espírito Santo e habitados por Ele, todavia isso não significa que nós possamos fazer parte da natureza divina ou sermos absorvidos por ela. Devemos ter o cuidado de dizer que, enquanto geração de Deus e coparticipantes da natureza divina, somos apenas filhos e, por isso, nossa relação com a Trindade é tão somente de comunhão.[266]

Ver Deus face a face (1Co 13.12)

Na teologia de Martinho Lutero as realidades escatológicas são explicadas por meio do exemplo das três luzes: a luz natural, a luz da graça e a luz da glória. Sob a luz natural todas as pessoas enxergam aquilo que os olhos podem ver, receber como impulso. Por ela, qualquer pessoa pode perceber a existência de uma divindade, um poder superior. Todos possuem algum conhecimento acerca de Deus, uma graça comum ou revelação geral. No entanto, esse conhecimento é insuficiente para a salvação e para o reconhecimento do que virá no futuro.

A segunda luz é a da graça. Sob essa luz, a partir do conhecimento de Deus na revelação de Cristo, compreendemos e enxergamos algo mais além. A fé enxerga o que os olhos comuns não veem:a esperança, o amor, a paz, a liberdade, o perdão, ou seja, Deus em Sua ação para conosco. Sob a luz da graça, vemos lampejos, silhuetas, sombras do que será o futuro. Vemos isto manifestado na comunhão dos santos, na qual o perdão, a reconciliação, a paz e o amor estão presentes como dádivas da vida no Espírito. Entretanto, a vida, aqui e agora, sob a graça de Deus, ainda não é tudo. Sob a luz da graça vemos somente o que nos foi revelado pela Escritura, nada além disso.

Falta-nos, então, a última luz: a luz da glória de Deus. Sob essa luz vemos toda a realidade da história do cosmos e toda a plenitude de Deus face a face, frente a frente, sem máscaras, sem segundas intenções, sem quaisquer empecilhos. Sob a luz da glória, tudo se torna evidente e límpido. Passamos a compreender, conhecer e nos relacionarmos com Deus e com todos à nossa volta, como *já agora* Deus nos conhece profundamente. A essência de Deus, que é o amor, torna-se a realidade suprema a reger a vida sob a luz de Sua glória.[267]

Deus é tudo em todos (1Co 15.28)

Facilmente, alguém poderia entender esta frase como um panteísmo, no qual tudo é Deus ou no qual Deus divide sua natureza com tudo e todos. Como afirmamos, anteriormente, em relação a*theosis*, não é possível entender a coparticipação na natureza divina como se o ser humano pudesse adentrar na comunhão interna da Trindade. O ser humano limitado não pode possuir a eternidade, como veremos no tópico a seguir.

A passagem de 1 Coríntios 15.28 fecha um bloco de sentido em que Paulo retrata a sujeição de todas as coisas a Cristo, por Deus. Assim como Cristo se sujeitou a tudo e a todos no Seu estado de humilhação (Fp 2.5-8), também Deus tudo sujeitou a Ele por ocasião da Sua ressurreição e exaltação. O fim disso é que o Cristo exaltado seja por tudo e por todos adorado e glorificado (cf. Fp 2.9-11). Não se trata de um endeusamento das coisas e das pessoas, mas do fim das barreiras e da inimizade (Rm 5.10; Cl 1.21) entre Deus e a Sua criação. Deus estará no meio da Sua criação que, finalmente, O honrará como criador e Deus.

A vida eterna (Mt 25.46; Mc 10.30; Jo 3.16; Rm 6.22)

Boécio, em uma definição clássica, afirmou que "a eternidade é a total e ao mesmo tempo completa posse da vida ilimitada".[268] Para alguns, pensar em uma vida sem limitação de tempo é angustiante, e causa medo, provavelmente por imaginar a vida tal como a temos aqui, apenas com a impossibilidade da morte física. Para outros, ela parece com o sonho de uma juventude eterna, de uma alegria e de uma falta de limites. Porém, a vida eterna no sentido bíblico não tem a ver com a possibilidade de não morrer ou a impossibilidade de morrer, nem com uma juventude eterna e vitalidade sem fim, essa imagem não está ali presente.

O sentido claro é uma vida completa e cheia. O conceito aponta para uma vida além da morte. A morte é uma fronteira da vida biológica, a qual a esperança da vida eterna transgride. Entretanto, a vida eterna não se trata apenas de uma vida em espírito, como se apenas este fosse usufruir desta completitude, mas também o corpo experimentará o eterno, conforme já tratamos anteriormente a respeito da transformação do corpo físico em corpo espiritual quando da ressurreição.[269]

O medo diante da eternidade se dá pela nossa limitada compreensão, essa que é refém do conceito de tempo. Para nós, existe o presente, o momento em que vivemos; o passado, aquilo que ficou para trás e que não temos mais como mudar; e o futuro, o tempo da expectativa. Deus, porém, não se limita a estas categorias de tempo, pois Ele é de eternidade a eternidade, o começo e o fim. Deus não se limita ao tempo, Ele está além do tempo. Karl Barth disse que Deus é a negação do tempo, pois Ele possui a eternidade. Deus não tem uma duração, algo como passado, presente e futuro, pois Ele é o começo, o meio e o fim (Ap 22.13), Ele é além de qualquer categoria de tempo.[270] Cristo, porém, é a irrupção da eternidade no tempo, pois o eterno se faz temporal; o que está além do tempo, vem no tempo; o que não teve começo, o gerado na eternidade, nasce com dia e hora marcados.[271]

Com Cristo, o ser humano, limitado na sua compreensão e limitado pelo próprio tempo, passa a ter acesso à eternidade. Quando tempo e eternidade se cruzam em Cristo Jesus (Gl 4.4), o que é temporal tem a possibilidade de participar do que é eterno, pois o eterno se autolimita no tempo (Fp 2.5-11). A eternidade está acessível ao ser humano somente no anúncio de Cristo, no momento oportuno, no kairós[272] de Deus (2Co 6.2). Em Cristo e no Espírito vivemos *já agora* a eternidade, pois como filhos de Deus passamos a ter vida em plenitude (Jo 10.10), porém, ainda limitados pelo tempo e pelo pecado, de forma que dizemos que tal plenitude alcançaremos somente na eternidade. Lutero dizia que somos "simultaneamente justos e pecadores, pecadores de fato, justos na esperança".

Por essas razões, dizemos que a vida eterna já começa agora, no tempo, apesar de todas as limitações. É uma vida de qualidade, pois experimentamos perdão dos pecados, alegria e paz com Deus. Pelo Espírito Santo, almejamos de coração a comunhão com os irmãos e irmãs e por ela buscamos praticar o perdão, a reconciliação, o amor e a partilha. A partir da comunidade cristã, desejamos compartilhar com o mundo a esperança em Cristo, o amor do Pai e, assim, espalhar pequenas sementes do reino de Deus para que outros possam ser alcançados pela dádiva da salvação. A comunidade cristã, a comunhão do Espírito no corpo de Cristo que adora o Pai, é porta-voz e embaixadora da pátria celestial, do reino de Deus, e antevendo a eternidade (Ap 4.1) apresenta os sinais de bênçãos na história deste mundo.

Essas migalhas de vida, com a qualidade que aqui experimentamos e que aqui repartimos com toda e qualquer pessoa, demonstram o quão glorioso e maravilhoso será quando os filhos de Deus estiverem juntos na nova criação, vivendo em paz eterna, glorificando a Deus para sempre e vivendo em comunhão perfeita, numa vida completa, plena e realizada. A eternidade não é viver eternamente em um ócio angelical, mas, sim, viver para sempre realizado e pleno como pessoa humana diante de Deus. E isso com certeza não será um ócio entediante!

Apêndice:

O mosaico de Deus

Por Alexandre Milhoranza

Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino,
para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça.

Não há como conceber a ideia de fazer, pensar ou falar em teologia sem partir das Escrituras. Embora seja contestada, a produção teológica da Igreja tem como ponto de partida a Bíblia. A própria declaração de fé do *Credo Niceno-Constantinopolitano* está alicerçada no testemunho das Escrituras.

A partir do século XVIII a Bíblia passou pelo crivo do Iluminismo, no qual toda experiência humana passou a ser interpretada sob o ponto de vista racionalista e científico. Com a negação dos milagres, que, na visão dos cientistas, era a quebra de todo processo natural, e, ainda, com o surgimento das teorias literárias, a Bíblia já não era mais encarada como a revelação infalível e inerrante de Deus ao ser humano. Entretanto, a Bíblia não deve ser lida sob o ponto de vista científico em razão de uma postura anacrônica, uma vez que as vivências dos autores e destinatários dos documentos que compõem as Escrituras eram completamente diferentes da cosmovisão iluminista.

Baseados nos autores do Novo Testamento (Mt 19.7; Mc. 12.26; Jo 5.46; At 15.21; Rm 10.5), que admitiam a autoria mosaica do Pentateuco[273], podemos afirmar que a formação da Bíblia foi um processo que durou aproximadamente 1.500 anos, contando também todo processo que envolve a tradição oral, cujo tema central é a reconciliação que o Deus criador dos céus e da terra quer realizar com sua criação. Seria impossível que alguém tramasse um plano para escrever um livro desta natureza, pois seria como se vários autores escrevessem um capítulo de uma novela, sem ao menos saber o enredo todo, e no fim os capítulos escritos por todos esses autores fizessem algum sentido na mesma história! Portanto, podemos dizer que Deus se revelou ao homem por meio de homens. Contudo, o fato da Bíblia ter sido escrita por homens não invalida a autoridade divina e a inspiração a ela atribuída, pois, para o cristão, a Bíblia é a fonte de sua fé na existência e providência de Deus.

Em João 17.3, Jesus diz que a vida eterna é o conhecimento do Deus único e verdadeiro e de Jesus Cristo, o Seu enviado. O profeta Oséias (Os 4.6), muito tempo antes (século 8 a.C.), disse que o povo hebreu estava à beira da destruição por falta de conhecimento. Este conhecimento tinha como fonte a revelação de Deus, por meio dos profetas, que foi posteriormente registrada e compilada aos escritos mais antigos, originando, dessa maneira, o que conhecemos como o Antigo Testamento.

Os autores do Novo Testamento consideravam este conjunto de documentos como uma única obra, que, em última instância, tinha como autor o próprio Deus, obra esta intitulada "*a Lei e os Profetas*".[274] Essa é a coleção que Paulo diz

a Timóteo ser inspirada (2Tm 3.16), visto que o Novo Testamento ainda não existia como uma obra única e completa. Todavia, os textos do NT certificam que os documentos apostólicos eram lidos publicamente tal como os livros do Antigo Testamento (Cl 4.16; 1Ts 5.27; 1Tm 4.13; 2Pe 3.15 e Ap 1.3; 2.7, 11, 17, 29; 3.6, 13, 22; 22.18). O próprio apóstolo Pedro comparou a autoridade dos escritos de Paulo às demais escrituras (2Pe 3.15-16).[275]

Porém, o golpe mais recente que a Bíblia tem recebido vem do pós-modernismo. A questão gira em torno da existência de uma verdade absoluta. Esta é negada no mundo pós-moderno, pois, de acordo com esse pensamento filosófico, cada um pode ter seu próprio conjunto de verdades[276], sendo a Bíblia apenas mais um conjunto destes. Essas verdades do século 21 podem mudar e variar conforme a época e o espaço chocando-se com as afirmações bíblicas imutáveis. Portanto, passaremos a tratar sobre a declaração que a Bíblia faz de si mesma como Palavra de Deus, fonte da verdade.

A Bíblia revelada

Conforme afirmado anteriormente, a Bíblia trata sobre a restauração do relacionamento de Deus com sua criação, que se perdeu no Éden (cf. Gn3). A Bíblia afirma que parte da criação manifesta a glória de Deus (cf. Salmo 19), entretanto, essa característica da criação era insuficiente para mostrar ao homem a sua verdadeira condição moral e espiritual diante de Deus. Logo, era necessária uma revelação mais precisa e profunda para que o homem entendesse, em sua própria linguagem, o seu estado de separação de Deus a fim de que o seu relacionamento com o Criador pudesse ser restaurado.[277]

Para entendermos a necessidade da restauração do relacionamento entre Deus e sua criação é necessário admitirmos de antemão a realidade de Deus. Em virtude da infinidade da realidade de Deus só podemos conhecê-lo a partir do momento que ele mesmo se dá a conhecer.[278] Portanto, não seria possível ao ser humano o entendimento, mesmo parcial, a respeito de Deus se ele mesmo não tivesse se revelado de uma maneira compreensível, baseada em fatos históricos e esclarecidos à luz da fé.

Essa revelação inteligível de Deus começa antes mesmo do registro escrito das palavras dos profetas. Moisés havia ordenado que as palavras que ele dizia ao povo de Israel deveriam ser conservadas no coração e ensinadas às gerações futuras (Dt 6.6-7). Dessa passagem pressupõe-se a compreensibilidade dessas palavras e a tradição oral desses ensinamentos. É exatamente por esta razão que

a Bíblia foi reconhecida como Palavra de Deus, pois reconhece-se na Bíblia sua origem divina em virtude da origem divina das palavras dos profetas antes mesmo da palavra escrita. Portanto, a revelação de Deus não pode ser condensada apenas na palavra escrita, antes a palavra escrita está contida na revelação de Deus à humanidade.

A Bíblia inspirada

Os cristãos, ao longo dos séculos, têm sido desafiados a provar e apresentar as razões de suafé. (1Pe 3.15). Vamos então estudar as evidências da inspiração da Bíblia e o apoio à doutrina bíblica da inspiração. A doutrina da inspiração divina da Bíblia nos garante que Deus disse tudo que Ele nos teria dito pessoalmente.[279]

Não devemos confundir a inspiração da Bíblia com a inspiração poética. A inspiração da Bíblia diz respeito à autoridade dada por Deus para a Bíblia. A palavra que usamos para descrever inspiração significa “soprado por Deus”. É o processo no qual as Escrituras foram revestidas com a autoridade de Deus (2Tm 3.16-17). Isso significa que, embora os autores humanos tenham interpretado os eventos históricos de acordo com a revelação de Deus até aquele momento, o *insight* primário originou-se no próprio Deus.

A inspiração, como produto final, é o fenômeno sobrenatural, no qual homens movidos pelo Espírito Santo registraram as mensagens sopradas por Deus. Nesse processo, podemos distinguir uma causa divina, na qual Deus teve o desejo de se comunicar com o homem. A partir dessa intenção, homens movidos pelo Espírito Santo passaram a registrar essa mensagem, que, por fim, foi revestida da própria autoridade de Deus, quando os profetas começavam os oráculos com “Assim diz o Senhor”.

A primeira característica da inspiração, por ela ser escrita, é uma inspiração verbal, que não deve ser confundida com uma espécie de ditado realizado palavra por palavra, pois os profetas não foram simples robôs usados por Deus, mas cada um, no seu estilo literário e em sua cosmovisão, registrou as palavras dirigidos pelo Espírito Santo.[280]

Outra característica da inspiração é a totalidade desta inspiração, ou seja, a inspiração é plenária, nenhum trecho foge à inspiração divina. Podemos afirmar que o conceito da inspiração divina está restrito apenas aos originais, isto é, os papiros com o registro dos seus autores. Portanto, as cópias e manuscritos posteriores não estão sob a supervisão divina no sentido mais estrito do termo. Da mesma forma, nenhuma versão ou tradução pode ser considerada divinamente inspirada, conquanto creiamos no cuidado de Deus no correr da

história da transmissão dos textos sagrados. Além disso, a inspiração é inerrante, tudo quanto Deus disse é verdadeiro e isento de erros. Trataremos sobre a inerrância mais à frente.

A reivindicação da Bíblia quanto à sua inspiração

Não são os cristãos que atribuem à Bíblia inspiração divina, mas sim a própria Bíblia atribui a si mesma essa inspiração.[281] Percebemos isso tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, pois a expressão "Assim diz o Senhor" no Antigo Testamento enche suas páginas. Jesus e os autores do Novo Testamento atestaram com toda a força e convicção a certeza da inspiração divina do Antigo Testamento. Por sua vez, os escritos apostólicos foram citados, da mesma forma que o Antigo Testamento, sendo considerados divinamente inspirados. Cada livro do Novo Testamento reivindica inspiração divina. Cada escritor do Novo Testamento faz referência aos escritos de outros autores como sendo inspirados.

A igreja primitiva copiava e guardava esses escritos apostólicos juntos ao Antigo Testamento. Os pais da igreja primitiva atestaram a inspiração divina desses escritos. Logo, podemos verificar que, desde o surgimento da igreja, a Bíblia tem sido reconhecida como a mensagem de Deus para os homens.

Além da evidência interna da inspiração bíblica e da evidência histórica, temos ainda a evidência externa que o próprio Deus dá ao cristão por meio da ação do Espírito Santo. Ele garante que o leitor entenderá seu significado, pois Ele iluminará seu entendimento para a aceitação das verdades contidas na Bíblia.[282]

Portanto, o valor e eficácia da Bíblia para o cristão não está fundamentado naquilo que se conhece sobre seus escritores, nem sobre o processo de sua composição ao longo dos séculos, mas no poder de Deus que age no ser humano por meio de Sua Palavra.[283]

A Bíblia inerrante

Tendo como pressuposto a origem divina das Escrituras, infere-se que seu conteúdo é inerrante, uma vez que Deus não pode se contradizer e Seu pensamento possui ordem e consistência lógica.[284]

Sobre a inerrância, a Declaração de Chicago[285] afirma:

> Afirmamos que as Escrituras, tendo sido dadas por inspiração divina, são infalíveis, de modo que, longe de nos desorientar, são verdadeiras e confiáveis em todas as questões de que tratam. Afirmamos que, em sua totalidade, as Escrituras são inerrantes, estando isentas de toda falsidade,

fraude ou engano.[286]

Entretanto, o termo inerrância é desapropriado, pois se leva ao equívoco entre a forma na qual a Bíblia foi escrita e seu conteúdo. Por esta razão, têm-se havido debates acalorados entre os cristãos de linha ortodoxa e os menos conservadores. O cerne da controvérsia reside na flexibilidade que se dá aos termos empregados para a definição de inerrância. Eu concordo com Erickson, quando afirma que devemos especificar bem o que queremos dizer com o termo inerrância, do contrário abarcaremos todos os significados possíveis e o resultado será significado nenhum.[287]

Em primeiro lugar, a inerrância bíblica não pressupõe a inerrância dos escritores. Afirmamos que o produto final é inerrante e isso não quer dizer que os escritores fossem isentos de erros. Outra distinção importante é que a inerrância está restrita ao seu conteúdo e não necessariamente à sua forma. Isto é, a forma gramatical, literária ou mesmo o conhecimento histórico-científico dos escritores não devem ser submetidos ao padrão cultural, social ou científico do nosso tempo[288],pois, no que concerne à sua forma, a Bíblia contém certos erros. Brakemeier aponta algumas dessas incongruências quando afirma, por exemplo, que em Marcos 1:2 a atribuição ao profeta Isaías na verdade é de Malaquias (3.1). Em Marcos 2.26 lemos que Abiatar deu os pães sagrados a Davi, quando o livro de Samuel (1Sm 21.1-7) nos informa que foi o sacerdote Aimeleque.[289] A inerrância, portanto, abarca os fatos históricos de maneira geral e seu conteúdo didático e querigmático. Não devemos esperar uma exatidão precisa dos acontecimentos históricos nem uma linguagem científica formal, uma vez que os escritores não tinham à sua disposição o mesmo conhecimento obtido até os dias de hoje. Logo, se Jesus não ressuscitou, se não acalmou a tempestade no mar, se os muros de Jericó não caíram, se as Escrituras não apontam a justificação pela fé, o arrependimento dos pecados ou a vida eterna, a Bíblia estaria errada e seria falível.

Disso concluímos que Deus supervisionou cada um dos escritores, embora não tenha ditado cada uma das palavras escritas, exceto em alguns poucos casos, como por exemplo, os Dez Mandamentos (Ex 20.1), alguns dos oráculos de Jeremias (Jr 30.2), alguns trechos do Apocalipse (Ap 2.1; 2.8; 2.18; 3.1; 3.7; 3.14; 14.13; 19.9), dentre outros.

Outro aspecto que corrobora esta posição é que os atributos literários dos escritores foram preservados, isto é, cada um registrou as palavras divinas de uma forma distinta. Um bom exemplo pode ser obtido nos livros dos profetas Isaías, Miquéias, Oséias e Amós. Não obstante terem vivido no mesmo período

histórico (século 8 a.C.), cada um deles escreveu a partir de sua própria vivência, muito embora tenham presenciado os mesmos problemas sociais e dificuldades religiosas.

Assim, podemos afirmar que a Bíblia é um livro divino, em razão da revelação dada por Deus aos seus profetas; mas também um livro humano, em virtude das características sócio-literárias dos homens que a escreveram.

A importância da Bíblia para o cristão

Esta época está, conforme dito acima, caracterizada pela negação de toda verdade absoluta. E é justamente neste ponto que a Bíblia também se torna muito importante para o cristão. No fundo,todos buscam um porto seguro, um referencial. O cristão encontra na Bíblia este porto seguro, pois, embora tenha uma história milenar de compilação e produção, suas palavras permanecem como um farol que aponta a direção de chegada e também os perigos durante o trajeto.

Diante de tantas verdades que se contradizem a Bíblia dá ao cristão a oportunidade de se livrar das correntes do relativismo e ter esperança em meio a um mundo que perdeu o sentido e que não tem uma razão para viver.

Em virtude do padrão objetivo de verdade e justiça encontrado na Bíblia o cristão pode fazer a diferença em sua sociedade exigindo dos políticos, governantes e poderosos que sejam também justos, honestos e verdadeiros.[290]

A Bíblia, por ser a Palavra de Deus para nossa vida, deve ser aplicada a todas as áreas desta. Nosso trabalho, casamento, família, negócios, ética pessoal, trato social devem ser conformados aos ensinos bíblicos por serem os ensinos do próprio Deus.

Referências

ALBRIGHT, William; FREEDMAN, David N.*The Anchor Bible.*New York: Doubleday & Company, 1975.

ALEXANDER, D. P. (org.)*O mundo da Bíblia.*2. ed. São Paulo: Paulinas, 1985.

ALTHAUS, Paul. *Teologia de Martinho* Lutero. Canoas: ULBRA, 2008.

AQUINO, Rodrigo L. *O Publicano que virou Discípulo*. Disponível em <http://bibotalk.com.br/site/reflexoes/o-publicano-que-virou-discipulo-2>

ARCHER, Gleason L. *Merece confiança o Antigo Testamento?* 4. Ed. São Paulo: Vida Nova, 1986.

BARBOSA, R. *O caminho do coração*: ensaios sobre a Trindade e a espiritualidade cristã. 5. Ed.

Curitiba: Encontro, 2004.

BARTH, Karl. *Credo:* comentário ao credo apostólico. São Paulo: Novo Século, 2003.

BARTH, Karl. *KirchlicheDogmatik.* Vol II/1.München, Siebenstern, 1965.

BECKER, Judith. Was istKirche – Reformiert. Göttingen: Hannoveraner Initiative EvangelischesKirchenrecht, 2007. Disponível em: <http://www.ekd.de/kirchenrechtliches_institut/download/HIEK1_Becker.pdf>.

BERKHOF, L. *Teologia sistemática.*São Paulo: Cultura Cristã: São Paulo, 2007.

BETZ, Hans Dieter, et ali (orgs.). *Religion in Geschichte und Gegenwart (RGG^4).*4. Ed. Tübingen: Mohr Siebeck, 2004

BEUKEN, Willem A. M. *Jesaja 1-12.* Freiburg: Herder, 2003.

Bíblia Shedd. São Paulo: Vida Nova. 1997.

BONHOEFFER, Dietrich. *Sanctorum Communio*. EinedogmatischeUntersuchungzurSoziologie der Kirche.München, 1969.

BONHOEFFER, Dietrich. *Wiederstand und Ergebung*.Briefe und Aufzeichnungenaus der Haft.München, 1949.

BOOR, Werner de. *Carta aos Coríntios*: comentário esperança. Curitiba: Esperança, 1999.

BOOR, Werner. *Atos dos Apóstolos*: comentário esperança. Curitiba: Esperança, 2000.

BRAATEN, C. E.; JENSON, R. W. *Dogmática cristã*. 2. Ed. São Leopoldo: Sinodal, 2002. 2 vol.

BRAKEMEIER, G. *O ser humano em busca de identidade*: contribuições para uma antropologia teológica. São Leopoldo: Sinodal: São Paulo: Paulus. 2002.

BRAKEMEIER, Gottfried. *A autoridade da Bíblia*: controvérsias, significado, fundamento. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

BULTMANN, R.*Jesus*. São Paulo: Teológica, 2005.

CABRAL, E. *Lições bíblicas*: o que é o batismo com o Espírito Santo. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

CAIRNS, E. E. *Cristianismo através dos séculos:* uma história da igreja cristã. São Paulo: Vida Nova, 1995.

CAMPOS, Heber C. de, *A pessoa de Cristo:* as duas naturezas do Redentor. São Paulo: Cultura Cristã, 2004. (Coleção Fé Evangélica)

CAMPOS, Heber C. de. *A união das naturezas de Cristo.* São Paulo: Cultura Cristã, 2004. (Coleção Fé Evangélica)

COLLINS, F. S. *A linguagem de Deus:* um cientista apresenta evidências de que Ele existe. 4. ed. São Paulo: Gente, 2007.

COMBLIN, José. *Os desafios da cidade no século XXI.* São Paulo: Paulus, 2003.

COMBLIN, José. *Teologia da Missão*. Petrópolis: Vozes, 1973.

CONFISSÃO DE AUGSBURGO. Disponível em: <http://www.teologia.org.br/estudos/confissao_de_augsburgo.pdf>

CONFISSÃO DE FÉ DE *LA ROCHELLE.* Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/credos/Confissao_Franca_Rochelle.pdf>

COSTA, Hermisten. *Pietismo:* um desafio à piedade e à teologia. In: Fides Reformata 4/1, 1999.

CRANFIELD, C.E.B. *Comentário de Romanos*. São Paulo: Vida Nova, 2005.

DOUGLAS, J. D. *O novo dicionário da Bíblia*. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.

DREHER, M.; RIETH, E.W.; WACHHOLZ, W. *Somente Deus:* quatro princípios para a vida. São Leopoldo: Sinodal, 2009.

DREHER, Martin N. *Coleção história da Igreja*: a igreja no Império Romano. São Leopoldo*:*Sinodal, 2004.

DUNN, J. *A teologia do apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulus, 2003.

DUNN, James. *The Theology of Paul the Apostle.*London: T&T Clark, 2003.

ERICKSON, Millard J. *Introdução à teologia sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1997.

FEE, G. *Paulo, o Espírito e o povo de Deus*. São Paulo: United Press, 1997.

FEE, Gordon.*The First and Second Letters to the Thessalonians.*Grand Rapids: W.B. Eerdmans, 2009.

FERREIRA, F.; MYATT, A. *Teologia sistemática:* uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual. São Paulo: Vida Nova, 2007.

FOHRER, G.; SELLIN E. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Academia Cristã: Paulus, 2007.

FOULKES, F. *Efésios:* introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1963.

GALLING, Kurt (Ed.). *Die Religion in Geschichte und Gegenwart (RGG^3).*3. Ed. Tübingen: MohrSiebeck, 1961.

GEORGE, T. *Teologia dos reformadores*. São Paulo: Vida Nova, 1993.

GOPPELT, Leonhard. *Teologia do Novo Testamento.* 3. Ed. São Paulo: Teológica: Paulus, 2003.

GRUDEM, Wayne (org.). *Coleção Debates Teológicos*: cessaram os dons espirituais? Quatro pontos de vista. São Paulo: Vida, 2003.

GRUDEM, Wayne. *Teologia sistemática:* atual e exaustiva. São Paulo: Vida Nova, 1999.

GRÜN, Anselm. *Os dez mandamentos*: orientações para uma vida feliz. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

GRÜNZWEIG, F; HOLMER, U; DE BOOR, W. *Cartas de Tiago, Pedro, João e Judas*: comentário esperança. Curitiba: Esperança, 1999.

HÄGGLUND, Bengt. *História da teologia*. 7. ed. Porto Alegre: Concórdia, 2003.

HAHN, E. *Carta aos Efésios, Filipenses e Colossenses*: comentário esperança. Curitiba: Esperança, 2006.

HALE, Broadus David. *Introdução ao estudo do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: JUERP, 1983.

HARBIN, Byron. *O Espírito Santo - Na Bíblia, na história, na igreja*. Rio de Janeiro: JUERP, 1995.

HÄRLE, Wilfried. *Dogmatik.* 4. Ed. Berlin, De Gruyter, 2012

HAWTHORNE, G.F.; MARTIN, R.P.; REID, D.G. (orgs.)*Dicionário de Paulo e suas cartas.* São Paulo: Vida Nova: Paulus: Loyola, 2008.

HOEKEMA, Anthony A. *A Bíblia e o futuro.* São Paulo: Casa Ed. Presbiteriana, 1989.

HORTON, S. (Edi) *Teologia sistemática:* uma perspectiva pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

HULME, William E. *Dinâmica da santificação*. 2. Ed. São Leopoldo: Sinodal, 1981.

JENSEN, Richard A. *O toque do Espírito*. São Leopoldo: Sinodal, 1985.

JEREMIAS, J. *A mensagem central do Novo Testamento*. São Paulo: Academia Cristã, 2005.

KEHL, Medard. *Eschatologie.*Würzburg: Echter, 1988.

KESSLER, Rainer. *Micha.*Freiburg: Herder, 1999.

KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard.*Theological Dictionary of the New Testament.*Electronical Abridged Edition. W. B. Eerdmans Publishing Company, 1977.

KRAUSE, Gerhard, MÜLLER, Gerhard (ed.). *TheologishceRealenzyklopädie (TRE).* Berlin: de Gruyter, 1979.

KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. 7. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

LADD, G. E. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: 2003.

LAUBACH, Fritz. *Carta aos* Hebreus: comentário esperança. Curitiba: Esperança, 2000.

LEONHARDT, Rochus. *GrundinformationDogmatik.* 4. Ed. Göttingen: Vandenhoeck&Ruprecht, 2009.

LETHAM, R.*A obra de Cristo*. Série teologia cristã. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

LEUENBERGER KIRCHENGEMEISCHAFT. *Die KircheJesu Christi*: Der reformatorischeBeitrag zum ökumenischenDialogüber die kirchlicheEinheit, Wien-Leinz, 1994.

LEWIS, C. S. *Um ano com C. S. Lewis.* Viçosa: Ultimato, 2005.

LIVRO DE CONCÓRDIA. 5. Ed. São Leopoldo: Sinodal, Porto Alegre: Concórdia: 1997.

LLOYD-JONES, Martyn. *Grandes doutrinas bíblicas*: a igreja e as últimas coisas. São Paulo: PES, 1999.

LOURENÇO, Adalto. *Conhecendo Deus para adorá-lO*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=m3zcOLbyQc4>

LUTERO, Martinho. *Martinho Lutero:*obras selecionadas, v.1, os primórdios – escritos de 1517 a 1519. 2. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

LUTHER, Martin. *Martin LuthersWerke(WA).* 120 Vols. Weimar, Metzler, 2000-2007.

MATOS, Alderi de Souza. *O sacerdócio universal dos fiéis.* Disponível em: <http://www.mackenzie.br/6967.html>.

MENZIES, W. W.; MENZIES, R. P. *No poder do Espírito:* fundamentos da experiência pentecostal: um chamado ao diálogo. São Paulo: Vida, 2002.

MILLER, ED. L.; GRENZ, S. J. *Teologias contemporâneas*. São Paulo: Vida Nova, 2001.

MOLTMANN, Jürgen. *A Common Earth Religion*: World Religion in an Ecological Perspective In: The Ecumenical Review 63/1. Genebra: WCC, 2011.

MORELAND, J. P.; REYNOLDS, J. M. *Criação e evolução.* São Paulo: Vida, 2006.

MÜHLING, Markus. *GrundinformationEschatologie.* Göttingen: Vandenhoeck&Ruprecht, 2007.

NICODEMUS, A. *O pecado para a morte e a blasfêmia contra o Espírito Santo*. Disponível em <http://tempora-mores.blogspot.com.br/2013/08/o-pecado-para-morte-e-blasfemia-contra.html>.

NICODEMUS, Augustus. *Cheios do* Espírito. São Paulo: Vida, 2007.

NIEBUHR, Richard H. *Cristo e a Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

OLSON, R. *História da teologia cristã:* 2000 anos de tradição e reformas. São Paulo: Vida, 2001.

PANNENBERG, Wolfhart, *RepetitoriumDogmatik*, München, 1991. (Material não publicado).

PANNENBERG, Wolfhart. *SystematischeTheologie*. Göttigen: Vandenhoeck&Ruprecht, 1993.

PANNENBERG, Wolfhart. *Teologia sistemática*. Vol. I. Madrid: UPCO, 1992.

PETERSON, Eugene *A maldição do Cristo genérico*: a banalização de Jesus na Espiritualidade atual. São Paulo: Mundo Cristão, 2007.

PETERSON, Eugene. *Memórias de um pastor*. São Paulo, Mundo Cristão, 2011.

PINTO, Homero Severo (org.). *Missão de Deus - Nossa paixão: Texto base para o plano de Ação Missionária da IECLB 2008-2012.* São Leopoldo: Sinodal, 2008.

POHL, Adolf. *Carta aos romanos:* comentário esperança. Curitiba: Esperança, 1999.

POHL, Adolf. *Die Offenbarung des Johannes: 2. Teil (Kapitel 8-22).* Berlin: EvangelischeHaupt-Bibelgesellschaft, 1974.

SAYÃO, L. Os significados dos nomes de Deus. Disponível em <http://www.prazerdapalavra.com.br/colunistas/luiz-sayao/3889--o-significado-dos-nomes-de-deus-luiz-sayao.html>.

SCHMIDT, Werner H. *A fé do Antigo Testamento.* São Leopoldo: Sinodal, 2004.

SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (org.). *Teologia prática no contexto da América Latina*. São Leopoldo: Sinodal, São Paulo: ASTE, 1998.

SCHWAMBACH, Claus. A ressurreição dos mortos. (Apostila do Seminário de Aprofundamento Histórico-Sistemático). São Bento do Sul: FLT, 2008. (Material não publicado).

STAHLHOEFER, Alexander B. *Bíblia Freestyle*: oportunidades e dificuldades na contextualização do texto bíblico, In*:*Azusa: Revista de Estudos Pentecostais. Vol. 4, N. 02. Joinville: Refidim, 2013.

STAHLHOEFER, Alexander B. *Exegese, o quê?* Disponível em: <http://bibotalk.com.br/site/reflexoes/exegese-o-que>.

STOTT, J. *A Bíblia toda o ano todo*: meditações diárias de Gênesis a Apocalipse. Viçosa: Ultimato, 2007.

STOTT, J. *A mensagem de Atos*: até os confins da terra. São Paulo: ABU, 2003.

STOTT, J. *Batismo e plenitude do Espírito Santo*. São Paulo: Vida Nova, 1986.

STOTT, John. *O discípulo radical*. Viçosa: Ultimato, 2011.

STRONG, Augustus Hopkins. *Systematic theology*: a compendium designed for the use of theological students. Domínio Público, 1903.

THIELICKE, H. (Coord.) *Crer:* informações sobre a fé. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

VALE, Inácio J. *Monasticismo oriental e ocidental*. Disponível em: <http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/monaquismo/monasticismo_oriental_e_ocidental.html>

VIOLA, Frank. *Cristianismo pagão*. Abba Press, 2005.

WALTON, R. C. *História da igreja em quadros*. São Paulo: Vida, 2000.

WELKER, Michael. *O Espírito de Deus:* teologia do Espírito Santo. São Leopoldo: Sinodal, 2010.

Apoiadores Culturais*

Abnaldo Gomes Moreno Junior
Abner MelaniasValdevino
Adriana EmiBuchlerOtakara
Agnes Caroline Trindade Kochhann
Alan BrescianiColleBettini de Albuquerque Lins
Alex Silva
Alexfábio Custódio da Silva
Aline de Souza Cruz
Altamir Uelington Viana Paes
Amanda Salles Vilhagra
Amauri Baldine
Ana Cristina Machado

Ana Paula PasqualinTokunaga
André Zacarias de Aleluia
Anna Louise Voigt
Antenor Henrique Trianon de Souza
Armando Andre Fonseca de Oliveira
Arthur de Camargo
Bruno Dutra
Bruno Martinelli dos Santos
Bruno Toledo Ribeiro
Caio Silva dos Santos
Camila do Nascimento Freitas
Camilla Fukunaga
Carla Mara da Cunha Gomes
Cléberson Lopes Maciel
CleristonAraujoChiuchi
Daniel Fonseca Alves
Daniel Martins da Silvs
Davi Andre da Silva
Diego Belo Rodrigues
Diego de Azevedo Souza
Diego Rocha Chagas
Edimar Jose
Eduardo P. Santos
Eduardo PaglioniSalama
Elias Adam Nascimento
Emerson Davi Escobar Vieira
Erick Santin
Erik de Oliveira
Erlan Pereira Frade Tostes
Evandro S. Castro
Evilásio Tenório da Silva Junior
Fabiano Alves de Andrade
Felipe Martins Pires
Felipe Moreira Do Nascimento
Felipe Rodrigues Leitão
Fernando Moraes Oliveira
Flavio Gabriel Duarte
Flavio Maciel Lins
Frederico Mottinha de Figueiredo
Gederson Pereira de Oliveira
GleidistoneAntonio da Silva
Guilherme Almeida da Silva
Guilherme Caixeta Mota
Guilherme Granzotto Lemos
Gustavo Borges Lugoboni
Hebertty Vieira Dantas
Hélcio Vitor Pandini Siqueira
HendyTisserant Rodrigues
Henrique Ferreira
Iury Patrick Alfaia de Magalhães

Jaqueline Lima Vieira
Jeferson Miranda
Jefferson Henrique Fernandes Rodrigues
João Antônio Araújo Cruz
João Henrique de Sousa
João Paulo Aniceto Camurça
João Paulo Gomes Alledo
Joaquim Avelino Júnior
Jonas Gustavo Radünz
Jose Carlos da Silva
JourdanLinder
Juliana Mendes Gomes
Juliano Castilho Pedro
Leandro Vaufran Esteves
Leandro Vieira
Leilane Loubet Cesar
Leocadio L. G. Dantas
Leonardo de Mello Fagundes
Leonardo Matthis Fischer
Leopoldo Teixeira
Lucas Oliveira Maria Santos
Luciano Guimarães
Luciene Pinto Pimentel
Luiz Carlos de Rangel Paes Barreto
Luiz Fernando dos Santos Nunes
Luiz Renato de Oliveira Périco
Luiz Sérgio de Assumpção
Mendonça
Marcelo Dutra
Márcia Pereira de Lima
Marcio Cesar Bastos Guimarães
Marcos Paulo Morale Teixeira
Maria Amelia do RosarioIrala
Maria de Fátima dos Santos Silva Moreira
Mariana Rosa Ribeiro
Mariana Steffens
Mariana Tarkany Oliveira
Matheus Borçari Santana
Michael David Noardo
Nazaro Menezes de Brito
Norton Luís Ioris
Olavo Cortez Cezário
Paloma Da Silva Oliveira
Paulo Henrique de Oliveira Sa
Paulo Henrique dos Santos Gularte
Paulo Pimentel de Morais
Pedro Angella Neto
Pedro Calixto Alves de Lima
Pedro Henrique Dias de Oliveira
Raphael Porto

Renan Yoshima
Renato Araujo dos Santos
Ricardo V. C. M. Leal
Rodrigo Araujo da Silva
Rodrigo S. Galvão
Rodrigo Tamasiro Baptista de Paula
Rogerio Souza da Silva
Roney Gledson da Silva
Samuel de Oliveira Junior
Samuel Rosa Ribeiro
Sarita Salvador de Assis dos Santos
Saverio Bruno Junior
Severino José de Brito Neto
Soellyn Cristina de Oliveira Francisco
Thiago Henrique Pires PastoriZambon de Mendonça
Thiago Ibrahim de Souza Paz
Tiago Alves
Tobias Schroeder
Tomás Batista Silveira
Vanessa Ilse Maria
Victor Sivla Mendes
Wagner Marinho
Wagner Martins dos Santos
Washington Lima
WeinneWillan Moreira Santos
Wellington Silva de Oliveira
Willian Rochadel
Yane Wanderley

Notas

[←1]

Num livro de história da igreja procure ler sobre os polemistas e apologistas; fique atento a essas notas de rodapé, pois ao longo dos capítulos são mencionadas boas referências.

[← 2]

Grosso modo, *ortodoxia* pode ser definida como as crenças que estão em conformidade com a doutrina histórica estabelecida pela Igreja, nos concílios ecumênicos e o consenso básico da Reforma Protestante.

[← 3]

DREHER Martin N. *Coleção história da Igreja*: a igreja no Império Romano. São Leopoldo*:* Sinodal,2004. v. 1. p. 68.

[←4]

CAIRNS, E. E. *Cristianismo através dos séculos:* uma história da igreja cristã. São Paulo: Vida Nova, 1995. p. 108.

[←5]

Confira a entrevista que fiz com ele no blog www.bibotalk.com.br. ÁudioPost #04 – A Importância da História para o Cristão.

[←6]

DREHER, 2004. *v. 1*.p. 63.

[← 7]

… e o tradicionalismo é a fé morta dos que vivem.

[←8]

Para conhecer mais sobre os concílios universais, indico como obra introdutória à história do cristianismo o livro de Earle E. CAIRNS, *Cristianismo através dos séculos:* uma história da igreja cristã. São Paulo: Vida Nova, 1995.

[←9]

CAIRNS, 1995. p. 107-08.

[← 10]

O *arianismo* está vivo até hoje, de certa forma, na cristologia das Testemunhas de Jeová.

[← 11]

OLSON, R. *História da teologia cristã:* 2.000 anos de tradição e reformas. São Paulo: Vida, 2001. p. 193.

[← 12]

OLSON, 2001. p. 162-63. Menciono também o *Credo de Atanásio*, “elaborado” por esse defensor da fé, após o concílio de Nicéia. Nele, Atanásio discorre sobre grandes mistérios da divindade, da Trindade de pessoas em um só Deus e da dualidade de naturezas de um único Cristo com muita propriedade. Se quiser conferir, acesse < http://www.monergismo.com/textos/credos/credoatanasio.htm>. Para saber um pouco mais sobre Atanásio e o Concílio de Nicéia, ouça o #BTCast 007 – Atanásio contra o Mundo < http://bibotalk.com.br/site/podcast/atanasio-contra-o-mundo>.

[← 13]

Adaptado de WALTON, R. C. *História da igreja em quadros*. São Paulo: Vida, 2000. Quadro 18.

[← 14]

Aqui coloco de propósito um plural depois de um artigo indefinido singular, pois estou fazendo uma referência à Trindade.

[← 15]

FERREIRA, F.; MYATT, A. *Teologia sistemática:* uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual. São Paulo: Vida Nova, 2007. p. 61-62.

[← 16]

Calvino citado por FERREIRA, 2007. p. 61-62.

[← 17]

Confissão de Fé de *La Rochelle.* Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/credos/Confissao_Franca_Rochelle.pdf> Acesso em: 31 Dez 2012.

[← 18]

BARTH, Karl. *Credo:* comentário ao credo apostólico. São Paulo: Novo Século, 2003.p. 32.

[← 19]

SPONHEIM, Paul R. In*:* BRAATEN, C. E.; JENSON, R. W. *Dogmática cristã*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2002. v. 1. p. 210.

[← 20]

JOYNER, R. E. *O Deus verdadeiro* In: HORTON, S. (Edi) *Teologia sistemática:* uma perspectiva pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 1996. p. 141.

[← 21]

MOTYER, J.A. Os nomes de Deus In: ALEXANDER, D. P. (org.) *O mundo da Bíblia*. 2. ed. *São Paulo: Paulinas, 1985*. p. 157-58. E também SAYÃO, L. Os significados dos nomes de Deus. Disponível em <http://www.prazerdapalavra.com.br/colunistas/luiz-sayao/3889--o-significado-dos-nomes-de-deus-luiz-sayao.html> Acesso dia 1° de Jan de 2013.

[← 22]

JOYNER, 1996. p. 141. O primeiro podcast que lancei na internet trata da revelação do nome de Deus e do abuso do mesmo. BTCast 001 disponível no blog www.bibotalk.com.br < http://bibotalk.com.br/site/?p=247>.

[← 23]

MOTYER, 1985. p. 157-58.

[← 24]

SCHMIDT, Werner H. *A fé do Antigo Testamento.* São Leopoldo: Sinodal, 2004. p. 104.

[←25]

BULTMANN, R.*Jesus*. São Paulo: Teológica, 2005. p. 144.

[← 26]

LADD, G. E. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2003. p. 575.

[←27]

HEFNER, P. L. In*:* BRAATEN, 2002. v. 1. p. 278.

[← 28]

WISEMAN, D. J. criação In: DOUGLAS, J. D. *O novo dicionário da Bíblia*. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. p. 344.

[← 29]

WISEMAN, D. J. Criação In: DOUGLAS, 1995. p. 344.

[← 30]

Indico o livro *Criação e Evolução*, dos organizadores J. P. Moreland e John Mark Reynolds, editora Vida e também o site www.criacionismo.com.br. Sem contar que no YouTube você encontra palestras interessantes acerca dessa discussão. Procure por darwinismo hoje. Busque também o programa Academia em Debate, que tratou várias vezes o assunto. Indico o programa com o químico Marcos Eberlin (https://www.youtube.com/watch?v=IKolQksHT6U), ou palestras do Adauto Lourenço, que sempre trata dos assuntos relacionados à ciência e à fé.

[← 31]

COLLINS, F. S. *A linguagem de Deus:* um cientista apresenta evidências de que Ele existe. 4. ed. São Paulo: Gente, 2007. p. 158-59.

[← 32]

FERREIRA, 2007. p. 272.

[← 33]

COLLINS, 2007. p. 75.

[← 34]

HÄGGLUND, Bengt. *História da Teologia*. 7. ed. Porto Alegre: Concórdia, 2003. p. 57ss.

[← 35]

O credo leva o nome de Atanásio, grande articulista do Concílio de Nicéia, porque na verdade expressa suas ideias, mas não foi escrito totalmente por ele. Para ler na íntegra, acesse < http://www.monergismo.com/textos/credos/credoatanasio.htm>.

[← 36]

Retirado de BRAATEN, C. E.; JENSON, R. W. *Dogmática cristã*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2002. v. 1. p. 162.

[←37]

CAIRNS, 1995. p. 92.

[← 38]

McROBERTS, Kerry D. In*:* HORTON, Stanley M. *Teologia sistemática*: uma perspectiva pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 1996. p. 159.

[← 39]

Iahweh ou SENHOR.

[←40]

FERREIRA, 2007. p. 175.

[←41]

FERREIRA, 2007. p. 176.

[←42]

Thomas Oden In: FERREIRA, 2007. p. 177.

[←43]

Barth In: PETERSON, Eugene *A maldição do Cristo genérico*: a banalização de Jesus na espiritualidade atual. São Paulo: Mundo Cristão, 2007. p. 59.

[← 44]

BRAATEN, 2002. v. 1. p. 155.

[←45]

LOURENÇO, Adalto. *Conhecendo Deus para adorá-lO*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=m3zcOLbyQc4> Acesso em: 10 Jan 2013.

[← 46]

LADD, G. E. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2003. p. 217.

[←47]

Palavra carinhosa para pai em aramaico.

[←48]

Segundo Ladd o texto pode ser traduzido dessa forma. p. 217.

[← 49]

BARBOSA, R. *O caminho do coração*: ensaios sobre a Trindade e a espiritualidade cristã. 5. Ed. Curitiba: Encontro, 2004. p. 145.

[← 50]

JEREMIAS, J. *A mensagem central do Novo Testamento*. São Paulo: Academia Cristã, 2005. p. 27;31.

[← 51]

PACKER citado por BARBOSA, 2004. p. 149.

[←52]

Para fixação desse tópico indico o #BTCast 041 – Encarnação, disponível no blog bibotalk.com.br.

[← 53]

CAMPOS, Heber C. de, *A pessoa de Cristo:* as duas naturezas do Redentor. São Paulo: Cultura Cristã, 2004. p. 102. *Coleção Fé Evangélica*.

[← 54]

STOTT, J. *A Bíblia toda o ano todo*: meditações diárias de Gênesis a Apocalipse. Viçosa: Ultimato, 2007. p. 144.

[←55]

STOTT, 2007. p. 144.

[← 56]

Nesses textos *carne* representa o ser humano, matéria sólida.

[← 57]

PACKER, J. I. *encarnação* In: DOUGLAS, 1995. p. 499.

[← 58]

Explico aqui, inclusive, que Jesus só pôde ser tentado devido à Sua natureza humana. Foi tentado, mas não pecou e nem pecaria, pois também é Deus.

[← 59]

CRANFIELD, C.E.B. *Comentário de Romanos*. São Paulo: Vida Nova, 2005. p. 135; 169-70.

[← 60]

Teoria da Recapitulação é o nome que os historiadores da teologia deram à exposição de Irineu. Ele usava o termo grego *anekephalaiosis*, que provém da raiz *kephalé – cabeça*. *Anekephalaiosis* e *recapulatio* significam, literalmente, reencabeçar. OLSON, 2001. p. 72.

[←61]

OLSON, 2001. p. 74-75.

[←62]

LEWIS, C. S. *Um ano com C. S. Lewis.* Viçosa: Ultimato, 2005. p. 398.

[←63]

Do grego *hypostasis* que significa natureza.

[←64]

CAMPOS, Heber C. de. *A união das naturezas de Cristo.* São Paulo: Cultura Cristã, 2004. 18-19. Coleção Fé Evangélica.

[←65]

CAMPOS, 2004. P. 111-113.

[←66]

STOTT, J. *A cruz de Cristo*. São Paulo: Vida, 1991. p. 14-15.

[←67]

WHEATON, D. H. crucificação In: DOUGLAS, J. D. O novo dicionário da Bíblia. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. 378-379. Lembrando que Jesus não teve as pernas quebradas, pois já estava morto quando os soldados fizeram isso com os presos; Ele sofreu apenas o golpe de misericórdia (Jo 19.36).

[←68]

THIELICKE, H. (Coord.) *Crer:* informações sobre a fé. São Leopoldo: Sinodal, 2007. p. 78.

[←69]

Almeida revista e atualizada.

[← 70]

Bíblia Shedd. São Paulo: Vida Nova. 1997. p. 1478.

[← 71]

BRAKEMEIER, G. *O ser humano em busca de identidade*: contribuições para uma antropologia teológica. São Leopoldo: Sinodal: São Paulo: Paulus. 2002. p. 58.

[← 72]

ALTHAUS, Paul. *Teologia de Martinho* Lutero. Canoas: ULBRA, 2008. p. 161-63.

[← 73]

DUNN, J. *A teologia do apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulus, 2003. p. 99.

[← 74]

MILLER, ED. L.; GRENZ, S. J. *Teologias contemporâneas*. São Paulo: Vida Nova, 2001. p. 37-39.

[← 75]

O BTCast #059 trata sobre a doutrina do pecado. Procure no blog, no menuBTCast, a série Antropos, que se propõe a analisar o ser humano na perspectiva bíblica.

[← 76]

MORRIS, L. L. *Redentor* In: DOUGLAS, 1995. p. 1372-73.

[← 77]

PECOTA, D. B. A obra salvífica de Cristo. In: HORTON, 1996. p. 352.

[← 78]

Se quiser conhecer melhor esse reformador, escute o BTCast #015. Disponível em: < http://bibotalk.com.br/site/podcast/btcast-015-lutero>.

[← 79]

STEINMETZ citado por OLSON, 2001. p. 386.

[←80]

LUTERO citado por GEORGE, T. *Teologia dos reformadores*. São Paulo: Vida Nova, 1993. p. 64.

[←81]

DREHER, M. Somente Cristo. In: DREHER, M.; RIETH, E.W.; WACHHOLZ, W. *Somente Deus:* quarto princípios para a vida. São Leopoldo: Sinodal, 2009. p. 14.

[←82]

CRANFIELD, 2005. p. 84.

[←83]

HÄGGLUND, B. *História da teologia*. 7. Ed. Porto Alegre: Concórdia, 2003. p. 192.

[←84]

JEREMIAS, J. *A mensagem central do Novo Testamento*. São Paulo: Academia Cristã, 2005. p. 67-72.

[←85]

HÄGGLUND, 2003. p. 192.

[←86]

LUTERO citado por GEORGE, 1993. p. 71.

[←87]

LETHAM, R.*A obra de Cristo*. Série teologia cristã. São Paulo: Cultura Cristã, 2007. p. 178.

[←88]

GEORGE, 1993. p. 74.

[←89]

LUTERO citado por ALTHAUS, 2008. p. 42.

[←90]

FERREIRA, 2007. p. 612.

[←91]

LUTERO, Martinho. *Martinho Lutero:*obras selecionadas, v.1, os primórdios – escritos de 1517 a 1519. 2. São Leopoldo: Sinodal, 2004. p. 50.

[←92]

ERICKSON, Millard J. *Introdução à teologia sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1997. p. 314.

[←93]

Hermisten Maia In: FERREIRA, 2007. p. 642.

[←94]

Mateus como ex-publicano não tinha muitas opções, não poderia voltar à sua antiga vida. Entenda melhor lendo meu texto *O Publicano que virou Discípulo*. Disponível em <http://bibotalk.com.br/site/reflexoes/o-publicano-que-virou-discipulo-2> Acesso em 12 set 2013.

[←95]

Ou no dia seguinte ao da preparação.

[←96]

HOLMER, Uwe. In: GRÜNZWEIG, F; HOLMER, U; DE BOOR, W. *Carta de Tiago, Pedro, João e Judas*: comentário esperança. Curitiba: Esperança, 1999. p. 142-43.

[←97]

POHL, Adolf. *Carta aos Romanos:* comentário esperança. Curitiba: Esperança, 1999. p. 88-89.

[←98]

POHL, 1999, P. 88-89.

[←99]

DUNN, 2003. p. 282.

[← 100]

GRUDEM, Wayne. *Teologia sistemática:* atual e exaustiva. São Paulo: Vida Nova, 1999. p. 515.

[← 101]

Se você não sabe o que é exegese, leia o texto do Alex: *Exegese, o quê?* Disponível em: <http://bibotalk.com.br/site/reflexoes/exegese-o-que> Acesso 28 Out 2013.

[← 102]

DUNN, 2003. p. 283.

[← 103]

BOOR, Werner de. *Carta aos Coríntios*: comentário esperança. Curitiba: Esperança, 1999. p. 247.

[← 104]

ERICKSON, 1997. p. 315.

[← 105]

FERREIRA, 2007. p. 686.

[← 106]

ERICKSON, 1997. p. 344.

[← 107]

NICODEMUS, Augustus. *Cheios do* Espírito. São Paulo: Vida, 2007. p. 17.

[← 108]

JENSEN, Richard A. *O toque do Espírito*. São Leopoldo: Sinodal, 1985. p. 93.

[← 109]

PACKER In: FERREIRA, 2007. p. 817.

[← 110]

FERREIRA, 2007. p. 818.

[← 111]

Parte desse tópico e do tópico sobre santificação já foram anteriormente publicados no livro da EPOS, um curso para obreiros oferecido pela Faculdade Refidim.

[← 112]

BERKHOF, L. *Teologia sistemática.*São Paulo: Cultura Cristã: São Paulo, 2007. p. 429.

[← 113]

FERREIRA, 2007. p. 807.

[← 114]

ERICKSON, 1997. p. 399.

[← 115]

ERICKSON, 1997. p. 399.

[← 116]

FERREIRA, 2007. p. 808.

[← 117]

OWEN, John. In: FERREIRA, 2007. p. 808.

[← 118]

FERREIRA, 2007. p. 808-809.

[← 119]

ERICKSON, 1997, p. 400.

[← 120]

GRUDEM, 1999. p. 587.

[← 121]

FERREIRA, 2007. p. 808-809. Cf. Também GRUDEM, 1999. p. 584-85.

[← 122]

BERKHOF, 2007. p. 435.

[← 123]

STRONG In: HORTON, 1996. p. 407.

[← 124]

ERICKSON, 1997. p. 418.

[← 125]

FERREIRA, 2007. p. 858. (grifo nosso)

[← 126]

BERKHOF, 2007. p. 488-89.

[←127]

GRÜN, Anselm. *Os dez mandamentos*: orientações para uma vida feliz. Rio de Janeiro: Vozes, 2007. p. 13.

[← 128]

FERREIRA, 2007. p. 860.

[← 129]

ERICKSON, 1997. p. 353.

[← 130]

BERKHOF, 2007. p. 489.

[← 131]

FERREIRA, 2007, p. 862.

[← 132]

ERICKSON, 1997. p. 418.

[← 133]

GRUDEM, 1999. p. 624.

[← 134]

ERICKSON, 1997. p. 421.

[← 135]

HULME, William E. *Dinâmica da santificação*. 2. Ed. São Leopoldo: Sinodal, 1981. p. 107.

[← 136]

HULME, 1981. p. 114

[←137]

STOTT, John. *O discípulo radical*. Viçosa: Ultimato, 2011. p. 10.

[← 138]

LAUBACH, Fritz. *Carta aos Hebreus*: comentário esperança. Curitiba: Esperança, 2000. p. 210.

[← 139]

JENSEN, 1985. p. 92.

[← 140]

FERREIRA, 2007. p. 874.

[← 141]

GRUDEM, 1999. p. 530.

[← 142]

HARBIN, Byron. *O Espírito Santo - na Bíblia, na história, na igreja*. Rio de Janeiro: JUERP, 1995. p. 18.

[← 143]

BOOR, Werner. *Atos dos apóstolos*: comentário esperança. Curitiba: Esperança, 2000. p. 26.

[← 144]

STOTT, J. *Batismo e plenitude do Espírito Santo*. São Paulo: Vida Nova, 1986. p. 36-37.

[← 145]

STOTT, 1986. p. 36-37.

[← 146]

FEE, G. *Paulo, o Espírito e o povo de Deus*. São Paulo: United Press, 1997. p. 102.

[← 147]

NICODEMUS, 2007. p. 41-42. Cf. também STOTT, 1986. p. 44-45.

[← 148]

STOTT, J. *A mensagem de Atos*: até os confins da terra. São Paulo: ABU, 2003. p. 172.

[← 149]

HAHN, E. *Carta aos Efésios, Filipenses e Colossenses*: comentário esperança. Curitiba: Esperança, 2006. p. 119.

[← 150]

FOULKES, F. *Efésios:* introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1963.p. 125-26. (série cultura bíblica)

[← 151]

DOCKERY, D.S. *Fruto do Espírito* In: HAWTHORNE, G.F.; MARTIN, R.P.; REID, D.G. (orgs.) *Dicionário de Paulo e suas cartas.* São Paulo: Vida Nova: Paulus: Loyola, 2008. p. 573.

[← 152]

FEE, 1997. p. 114.

[← 153]

A palavra grega *karpos* funciona como um coletivo singular, isto é, o singular expressando a ideia de plural. FEE, 1997. p. 125.

[← 154]

JENSEN, 1985. p. 19.

[← 155]

ERICKSON, 1997. p. 358.

[← 156]

Quinto pododáctilo.

[← 157]

Para uma discussão mais aprofundada sobre a atualidade dos dons espirituais recomendo a *Coleção Debates Teológicos*: cessaram os dons espirituais? Quatro pontos de vista, organizado por Wayne Grudem, editora Vida, 2003.

[← 158]

Para uma defesa hermenêutica pentecostal do falar em línguas recomendo o livro *No poder do Espírito:* fundamentos da experiência pentecostal: um chamado ao diálogo, de William W. Menzies e Robert P. Menzies, Vida, 2002.

[← 159]

Para o pentecostalismo batismo no Espírito Santo tem como evidência inicial o falar em línguas. “O falar em línguas estranhas, seja como sinal, seja como dom, é uma operação divina encontrada somente a partir de Atos 2. O falar em línguas como sinal do batismo com o Espírito Santo teve seu início no dia de Pentecostes (At 2.4)” Cf. CABRAL, E. *Lições bíblicas*: o que é o batismo com o Espírito Santo. Rio de Janeiro: CPAD. p. 21. 2. tri de 2011. Esse conceito é firme até hoje no movimento.

[← 160]

GRUDEM, 1999. p. 642.

[← 161]

WELKER, Michael. *O Espírito de Deus:* teologia do Espírito Santo. São Leopoldo: Sinodal, 2010. p. 222.

[← 162]

Vale à pena assistir a entrevista de John Piper falando sobre o tema. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=LePVc-w1KRI > Acesso dia 21 Dez 2013.

[← 163]

WELKER, 2010. p. 223.

[← 164]

Sentença também registrada em Marcos 3.29 e Lucas 12.10.

[← 165]

Atividade de Jesus enquanto Messias. Falamos sobre isso no #BTCast 065 – O Messias. Disponível em <http://bibotalk.com.br/site/podcast/btcast-065-o-messias> Acesso 24 Dez 2013.

[← 166]

STOTT *apud* NICODEMUS, A. *O pecado para a morte e a blasfêmia contra o Espírito Santo*. Disponível em <http://tempora-mores.blogspot.com.br/2013/08/o-pecado-para-morte-e-blasfemia-contra.html> Acesso: 24 Dez 2013.

[← 167]

VALE, Inácio J. *Monasticismo Oriental e Ocidental*. Disponível em: <http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/monaquismo/monasticismo_oriental_e_ocidental.html>. Acesso em 16 Ago 2013.

[← 168]

KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. 7. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

[← 169]

Nem mesmo formulações confessionais, como a Confissão de Augsburgo (CA), propõem que liturgias, cerimônias e costumes sejam necessários à unidade externa da Igreja, cf. CA 7.

[←170]

Veja mais adiante neste capítulo as diferentes correntes cristãs sobre o batismo e seu significado.

[← 171]

LEONHARDT, Rochus. *Grundinformation Dogmatik.* 4. Ed. Göttingen: Vandenhoeck&Ruprecht, 2009. p. 359.

[← 172]

Sabe-se que não somente os 11 discípulos de Jesus eram reconhecidos como apóstolos, como também Paulo era assim reconhecido, bem como Silas, Barnabé, Tiago, Timóteo, Apolo entre outros. Além disso, há no Novo Testamento a indicação de um dom de apostolado (1Co 12.27s), que indicaria que o número de apóstolos não estava fechado aos 12 discípulos de Jesus. Hoje, tem-se a compreensão de que apóstolos seriam aqueles que receberam a mensagem de Cristo em primeira mão e foram comissionados para levá-la adiante, seja este comissionamento cf. Mateus 28, ou como o de Paulo. Por esta razão, defendo que hoje não temos mais apóstolos.

[← 173]

Possível referência à profecia do Antigo Testamento. Há estudiosos que defendem que a menção se refere aos profetas cristãos.

[← 174]

As testemunhas oculares do ministério e ressurreição de Cristo são fidedignas e, portanto, apresentadas por Paulo como fundamentos da fé cristã.

[← 175]

Latim: “e do filho”. Este termo foi incluído na parte do credo em que diz que o Espírito Santo procede do Pai e do Filho. A Igreja Ortodoxa defende a formulação sem o *filioque.*

[← 176]

LEONHARD, 2009.p. 5ss.

[←177]

COSTA, Hermisten. *Pietismo:* um desafio à piedade e à teologia. In: Fides Reformata 4/1, 1999. Disponível em: <http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME_IV__1999__1/Hermisten.pdf> Acesso em: 10 Set 2013.

[← 178]

É preciso distinguir entre o envio de missionários pelas igrejas e pelas sociedades missionárias. As sociedades eram organismos paraeclesiásticos ou supraeclesiásticos e agiam independentemente das igrejas. Este movimento missionário, apesar das semelhanças com as ordens medievais, foi algo novo para sua época, porém marcou a forma do cristianismo pensar e praticar sua missão.

[← 179]

Jesus ora para que os cristãos sejam um. Interpretar esta oração como sendo apenas uma referência ao grupo local de cristãos é não compreender a dimensão maior que abarca a oração: o significado real são todos os cristãos em toda a história, incluindo aqueles que virão a crer. Jesus não está recomendando a criação de um organismo ecumênico, mas Seu desejo de uma unidade na fé e na proclamação do evangelho nos leva a estender a mão ao irmão e caminhar juntos, pelo menos naquilo em que é possível.

[← 180]

Não existe UMA ortodoxia protestante, mas várias, a saber: luterana, reformada (calvinista), anglicana, metodista, e por aí vai. Cada denominação formalizou sua confissão de forma que hoje temos várias ortodoxias evangélicas. Qual chamaremos realmente de ortodoxia? É uma resposta difícil, se não impossível. O ecumenismo nos ajuda a chegar a um denominador comum, um ponto em que todos podem dizer: “nisto concordamos e dizemos que somos irmãos em Cristo”.

[← 181]

MOLTMANN, Jürgen. *A Common Earth Religion*: World Religion in an Ecological Perspective In: The Ecumenical Review 63/1. Genebra: WCC, 2011, p. 16-24.

[← 182]

PETERSON, Eugene. *Memórias de um pastor*. São Paulo, Mundo Cristão, 2011. p. 126-7.

[← 183]

PETERSON, 2011. p. 134.

[← 184]

NIEBUHR, Richard H. *Cristo e a Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

[← 185]

Veja, por exemplo, o caso da Bíblia Freestyle. Sua linguagem alcança públicos que não são atraídos por uma tradução convencional. Porém, a forma tende a uma relativização de valores. Para um estudo mais detalhado desta questão veja STAHLHOEFER, Alexander B. *Bíblia Freestyle*: oportunidades e dificuldades na contextualização do texto bíblico, In*:*Azusa: Revista de Estudos Pentecostais. Vol. 4, N. 02. Joinville: Refidim, 2013. Disponível em: <http://www.ceeduc.edu.br/azusa/3_revista_julho_2013.pdf> Acesso em 19 Out 2013.

[← 186]

Ouça o Audiopost #007b – Contextualização: Forma x Conteúdo, em www.bibotalk.com.br com pr. Vitor Hugo Schell a respeito dos limites e possibilidades das formas de comunicação do evangelho. Pr. Vitor doutorou-se no Novo Testamento com uma tese sobre as formas literárias utilizadas por Lucas para compor o livro de Atos dos Apóstolos.

[← 187]

Conforme as críticas bem fundamentadas de VIOLA, Frank. *Cristianismo pagão*. Abba Press.

[← 188]

No Novo Testamento encontramos uma profusão dos termos médio-passivos como “uns aos outros”, “uns com os outros”, por exemplo: amar uns aos outros (Mc 12.33, Rm 12.10, 1Jo 4.7), ter paz uns com os outros (Mc 9.50), edificação de uns para com os outros (Rm 14.19), cooperem uns em favor dos outros (1Co 12.25), perdoem uns aos outros (Ef 4.32). A ética comunitária é bem presente nesta terminologia, que em primeiro lugar, inegavelmente, foi dirigida para dentro da comunidade cristã. É louvável e desejável que perdoemos, amemos, tenhamos paz com todas as pessoas, porém, interpretar estes textos como se referindo apenas aos de fora da igreja é secularizar a ética de grupo preconizada nos textos. Em primeiro lugar, estas atitudes são requeridas em relação aos irmãos na fé da congregação local; segundamente, podem também ser extrapoladas, e seria muito bom se realmente fossem, para o convívio social. Ou seja, rechaçar a igreja local, a reunião dos cristãos em favor do serviço social, do passar tempo com a família, e do aproveitar a vida de forma cristã, sobre o pretexto de que o “reino está dentro de vós”, é uma forma de secularizar e relativizar os textos bíblicos citados anteriormente. Tudo isto, porém, é fruto de um individualismo salvífico, derivado, em certa medida, da teologia pietista, e posteriormente da prática dos movimentos missionários, e exacerbado pelo individualismo secularista e consumista. No entendimento deste grupo, importa o bem-estar e a satisfação do indivíduo. Ele se entende diretamente e individualmente com Deus, logo, o resto (comunidade) é secundário.

[← 189]

Traduzido e levemente modificado a partir do original: LEONHARDT, 2009. p. 367.

[← 190]

ConfessioScotica 18: “ecclesiasticaedisciplinae severa, etex verbi divinipraescripto, observatio, per quamvitiareprimatur, et virtutesalantur”.

[← 191]

LEUENBERGER KIRCHENGEMEISCHAFT. *Die KircheJesu Christi*: Der reformatorischeBeitrag zum ökumenischenDialogüber die kirchlicheEinheit, Wien-Leinz, 1994. p. 13.

[← 192]

LUTHER, Martin. *An den christlichen Adel.* D. Martin Luthers Werke (WA 6, 408, 11-13).

[← 193]

LEONHARDT, 2009. p. 370.

[← 194]

BECKER, Judith. *Was ist Kirche – Reformiert*. Hannoveraner Initiative Evangelisches Kirchenrecht, p. 3-6. Disponível em: <http://www.ekd.de/kirchenrechtliches_institut/download/HIEK2_Becker.pdf> Acesso em: 25 Jun 2013.

[← 195]

LEUENBERGER KIRCHENGEMEISCHAFT, 1994. p. 16; MATOS, Alderi de Souza. *O sacerdócio universal dos fiéis.* Disponível em: <http://www.mackenzie.br/6967.html>Acesso em 25 Jun 2013.

[← 196]

CONFISSÃO DE AUGSBURGO. Disponível em: <http://www.teologia.org.br/estudos/confissao_de_augsburgo.pdf>Acesso em 25/06/2013.

[← 197]

COMBLIN, José. *Teologia da Missão*. Petrópolis: Vozes, 1973. p. 17.

[← 198]

COMBLIN, 1973.p. 18.

[← 199]

ZWETSCH, Roberto E. *Missão – testemunho do evangelho no horizonte do reino de Deus* in SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (org.). *Teologia prática no contexto da América Latina*. São Leopoldo: Sinodal, São Paulo: ASTE, 1998. p. 202.

[← 200]

ZWETSCH, Roberto E. 1998.p. 203.

[← 201]

COMBLIN, 1973.p. 17-18.

[← 202]

PINTO, Homero Severo (org.). *Missão de Deus - Nossa paixão: Texto base para o plano de Ação Missionária da IECLB 2008-2012*. São Leopoldo: Sinodal, 2008. p. 36-54.

[← 203]

PINTO, 2008. p. 37

[← 204]

Neste ponto, as observações de COMBLIN, José. *Os desafios da cidade no século XXI*. São Paulo: Paulus, 2003. p. 33ss, são muito importantes a fim de proporcionar um panorama do contexto cultural brasileiro. O autor aponta para um dado interessante: o ateísmo e a secularização não são impedimentos, nem mesmo dificuldades para a missão cristã. O que o ser humano secularizado não quer é uma religião imperialista e estática, pois ele não desacreditou em Deus, mas desacreditou no deus que a Igreja cristã domesticou. O ser humano pós-moderno ainda crê, mas está na busca por este algo em que crer. Por isso, as novas religiões têm sucesso.

[← 205]

PINTO, 2008. p. 42.

[← 206]

Eternamente sozinho é a tradução literal da expressão, contudo, ela é utilizada para expressar a ideia de solidão.

[← 207]

Vide nota 204 acima.

[← 208]

PINTO, 2008. p. 47ss.

[← 209]

Confira no blog bibotalk.com.br o #BTCast 053 – O Bom Samaritano, no qual osbtcasters examinam essa parábola.

[← 210]

PINTO, 2008. p. 51ss.

[← 211]

É uma apresentação humorística na qual o comediante só utiliza como recurso humorístico suas histórias, sem fantasias, sem efeitos, só o microfone.

[← 212]

Apesar de o termo grego significar imersão, não defendemos aqui que a imersão seja o único método válido para a prática batismal. Não é a quantidade, nem o tipo da água, nem o modo pelo qual alguém é batizado que torna o evento eficaz, mas é a Palavra de Deus e Sua promessa que perfazem o batismo. Aceitamos assim que tanto batismos por aspersão, infusão ou imersão em água parada ou corrente são plenamente batismos cristãos e válidos.

[← 213]

OEPKE, A. *bapto*In:KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard. *Theological Dictionary of the New Testament.* Electronical Abridged Edition. W. B. Eerdmans Publishing Company, 1977. p. 95.

[←214]

OEPKE, 1977. p. 94.

[← 215]

GOPPELT, Leonhard. *Teologia do Novo Testamento.*Vol. 1. 2. Ed. São Leopoldo: Sinodal, Petrópolis: Vozes: 1983. p. 74-75.

[← 216]

GOPPELT, 1983. p. 75-76.

[←217]

LUTERO. Martinho. *Catecismo Maior* In: LIVRO DE CONCÓRDIA. 5. Ed. São Leopoldo: Sinodal, Porto Alegre: Concórdia: 1997. p. 483.

[←218]

LUTERO,1997. p. 475.

[←219]

O conceito de redenção da cultura foi tratado no #BTCast 060 – O Cristão e a Cultura, com o músico e pastor Carlinhos Veiga http://bibotalk.com.br/site/podcast/btcast-060-o-cristao-e-a-cultura

[← 220]

BONHOEFFER, Dietrich. *Finkenwalder Homiletik* citado por PANNENBERG, Wolfhart, *Repetitorium Dogmatik*, München, 1991. p.100. (Material não publicado).

[← 221]

BONHOEFFER, Dietrich. *Sanctorum Communio*. Eine dogmatische Untersuchung zur Soziologie der Kirche. München, 1969. p. 92.

[← 222]

BONHOEFFER, Dietrich. *Wiederstand und Ergebung*. Briefe und Aufzeichnungen aus der Haft. München, 1949. p. 261.

[← 223]

Para uma introdução ao estudo da escatologia, ouça o #BTCast 030 – Escatologia. Disponível em: <http://bibotalk.com.br/site/podcast/btcast-030-escatologia> Acesso em: 30 Nov 2013.

[← 224]

Descrito na Bíblia como novos céus e nova terra (Is 65.17; 66, 22; 2Pe 3.13 e Ap 21.1).

[← 225]

LLOYD-JONES, Martyn. *Grandes doutrinas bíblicas*: a igreja e as últimas coisas. São Paulo: PES, 1999. p. 300.

[← 226]

Dedicamos um #BTCast inteiro para esta discussão. Ouça e aprofunde seus conhecimentos: #BTCast 044 – Ressurreição. Disponível em: <http://bibotalk.com.br/site/podcast/btcast-044-ressurreicao> Acesso em: 30 Nov 2013.

[← 227]

Os mortos não louvam significa que a ação de adorar a Deus, ou seja, a comunicação do ser humano para com Deus acaba na morte. Não significa, porém, que Deus, em Sua onipotência, não tenha poder sobre os mortos. Justamente, é por esta razão que, mais tarde, os autores do Antigo Testamento tratarão do assunto da ressurreição.

[← 228]

O Salmo 88.6 utiliza um substantivo, qualificado por três adjetivos que indicam uma grande separação entre o mundo dos vivos e o dos mortos: a cova ou cisterna (um buraco) é qualificada como sendo (1) o mais profundo de todos; (2) um lugar escuro; (3) o abismo/abissal. Por esta razão, Medard KEHL chama o mundo dos mortos de “Terra do Esquecimento”, cf. KEHL, Medard. *Eschatologie.* Würzburg: Echter, 1988. p. 125.

[← 229]

Com relação à temática da morte e da imortalidade da alma, ouça o #BTCast 040 – Morte e Imortalidade. Disponível em: <http://bibotalk.com.br/site/podcast/btcast-040-morte-e-imortalidade> Acesso em: 30 Nov 2013.

[←230]

Tradução do autor.

[←231]

KEHL, 1988. p. 126.

[← 232]

STEMBERGER, Günter. *Auferstehung I/2 in* KRAUSE, Gerhard, MÜLLER, Gerhard (ed.). *TheologishceRealenzyklopädie (TRE)*. Berlin: de Gruyter, 1979. vol. 4, p. 442-3.

[← 233]

Paulo usou o mesmo exemplo já muito conhecido entre os fariseus de sua época ao compor 1 Coríntios 15.36ss.

[← 234]

STEMBERGER, 1979. p. 446-7.

[← 235]

1 Tessalonicenses foi uma das primeiras cartas escritas por Paulo, e também um dos primeiros textos do Novo Testamento.

[← 236]

MÜHLING, Markus. *Grundinformation Eschatologie.* Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2007. p. 243-4.

[← 237]

MÜHLING, Markus. 2007. p. 24; SCHWAMBACH, Claus. A ressurreição dos mortos. (Apostila do Seminário de Aprofundamento Histórico-Sistemático). São Bento do Sul: FLT, 2008. (Material não publicado).

[← 238]

POHL, Adolf. *Die Offenbarung des Johannes: 2. Teil (Kapitel 8-22).*Berlin: EvangelischeHaupt-Bibelgesellschaft, 1974. (WuppertalerStudienbibel). p. 238.

[← 239]

Não apenas no sentido espiritual. Enquanto a primeira ressurreição é espiritual, apenas para os crentes, a segunda é geral, para todos os que um dia experimentaram a morte física.

[← 240]

HOEKEMA, Anthony A. *A Bíblia e o futuro.* São Paulo: Casa Ed. Presbiteriana, 1989. (Capítulo 17 – A Ressurreição do Corpo).

[← 241]

Tratamos dos momentos finais de Cristo e sua ressurreição no #BTCast 025 – Então é Páscoa. Disponível em: <http://bibotalk.com.br/site/podcast/btcast025-entao-e-pascoa > Acesso em: 30 Nov 2013.

[← 242]

HOFFMANN, Paul. *Auferstehung I/3 in* TRE, vol. 4, p. 453.

[← 243]

Compreendemos esta possibilidade como indicando a continuidade histórica entre o “eu” presente e o futuro, e não literalmente como se os mutilados continuassem mutilados na ressurreição.

[← 244]

KOCH, Klaus. *Reich Gottes I.Altes Testament in:* BETZ, Hans Dieter, et ali (orgs.). *Religion in Geschichte und Gegenwart (RGG^4)*. 4. Ed. Tübingen: Mohr Siebeck, 2004, col. 202-3.

[← 245]

GOPPELT, Leonhard. *Teologia do Novo Testamento*. 3. Ed. São Paulo: Teológica: Paulus, 2003. p. 100ss.

[← 246]

CONZELMANN, H. *Art.Reich Gottes I.2 in:* GALLING, Kurt (Ed.). *Die Religion in Geschichte und Gegenwart (RGG*^{3}*)*.3. Ed. Tübingen: MohrSiebeck, 1961, vol. 5, col. 914-916.

[← 247]

CONZELMANN, 1961. p. 914-16.

[← 248]

Este excurso baseou-se na apostila das aulas de escatologia do prof. dr.ClausSchwambach, na Faculdade Luterana de Teologia. Material não publicado.

[← 249]

Não abordamos em nosso livro uma interpretação geral do livro do Apocalipse e dos fenômenos profético e apocalíptico na Bíblia. Para tanto, sugerimos ouvir o #BTCast 032 – O Fenômeno Apocalíptico. Disponível em: <http://bibotalk.com.br/site/podcast/btcast-032-o-fenomeno-apocaliptico> Acesso em: 30 Nov 2013.

[← 250]

A série de livros Deixados para Trás, de Tim LaHaye e Jerry B. Jenkins, representa uma forma romanceada da intepretação dispensacionalista.

[← 251]

Quanto a uma compreensão amilenista do arrebatamento e as diferenças desta compreensão em relação às demais compreensões, ouça o #BTCast 054 – Arrebatamento, com o rev. Leandro Lima. Acesso em: <http://bibotalk.com.br/site/podcast/btcast-054-arrebatamento> Acesso em: 30 Nov 2013.

[← 252]

Dedicamos um podcast inteiro para debater a interpretação do milênio numa perspectiva amilenista. #BTCast 034 – O Milênio, mais uma vez com o rev. Leandro Lima. Acesso em: <http://bibotalk.com.br/site/podcast/btcast-034-o-milenio> Acesso em: 30 Nov 2013.

[← 253]

Estas imagens do reino na Bíblia foram apresentadas nesta ordem didática em MÜHLING, Markus. *GrundinformationEschatologie.* O conteúdo e a explanação de cada tópico não segue necessariamente o conteúdo do referido autor, do qual extraímos o esquema e as citações bíblicas.

[← 254]

FORD MASSYNGBERDE, J. *Revelation in* ALBRIGHT, William, FREEDMAN, David N. *The Anchor Bible.* New York: Doubleday & Company, 1975, vol. 38, p. 340-5.

[← 255]

BEUKEN, Willem A. M. *Jesaja 1-12*. Freiburg: Herder, 2003, p. 313-5. (Herders Theologischer Kommentar zum Alten Testament).

[← 256]

MÜHLING, 2007. p. 308.

[← 257]

Além das duas passagens citadas no título desta secção, soma-se a elas 2 Coríntios 12.4, em que Paulo relata do arrebatamento de um homem ao paraíso, onde vira coisas inomináveis.

[← 258]

MÜHLING, 2007. p. 308; STOLZ, Fritz. *Paradies II* In*:* TRE 25, p. 708-711.

[← 259]

Bibo nos presenteou com esta pérola teológica no #BTCast 054 – Arrebatamento, com a participação do rev. Leandro Lima.

[← 260]

MÜHLING, 2007. p. 308

[← 261]

KESSLER, Rainer. *Micha*.Freiburg: Herder, 1999.p. 189s *(HThK-AT 45).*

[← 262]

MÜHLING, 2007. p. 309ss.

[← 263]

Acreditava-se, por exemplo, que Moisés havia sido arrebatado.

[← 264]

Na sua monumental exposição da teologia de Paulo, James DUNN foge do assunto da volta real e física de Cristo e do arrebatamento, buscando apenas apontar que o centro querigmático da perícope é o de que os que haviam falecido sem ver a volta de Cristo, não seriam esquecidos quando o evento acontecesse, e fazendo com que a imagem escolhida por Paulo fosse apenas algo secundário e de pouca importância, provavelmente um derivado da mística. Cf. DUNN, James. *The Theology of Paul the Apostle.* London: T&T Clark, 2003, p. 298-315.

[← 265]

FEE, Gordon. *The First and Second Letters to the Thessalonians.* Grand Rapids: W.B. Eerdmans, 2009, p.178-182. (The New International Commentary on the New Testament).

[← 266]

MÜHLING, 2007. p. 310s.

[← 267]

LUTHER, Martin. *De Servo Arbitrio*In:LUTHER, Martin. *Martin Luthers Werke*. 120 Vols. Weimar, Metzler, 2000-2007, vol. 18, p. 785. (WA, 18,785).

[← 268]

BOÉCIO citado por HÄRLE, Wilfried. *Dogmatik.* 4. Ed. Berlin, De Gruyter, 2012, p. 664.

[← 269]

HÄRLE, 2012. p. 664-68.

[←270]

BARTH, Karl. *Kirchliche Dogmatik.* Vol II/1, München, Siebenstern, 1965, p. 688.

[← 271]

PANNENBERG, Wolfhart. *Systematische Theologie*. Göttigen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1993, vol. 3, p. 642-650.

[← 272]

Termo grego que significa “tempo oportuno/momento decisivo”, muitas vezes contraposto ao termo “*chronos*” que significa o tempo cronológico.

[←273]

273 FOHRER, G.; SELLIN E. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Academia Cristã: Paulus, 2007. p. 151.

[← 274]

ARCHER, Gleason L. *Merece confiança o Antigo Testamento?* 4. Ed. São Paulo: Vida Nova, 1986. p. 11.

[←275]

HALE, Broadus David. *Introdução ao estudo do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: JUERP, 1983. p. 24.

[← 276]

FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. *Teologia sistemática*:uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual. São Paulo: Vida Nova, 2001. p. 87.

[←277]

ERICKSON, Millard J. *Introdução à teologia sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1992. p. 56.

[←278]

PANNENBERG, Wolfhart. *Teologia sistemática*. Vol. I. Madrid: UPCO, 1992. p. 207.

[←279]

ERICKSON, 1992, p. 90.

[←280]

FERREIRA, 2001. p. 148.

[← 281]

FERREIRA, 2001. p. 118.

[← 282]

ERICKSON, 1992.p. 90.

[← 283]

STRONG, Augustus Hopckins. *Systematic theology*: a compendium designed for the use of theological students. Domínio Público, 1903. p. 271.

[←284]

FERREIRA, 2001. p. 118.

[← 285]

A Declaração de Chicago foi uma produção conjunta de diversas igrejas protestantes históricas dos Estados Unidos em 1978 sobre a inerrância da Bíblia.

[← 286]

Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/credos/declaracao_chicago.htm.> Acesso em: 09 Nov 2013.

[←287]

ERICKSON, 1992. p. 87.

[←288]

FERREIRA, 2001. p. 119.

[← 289]

BRAKEMEIER, Gottfried. *A autoridade da Bíblia*: controvérsias - significado - fundamento. São Leopoldo: Sinodal, 2003. p. 36

[← 290]

FERREIRA, 2001. p. 141.

Table of Contents

Notas